A PEDAGOGIA DE JESUS

O Mestre por Excelência



JUERP

J. M. PRICE

J. M. Price

A PEDAGOGIA DE JESUS

O Mestr e por Ex cel ência

3º ed i ção

JUERP

Digitalizado por Daniel-Tech

LANÇAMENTO
SEMEADORES DA PALAVRA

http://semeadoresdapalavra.top-forum.net/portal.htm

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Tradução autorizada do original em inglês

— JESUS THE TEACHER (edição revista de 1954)

feita pelo Rev. Waldemar W. Wey.

Anteriormente publicado sob o título: **Jesus, o Mestre por Excelência.**

268.6
Price, J. M.
A pedagogia de Jesus; o mestre por excelência.
Tradução do Rev. Waldemar W. Wey – 3ª edição
Rio de Janeiro – RJ – JUERP - 1980

Título original em inglês: Jesus the Teacher.

1. Pedagogia Religiosa
   I. Título
   II. Jesus o Mestre por Excelência

Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320 – CEP: 20.000
Rua Silva Vale, 781 - Cavalcanti - CEP: 21.370
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Impresso em gráficas próprias

3.000 / 1980

SUMÁRIO

Prefácio 5

1.A Idoneidade de Jesus Para Ensinar 6

2.Características dos Discípulos de Jesus 17

3.O Objetivo do Ensino de Jesus 28

4.Princípios Subjacentes à Obra de Jesus 39

5.Como Jesus Usava Seu Material de Ensino 51

6.Sua Maneira de Dar Lições 63

7.Alguns Métodos Usados por Jesus 74

8.Outros Métodos de Que Jesus Lançou Mão 85

9.Resultados do Seu Labor 96

PREFÁCIO

Este livro é a resultante do trabalho de aulas dadas sobre educação religiosa no Seminário do Sudoeste e de palestras feitas para professores de Escolas Bíblicas Dominicais em igrejas, em reuniões de congressos e de convenções regionais de Escolas Bíblicas Dominicais, e em cursos intensivos.

Esta obra não pretende ser uma apresentação exaustiva ou erudita de Jesus como mestre. O objetivo deste volume é extrair da vida e dos ensinos de Jesus aquelas verdades que possam dar aos professores melhor visão e maior estímulo em sua gloriosa tarefa.

Nosso estudo parte do sentimento de que os professores de Escola Bíblica Dominical são hoje efetivamente a maior força para o ensino e a prática do bem, de que laboram sob dificuldades e desencorajamentos mui fortes e de que, para o bendito labor em que estão empenhados, precisam muito e muito de inspiração e de maior preparo.

Agradecemos às várias editoras que nos concederam a devida licença para as citações que fazemos, bem como os que leram o manuscrito e nos externaram sua crítica construtiva e seu indispensável incentivo. Que este livro seja uma bênção para os professores e outros mais que estão vivamente empenhados na gloriosa obra de educação religiosa de nossa gente. *

J. M. Price

* As citações do Novo Testamento são tiradas da versão da Imprensa Bíblica Brasileira baseada na tradução em Português de João Ferreira de Almeida, de acordo com os melhores textos em Hebraico e Grego, 2ª Impressão.

1

A IDONEID ADE DE JESUS P ARA ENSIN AR

Ninguém esteve melhor preparado, e ninguém se mostrou mais idôneo para ensinar do que Jesus. No que toca às qualificações, bem como noutros mais respeitos, Jesus foi o mestre ideal. Isto é verdade tanto visto do ângulo divino' como do humano. No sentido mais profundo, Jesus foi "um mestre vindo da parte de Deus". Muitos elementos contribuíram para prepará-lo eficientemente para o magistério. Alguns elementos eram meramente humanos; outros, divinos; alguns lhe eram inerentes, e outros, ele os desenvolveu. Quando os consideramos, nos sentimos estimulados e inspirados para cumprir nossa tarefa de professor.

1. ***A Encarnação da Verdade***

O elemento mais importante na qualificação de qualquer professor é justamente aquilo que ele é em si. Todos reconhecemos que um só exemplo vale por cem ou mil conselhos. " Aquilo que você é troveja tão alto que não posso ouvir o que você diz." A melhor encadernação para os Evangelhos não é o marroquim: é, sim, a pele humana. Foi este fato que levou o Presidente Garfield a dizer que, no seu entender, a universidade ideal era uma tora de madeira, tendo John Hopkins numa extremidade e um estudante na outra. Foi esta verdade que levou Emerson à dizer que o que mais importa não é o que aprendemos, e, sim, com quem aprendemos. Foi ainda este fato que levou o notável superintendente Stephen Tyng a responder a um quesito do regimento interno de sua Escola Bíblica Dominical: "Sinto muito, mas não posso concordar".

"A verdade encarnada é a única verdade espiritual que consegue apelar de modo efetivo. Por isso, cada professor deve sentir bem fundo em seu coração que sua pessoa é a lição que mais apela ao coração do aluno." Isto de fato é assim, porque a verdade mais se apanha do que se ensina. A influência inconsciente é mais poderosa do que a consciente. "As palavras do professor só chegam até onde as projeta a força propulsora duma vida piedosa." É o peso do machado que o faz penetrar mais fundo na árvore que se quer derrubar. Por isso o professor de Escola Bíblica Dominical deve ser alguma coisa para poder eficientemente dizer alguma coisa. "A vida do professor é a vida' do seu ensino."

Foi aquilo que eles foram que conseguiu dar ao mundo professores da estatura de Arnold, de Rugby; de Phelps, de Yale; de Broadus, do Seminário do Sul; e de Carroll, do Seminário do Sudoeste.

Jesus foi a encarnação viva da verdade. Ele disse: "Eu sou... a verdade" (João 14:6). Ele foi cem porcento aquilo que ensinou. Fosse qual fosse o assunto, ele o encarnava e ensinava com transbordamento de toda a sua vida. S. D. Gordon disse: "Jesus tinha já feito antes de fazer, viveu aquilo que depois ensinou viveu tudo antes de ensinar, e viveu tudo bem mais do que pôde ensinar." C. S. Beardslee assim se expressou sobre Jesus: "Sua grande alma deu lugar bem grande para que o Espírito Santo o ungisse inteira e completamente... Olhando para os olhos dele, você vê a luz em sua inteireza... Ele tinha ilimitadas reservas de verdade, de majestade, de beneficência, de entusiasmo, de paciência, de persistência, de longanimidade... Ele mostrou aos que dependiam de outros como deviam confiar; aos servos, como servir; aos governadores, como dirigir; aos vizinhos, como serem amigos; ao necessitado, como orar; ao sofredor, como suportar; e a todos os homens, como morrer... Ele é o ensino modelar para todas as épocas."

Esta encarnação da verdade proveio de duas coisas. Do fato de ele ser Deus e possuir as perfeitas qualidades de Deus. Foi ele o único ser perfeito. Ele difere de nós em qualidade e também em grau. Por isso jamais poderemos nos aproximar de sua perfeição. Também a sua encarnação da verdade proveio do fato de ele ter estudado e experimentado a verdade, e feito dela parte de si mesmo. "Jesus crescia em sabedoria" (Luc. 2: 52). Jesus aprendeu como filho e como irmão dentro de seu lar, pelo estudo e freqüência à sinagoga, e também com as experiências naturais da vida humana. Experimentou tentações que diziam respeito à conservação de sua própria vida, à consideração social e à ambição do poder. O escritor da Carta aos Hebreus diz: "Convinha que ele (Deus)... fizesse dele, pelo sofrimento, o pioneiro da perfeita salvação deles" (Heb. 2:10).

A encarnação da verdade pelo mestre afetava o seu ensino pelo menos de duas maneiras. Em primeiro lugar, dava-lhe um tom de autoridade que se não via nos escribas e rabinos do seu tempo — os professores oficiais dos dias de Jesus. A sabedoria destes era mais aquela vinda de fora, era matéria de oitiva, ensinavam mais citando autoridades e a tradição. A sabedoria de Jesus vinha de dentro e não precisava de escoras ou de confirmação. "Este mestre era diferente. Não citava ninguém, e apresentava sua própria palavra como suficiente." Portanto, ensinava com clareza meridiana, com convicção e poder. O povo "se admirava do seu ensino, porque ele os ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas" (Mar. 1:22). O fato de viver aquilo que ensinava também inspirava confiança naquilo que dizia. O povo viu corporificado no que ele praticava aquilo que ele queria que eles fizessem. Anotavam como ele

se comportava diante da tristeza, da crítica, do desapontamento, da perseguição. O seu modo de viver reforçava e dava peso àquilo que dizia. "A maior coisa que seus discípulos aprenderam de seus ensinos não foi a doutrina, e, sim, sua influência. Até a última hora de suas vidas, a maior coisa foi o terem eles estado com Jesus." Por isso, "designou doze para estarem com ele" (Mar. 3:14).

Como mestres humanos podemos demonstrar em nossa vida "o delineamento do Cristo que mora em nós". Somente assim podemos estar na altura deste primeiro teste de habilitação ou idoneidade.

2 . ***O Desejo de Servir***

Um dos elementos essenciais para a qualificação de um professor é o interesse que deve ter pelo povo e o desejo de servi-lo bem, de ajudá-lo. Sem esta qualidade, o mestre será "como o metal que soa, ou como o címbalo que retine", muito embora conheça bem a Bíblia, o discípulo e os métodos de ensino. Nada pode suprir a falta de interesse pelo bem-estar de nossos semelhantes. Saber enfrentar uma grande classe, possuir boas estatísticas, ou conhecer de sobejo os melhores métodos de ensino não constituem substituto apropriado para aquele profundo interesse que devemos ter pelo próximo.

Por outro lado, amando e desejando servir bem a nossos alunos, teremos suprido em boa parte as deficiências de conhecimentos e de técnica. Algumas personalidades pouco prometedoras que conhecemos se tornaram ótimos professores de adolescentes (a idade mais crítica); e isto se explica pelo fato de terem amado verdadeiramente os alunos daquela idade. Mais cedo ou mais tarde, os discípulos compreendem esse amor e interesse do professor, e a eles respondem. Todo o mundo ama aquele que ama.

Brilhou sempre no caráter de Jesus esse interesse profundo pelo bem-estar de todos. Jesus se interessava mais por pessoas do que por credos, cerimônias, organizações ou equipamento. Via o povo "como ovelhas sem pastor" (Mar. 6:34). Se Will Rogers podia dizer que nunca viu uma pessoa de quem não gostasse, o que não poderíamos dizer de Jesus a este respeito?! Quando os fariseus criticaram os discípulos de Jesus por haverem colhido espigas no dia de sábado, ele os defendeu, dizendo: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Mar. 2:27). Quando aquele jovem avarento e egocentralizado fez Jesus parar na estrada para lhe perguntar qual o caminho que conduz à vida, diz o evangelista que "Jesus, contemplando-o, o amou" (Mar. 10:21). Na ocasião em que certo homem atacado de lepra suplicou a Jesus que o curasse, ele se sentiu todo tomado de profunda simpatia por aquele sofredor, e "estendendo a mão, tocou-o" (Mar. 1:41). Seu coração encheu-se de afeição pelos escribas que viviam a criticá-lo, pelos ciumentos fariseus, pelos desprezados

e odiados publicanos, pelos pecadores malquistes, pelo cego, pelo surdo, pelo coxo.

Ele sempre amou a todos e se interessava vivamente por seus problemas. "Ele encarnou e revelou todo o amor de Deus, e se compadeceu dos homens por todos os seus males e padecimentos."[7] O Mestre não só se interessou pelos problemas humanos, mas sempre buscou fazer alguma coisa para solucioná-los. Revelou sempre genuíno espírito missionário, e afirmava repetidamente que viera para servir, e não para ser servido (Mat. 20:29). Não se julgou tão cansado que não pudesse conversar sobre a Água da Vida com uma decaída junto ao poço de Sicar. Não achou que lhe seria desdouro visitar em sua própria casa um malquisto coletor de impostos. Não deu ouvidos à crítica dos líderes religiosos e se associou com pecadores, para tirá-los do seu pecado. Nas parábolas da ovelha e da dracma perdidas e do filho pródigo, Jesus mostrou que realmente estava interessado em tudo. Seu coração se derretia de simpatia por um mundo necessitado, e suas mãos secundavam e espalhavam essa simpatia por meio de serviço e ajuda.

Esta atitude foi a característica de todos os grandes mestres que passaram por este mundo. Foi a atitude de Pantenus, que fundou em Alexandria, ao lado duma universidade pagã, a primeira escola cristã; de Benedito, quando organizou uma ordem de mestres em Monte Cassino, ordem que grandemente influenciou a Europa por três séculos; de Geraldo Groote, ao fundar a sociedade dos Irmãos da Vida Simples, que ensinariam crianças pobres; de Loiola, ao constituir a ordem dos jesuítas para ensinar os jovens; e de Roberto Raikes ao inaugurar o glorioso movimento da Escola Dominical que hoje se estende pelo mundo todo. O vivo desejo de servir é indispensável ao ensino vitorioso.

3 . ***A Crença no Ensino***

Jesus viu no ensino a gloriosa oportunidade de formar os ideais, as atitudes e a conduta do povo em geral. Ele não se distinguiu primeiramente como orador, como reformador, nem como chefe, e, sim, como mestre. Vemos perfeitamente que ele não pertenceu à classe dos escribas e rabinos que interpretavam minuciosamente a Lei. Não. Ele ensinou. De forma alguma se distinguiu ele como "agitador da massa popular". Não comprometeu sua Causa com apelos em reuniões populares, com práticas ritualistas, ou com manobras políticas, não. Ele confiou sua Causa aos prolongados e pacientes processos de ensino e de treinamento. L. A. Weigle diz: "Jesus lançou mão do método educativo, e não do método de força política, ou de propaganda, ou do poder." E J. A. Marquis acrescenta: "A principal ocupação de Jesus foi o ensino. Algumas vezes ele agiu como curador, outras vezes operou milagres, pregou frequentemente; mas foi sempre o Mestre. Ele não se pôs a ensinar porque não tivesse outra coisa a

fazer; mas, quando não estava ensinando, estava fazendo qualquer outra coisa. Sim, ele fez do ensino o agente principal da redenção."

A ênfase que Jesus deu ao ensino ressalta do fato de em geral ser ele reconhecido como Mestre. "À luz dos Evangelhos, vemos que seus discípulos e contemporâneos o tornavam como mestre." Ele foi mesmo chamado Mestre, Professor ou Rabi; e tudo isto, traz em seu bojo a mesma idéia geral expressa por Nicodemos quando disse:: "Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus" (João 3:2). Nos Evangelhos, Jesus é chamado mestre nada menos de quarenta e cinco vezes, e nunca se fala nele como pregador. L. J. Sherril diz que, somando-se todos os termos equivalentes a mestre, temos o total de sessenta e um.[11] Norman Richardson anota que o vocábulo *Mestre* é usado sessenta e seis vezes na Versão *King James;* cinqüenta e quatro vezes é derivado da palavra grega que significa professor ou mestre.[12] Fala-se em Jesus ensinando, quarenta e cinco vezes; e onze apenas pregando, e, assim mesmo, pregando e ensinando, como vemos cm Mateus 4:23 — "ensinando em suas sinagogas e pregando o evangelho do reino". Chamavam-no mestre não apenas os doze, mas também outros mais discípulos seus.

Outrossim, Jesus a si mesmo se chamava Mestre, dizendo: "Vós me chamais Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque eu o sou" (João 13:13). Também dizia ser "a luz", vocábulo que traz a idéia de instrução. Nesta linha de pensamento, interessante é notar que João Batista sempre foi mais chamado pregador que mestre.

Outra indicação desta ênfase sobre o ensino é. a terminologia empregada para descrever os seguidores e a mensagem de Jesus. Não são eles chamados súditos, servidores ou camaradas. A palavra *cristão* só é empregada três vezes em o Novo Testamento para caracterizá-los e assim mesmo uma vez como zombaria. No entanto, vemos a palavra *discípulo,* que significa *aluno* ou *aprendiz,* empregada 243 vezes, para referir-se aos seguidores de Jesus. A mensagem de Jesus diz-se ser *ensino* (39 vezes), e *sabedoria* (seis vezes), não dando tanto a ideia de preleção ou sermão. A expressão *Sermão do Monte* não é usada pelos escritores do Novo Testamento. Mateus apenas diz — "E ele se pôs a ensiná-los, dizendo..." (Mat. 5:2). Tal peça deve ser intitulada — O *Ensino do Monte,* e não O *Sermão do Monte.*

Também se revela bem a ênfase do Mestre em ensinar no modo entusiasta e até agressivo pelo qual externou sua atividade educadora. Ele ensinava em qualquer lugar e a toda hora — no Templo, nas sinagogas, no monte, nas praias, na estrada, junto ao poço, nas casas, em reuniões sociais, em público e em particular. "Relutava mesmo em curar, preferindo aproveitar a oportunidade para apresentar sua mensagem." Mateus diz — "Andava Jesus por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, e proclamando as boas-novas do reino, e

curando todas as doenças e enfermidades entre o povo" (Mat. 4:23, tradução de Goodspeed). Toda a obra de Jesus estava envolta em atmosfera didática, e não tanto num ar de preleções ardentes, pois observamos que os ouvintes se sentiam à vontade para lhe fazer perguntas, e ele, por sua vez, lhes propunha questões e problemas.

Ele preparou um grupo de mestres para que levassem avante sua obra. "No decorrer dos últimos dias de sua trabalhosa vida, ele se dedicou ao ensino e preparo do pequeno grupo de discípulos que a ele se agregara." E ele os enviou aos confins da terra para que fizessem discípulos (para que matriculassem na escola de Cristo), a batizá-los (uma ordenança educadora) e a instruí-los na observância de todas as coisas que lhes tinha mandado (Mat. 28:19,20). Jesus cria muito e muito no ensino, requisito este indispensável a qualquer professor. Ele se dedicou ao ensino e sempre dignificou tal vocação. "A maior glória da profissão do mestre está no fato de haver Jesus Cristo escolhido ser mestre, quando se viu face a face com aquilo que tinha a realizar na vida." George H. Palmer percebeu bem este espírito, quando assim se expressou "Creio tanto no ensino que, se necessário fosse, pagaria pelo privilégio de ser mestre em.vez de receber algo por ensinar."

4. ***O Conhecimento das Escrituras***

Outra coisa essencial num professor é o conhecimento das Escrituras, porque este é o primeiro material que vai usar. Jesus se mostrou perfeitamente qualificado neste particular. Prova-o o episódio de sua tentação, quando enfrentou os esforços do diabo, que pretendia confundi-lo com citações das Escrituras (Mat. 4:1-11). Prova-o a conversa na estrada de Emaús, quando Jesus explicou os ensinos das Escrituras relativos à sua Pessoa (Luc. 24:27). No decorrer do seu ministério, Jesus citou passagens de pelo menos vinte livros do Velho Testamento e mostrou estar perfeitamente familiarizado com o conteúdo dele. De fato, ele o conhecia tão bem que chegou mesmo a contrastar sua precariedade com a inteireza daquilo que ele ensinava (Mat. 5:17-48). Jesus não só conhecia as Escrituras, como também as assimilou de tal modo que as podia aplicar livre e perfeitamente às necessidades e ocorrências do dia.

Sua maestria não provinha só de sua divindade, mas também de seus estudos. Iniciara-os na infância, dentro do lar judeu, onde se respirava atmosfera profundamente religiosa e educativa. B. A. Hinsdale diz: "Até mesmo os deveres domésticos, cumpridos pela mãe de família, moldavam o caráter dos filhos segundo a disciplina nacional."

E é Haroldo Wilson quem afirma: Mesmo estando ele (o menino judeu) ainda nos braços da mãe, seus olhos vêem já muitos objetos cuja significação

religiosa lhe será oportunamente explicada por ela." Dentre tais hábitos figurava o de beijar os dedos que apanhariam os pergaminhos das Escrituras guardados por sobre a porta, ou os filactérios usados no pulso ou na testa; já a criança judia via as orlas coloridas da veste exterior de seu pai lembrando-lhes os mandamentos do Senhor; escutava as orações e ações de graças diárias, notadamente às refeições; aprendia a guardar o sábado, admirando-se ao ver acender-se o fogo e a lâmpada sabáticos: tomava parte nas festas anuais, como a da Páscoa e a dos Tabernáculos; assistia à solene oferta a Deus do primogênito do rebanho e da manada. Assim, foi que Jesus aprendeu as Escrituras no seu lar, e ali cresceu em sabedoria como em estatura. "Nazaré está presente duas vezes, ou mais, em tudo quanto Jesus disse."

Jesus também aprendeu na sinagoga, pois, nos dias dele, estava ela espalhada por todos os lugares, e a freqüência a ela era hábito arraigado, quando não coisa obrigatória. Lucas diz: "No sábado Jesus entrou na sinagoga, como efa' seu costume" (Luc. 4:16). Wilson acha que Jesus ia à sinagoga pelo menos uma vez em cada sábado, e isso por vinte anos ou mais. Nela havia exercícios religiosos aos sábados, nas segundas e quintas-feiras, nos dias de festa e nos de jejum. A sinagoga era instituição puramente educacional ou instrutora. Lá a Lei (os cinco primeiros livros da Bíblia) era lido por uma pessoa, um intérprete explicava um versículo de cada vez, aplicando a leitura à vida do povo em geral. Assim, se lia toda a Lei de três em três anos e meio, mais ou menos como se dá hoje com nossas lições uniformizadas. A segunda leitura do dia era tirada dos profetas, sendo lidos e explicados três versículos de cada vez. Desta natureza foi a leitura que Jesus fez na sinagoga de Nazaré, registrada em Lucas 4:17-19. Algumas vezes faziam-se perguntas para que os assistentes respondessem. Ainda recitavam também em uníssono certas passagens escriturísticas. Assim foi que Jesus aprendeu a Lei e os profetas, habilitando-se para refutar os rabinos e perguntar-lhes: "Não lestes?"

Ligada à sinagoga havia uma escola elementar para meninos, que funcionava nos dias da semana. Criava-se onde existissem vinte e cinco alunos, e era obrigatória a freqüência. Na verdade não se admitia que um judeu ortodoxo vivesse em lugares sem escola; caso vivessem em lugares separados por um rio, ambas as localidades deviam ter sua escola, a não ser que se vencesse o rio por uma ponte. O menino judeu começava a freqüentar a escola aos seis anos, e estudava as Escrituras até os dez, começando pelo Levítico. Estudava a Lei, a história, os profetas e a poesia, recebendo, assim, educação religiosa e moral, e enfronhando-se dos ritos e cerimônias de sua gente. Dos dez aos quinze anos, estudava as interpretações orais da Lei, e aos treze tornava-se "filho da Lei" e membro responsável da congregação da sinagoga. "Percebe-se que Jesus conhecia de cor quase todas as Sagradas Escrituras não só pelas citações diretas que delas fazia, mas também pelas numerosas alusões que fez à Lei, a Isaías, a Jeremias, a Daniel, a Joel, a Oséias, a Miquéias, Zacarias e Malaquias, e

principalmente os Salmos", afirma o cônego Farrar. Jesus mostrou seu preparo não só quando, aos doze anos, enfrentou os rabis no Templo, mas também nas crises mais apertadas, frente aos mais severos críticos de todos os tempos.

5 . ***Compreensão da Natureza Humana***

Ao lado do conhecimento das Escrituras, é coisa igualmente importante a compreensão da natureza humana. Na verdade, é esta uma qualificação muitíssimo necessária ao professor, porque não se pode aplicar a Bíblia à vida a não ser que se compreenda bem o aluno e suas necessidades. Todo aquele que lida com a natureza humana deve conhecer alguma coisa a esse respeito. Assim como o médico precisa diagnosticar antes de receitar qualquer remédio também o professor precisa compreender a vida humana e seus problemas, para depois aplicar o remédio escriturístico. Em última análise, estamos ensinando pessoas, e não a Bíblia. As próprias Escrituras foram dadas para ensinar, corrigir e disciplinar "para que o homem de Deus seja completo" (II Tim. 3:17). Importa, pois, e muito, que o mestre de religião compreenda as pessoas com quem vai lidar.

Jesus não só compreendeu a mente judia em geral, quanto as suas facções e seitas, mas foi também um mestre na penetração do coração e na compreensão daquilo que se passava no íntimo de cada indivíduo. A Bíblia diz que "ele bem sabia o que havia no homem" (João 2:25). Moffatt traduz assim: "Bem sabia ele o que estava na natureza humana." É certo que ninguém jamais penetrará todo o conteúdo desta afirmativa. O Mestre, sem dúvida, escafandrou a vida humana até suas maiores profundezas. Certamente ele podia dizer se seus ouvintes eram bons ou maus, atentos ou desatentos, amigos ou inimigos, interessados em seu ensino ou não, compreendendo-o ou confundindo-o, concordando com ele ou discordando e o criticando. Se Jesus não possuísse esse conhecimento, estaria inabilitado para os ensinar de modo eficiente como o fez, e teria caído nas artimanhas preparadas tantas vezes por seus inimigos. Tendo tal conhecimento, pôde descobrir as habilidades de seus aprendizes, bem como suas necessidades, atitudes e motivos, e ensiná-los à luz do que deles conhecia. "Do ponto de vista pedagógico, a intuição de Jesus foi o elemento primordial de sua maravilhosa eficiência como Mestre.

Pelo menos meia dúzia de exemplos evidenciam que Jesus tinha acurada visão do íntimo da natureza humana e mesmo do próprio pensamento do povo. Os escribas pensavam lá consigo que Jesus estava blasfemando, ao declarar ao paralítico que seus pecados estavam perdoados, mas "Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Por que pensais mal em vossos corações?" (Mat. 9:4). Quando os discípulos lamentavam o haver Jesus dito que deveriam comer a sua carne e beber o seu sangue, para terem vida, "Jesus, sabendo por si mesmo que seus discípulos murmuravam das suas palavras, disse-lhes: ...Mas entre vós há

alguns que não crêem." Pois Jesus sabia desde o princípio quais eram os que não criam, e quem o havia de trair" (João 6:61, 64).

Quando os fariseus e os herodianos procuraram apanhá-lo em alguma palavra, Jesus, percebendo a hipocrisia deles, disse-lhes: "Por que me experimentais?" (Mar. 12:15). Ao ver Natanael, disse: "Eis um verdadeiro israelita em. quem não há dolo!" (João 1:47). Quanto à samaritana, Jesus pediu que chamasse o marido, e ela lhe respondeu que não tinha marido, Jesus lhe respondeu: "Disseste bem que não tens marido; porque cinco maridos tiveste, e o que agora tens não é teu marido" (João 4:17,18). Jesus conhecia as pessoas e ensinava para solucionar-lhes as suas necessidades profundas e ocultas, não poucas vezes desconhecidas delas próprias.

6 . ***Domínio da Arte***

Não afirmamos aqui que Jesus consciente e propositadamente estudasse os métodos e processos de ensino, e deliberadamente buscasse segui-los. É possível que sim, mas provavelmente assim não fez. Admitimos que ele tinha uma soma de conhecimentos que perfeitamente o habilitava para a tarefa de mestre. Intuitivamente, ou por assimilação, foi um mestre, um técnico, em métodos de ensino. Ele não anunciou propriamente nenhum princípio psicológico especial, nenhuma teoria de educação, nenhuma prática pedagógica; não obstante, ele mostrou conhecer perfeitamente todos os seus elementos principais e os usou de maneira mais que eficiente. Empregou métodos com perfeita liberdade e eficiência. Parece até que os descobria e aplicava de modo natural. Com a inteireza de suas fontes e recursos, aproveitou bem todas as oportunidades de ensinar, e empregou sempre, e para cada caso, o método justo e adequado. Distinguiu-se e adiantou-se tanto dos mais mestres deste mundo que W. A. Squires mui apropriadamente deu a uma obra sua este título — *The Pedagogy of Jesus in the Twilight of Today* (A *Pedagogia de Jesus no Crepúsculo de Nossa Era).* Os maiores mestres de nossa era ainda não se puseram em dia com Jesus. Sempre temos algo a aprender com ele.

Concluímos que Jesus foi consumado mestre na arte de ensinar, quando vemos que ele praticamente empregou aqui e ali, pelo menos em embrião, os métodos usados hoje em dia — perguntas, preleções, histórias, conversas, discussões, dramatizações, lições objetivas, planejamentos e demonstrações. Pormenorizadamente estudaremos este assunto no lugar próprio, noutro capítulo. Vemos ainda que Jesus conhecia perfeitamente a arte de ensinar pelos processos de que lançou mão, pois, quando analisamos suas partes componentes, descobrimos que suas lições tinham exórdio, desenvolvimento e conclusão sempre muito apropriados. Também daremos maior atenção a isto mais tarde. Ele tratava diretamente dos assuntos, com ilustrações mui

adequadas, aplicando sempre muito bem seu ensino a situação e ao momento. Na arte de ensinar, foi mestre de mão cheia.

Buscando dominar bem esta difícil e gloriosa arte, bem andaremos se seguirmos o exemplo que Jesus nos deixou. A dedicação, o entusiasmo e a fídelidade„ao ensino não ressarcirão a falta de conhecimento dos métodos de ensino, nem desculparão um ensino fraco e precário. Em regra, ninguém nasce mestre. Os mestres se fazem. Pelo menos, como já se disse, os mestres "não nascem feitos". Necessário se faz o estudo cuidadoso, e também prática prolongada e paciente. Esperamos que para este fim o presente volume contribua de algum modo. É verdade que devem ser compulsados e estudados outros mais livros sobre este assunto, bem como livros que tratam dos alunos e das suas necessidades. Do ponto de vista humano, sabemos que Deus pode usar com muito maior proveito um professor preparado do que um que pouco ou nada sabe. Urge procurarmos ser a nossos olhos, e aos olhos de nossos alunos, os melhores mestres que se possa encontrar.

Quando olhamos para Jesus, e o vemos à luz de sua perfeita personalidade, do seu espirito de servir, de sua confiança no ensino, do seu conhecimento das Escrituras e da humanidade, do seu domínio dos métodos e processos de ensino, concluímos que ele foi o mestre melhor qualificado que o mundo já conheceu. Ele foi de fato "o Mestre dos mestres", ou "o Mestre Magistral", como o caracterizou Horne no título de sua obra. Ou, como bem o disse J. L. Corzine: "Jesus é mais do que o Mestre Mor. Ele é o Mestre Incomparável."

"Qualquer pedra de beira de estrada, qualquer tripeça tomada por empréstimo a um tugúrio, sentando-se Jesus aí, transforma-se num trono de autoridade e sabedoria universal, invejado por soberanos e pontífices."[25] Jesus é o nosso modelo incomparável, e sempre temos o que aprender com seus métodos e mensagens. Como disse Marta: "O Mestre está aí" (João 11:28). "Ao contrário dos mestres religiosos do seu tempo, Jesus ensinou com sua própria autoridade. Não ensinou como os escribas, que repetiam e citavam dizeres de outros. Jesus falou movido pela consciente paixão da verdade que fervilhava no seu íntimo.

Sugestões Auxiliares para o Ensino deste Capítulo

Esboço no Quadro-negro

1. Encarnação da Verdade
2. Desejo de Servir
3. Crença no Ensino
4. Conhecimento das Escrituras

5. Compreensão da Natureza Humana
6. Domínio da Arte de Ensinar

Tópicos para Discussão

1. Por que é tão importante viver aquilo que se ensina?
2. Vale alguma coisa o desejo de servir, de ajudar?
3. Por que Jesus se dedicou tanto ao ensino?
4. Qual a instituição religiosa moderna mais parecida com a escola elementar anexa à sinagoga?
5. Será mesmo mui importante conhecer e entender o aluno?
6. Como Jesus aprendeu a ensinar?

Perguntas para Revisão e Exame

1. Como a encarnação da verdade realizada por Jesus afetou o ensino dele?
2. Diga como foi Jesus reconhecido como mestre.
3. Enumere algumas coisas que Jesus conhecia acerca da natureza humana.

2

CARA CTERÍTICAS DOS DISCÍPUL OS DE JESUS

Ilude-se quem pensa terem sido ideais e modelares as pessoas que Jesus ensinou, mesmo incluindo-se os doze apóstolos. Caracteres bíblicos muitíssimos distanciados de nós, temos que concebê-los em nossa imaginação. Certo foram muito humanos como nós, com essas imperfeições e fraquezas naturais à criatura humana, pois que esta é sempre a mesma em todas as épocas. Embora mudem as condições ambientais, a natureza humana em sua essência é sempre a mesma.

Isto é verdade no que respeita a todos os séculos, climas e graus de cultura. Will Rogers retratou perfeitamente isto, quando falando das conquistas da conferência da paz na Europa, assim se expressou: "Resta apenas uma pequena coisa a ser trabalhada agora: é o problema da natureza humana." E assim é sempre. Examinando aqueles que Jesus ensinou, como mestres colheremos muita matéria informativa e sugestiva, e mesmo encorajadora. Jesus lidou com um grupo mais íntimo de seguidores, outro maior de discípulos e outro, maior ainda, de críticos e indiferentes.

1. ***O Grupo de Imaturos***

Este grupo de pessoas com que Jesus lidou estava mui longe da perfeição, quando Jesus iniciou sua obra junto deles. Mesmo ao contemplar sua obra, ainda eram imperfeitos. Eram - caracteres ideais apenas em embrião. Eram santos apenas em estágio de fabricação. Preenchiam muito bem um dos três requisitos que George A. Coe sugere para o ensino — a imaturidade. Assim tinham eles que caminhar muito e muito, com muita paciência, para se tornarem cristãos crescidos e maduros. Na longa estrada do aprendizado, experimentariam muitas decepções e desânimos. Somente alguém que tivesse uma alentadora visão do futuro, movido do infinito amor e paciência, e de persistente energia e perseverança, se aventuraria a tomar como alunos este grupo de pessoas e fazer deles o que o Mestre Jesus fez.

Não é preciso vasculhar muito o Novo Testamento para se ver quão imaturos e imperfeitos eram aqueles que Jesus tomou como discípulos. João, que depois

se tornou o discípulo amado, não sabia controlar seu gênio, e falhou muito quando se encolerizou contra os descaridosos samaritanos, aos quais Jesus queria revelar seu amor e o amor de seus discípulos. Simão, a quem se daria o nome de Pedro (pedra), não demonstrou possuir aquela solidez e firmeza que tal nome sugeria, pois prometera a Jesus que estaria firme a seu lado ainda que os mais desertassem, e dentro de poucas horas não só negou a Jesus, jurando por três vezes que nem o conhecia, mas o negou com uma linguagem desusada e lamentável.

Tomé mostrou-se tão duro e obstinado em não acreditar na ressurreição de Jesus que tal atitude exigiu esforços especiais do Mestre no sentido de lhe provar satisfatoriamente esse glorioso acontecimento. Judas, após vários anos de companheirismo e aprendizado com o Mestre, não progrediu tanto a ponto de sentir-se preparado para resistir à tentação de traí-lo por trinta moedas de prata! Os discípulos de Jesus sofriam a enfermidade de desenvolvimento retardado, quando não de perversidade progressiva.

Apanhar este pequeno grupo de indivíduos sem preparo e que quase nada prometiam, e formá-los em pessoas bem desenvolvidas e preparadas, que constituíam gloriosa inspiração para o mundo, foi um verdadeiro milagre da arte de ensinar e exercitar. Jesus jamais foi suplantado por qualquer outro mestre; foi e é suprema inspiração e encorajamento para os mestres cristãos de todas as épocas. Ninguém pode avaliar devidamente as possibilidades latentes num moço ou numa moça aparentemente inaproveitável, nem o que se possa fazer com eles. O velho professor dos Irmãos da Vida Simples ao tirar seu chapéu na presença de seus discípulos, e ao dizer-lhes que não sabia se tinha ali à sua frente alguém que seria maior que o imperador, nem podia imaginar que naquela sua classe estivesse entre seus alunos o menino que, homem feito, iria abalar os fundamentos do mundo — Martinho Lutero!

É privilégio nosso, pelo ensino que transmitimos, mudar vidas hoje imaturas e aparentemente insignificantes, e desenvolvê-las em caracteres marcantes e notáveis. Um ferreiro aleijado apanhou nas ruas um grupo de quatro meninos aparentemente ociosos e que nada prometiam, e passou a ensiná-los pacientemente. Viveu o suficiente para ver tornar-se um deles missionário em terras estrangeiras, outro, membro do gabinete do presidente de sua pátria; o terceiro secretário particular também dum presidente; e o quarto aquele que chegou a ocupar a presidência dos Estados Unidos da América do Norte — Warren G. Harding!

2 . ***Impulsivos ou Impetuosos***

Os discípulos de Jesus não eram apenas imaturos. Pior que isso: haviam tido na vida um desenvolvimento errado e falho. Alguns deles eram mesmo gente

governada só por impulsos. Pedro era assim, e foi o campeão dos impetuosos. "Era homem impulsivo e precipitado, qual regato que desce célere e desabaladamente montanha abaixo, atirando-se de encontro às rochas da baixada. Reagia repentinamente. Falava e agia, para depois pensar." Temos exemplo vivo disso, quando se lançou ao mar, em certa manhã bem fria, c nadou até a praia para chegar perto de Jesus, quando poderia ter feito isso com seu barco (João 21:7). Outro exemplo temos quando pediu a Jesus que lhe banhasse também as mãos e o rosto, logo após haver dito a Jesus que lhe não consentiria lavar seus pés; e quando Jesus lhe disse que, nesse caso, Pedro não teria parte com ele, submeteu-se (João 13:9). E exemplo mais vivo ainda temos quando Pedro, com rápido golpe de sua espada, decepou a orelha direita do servo do sumo sacerdote (João 18:10).

João também não se mostrou menos impetuoso. Tanto que Jesus o chamou "filho do trovão". Diz Carlos R. Brown: "Ele mostrou ser filho da tempestade. Houve ocasiões em que teve explosões fortes e terríveis. Certas vezes, em sua ira ou entusiasmo, agia qual redemoinho impetuoso," qual poderoso furacão. Mui longe de se revelar homem calmo, paciente, sofredor e manso, era de caráter violento." Manifestou isso quando, com outros discípulos, entrou numa vila de samaritanos para arrumar pouso para o Mestre; ante a recusa de hospedagem, ele se indignou tanto que disse a Jesus: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para consumir esta gente?" (Luc. 9:54). Caminhou muito este apóstolo, até chegar a escrever em sua Primeira Carta, cap. 4, versículo 8: "Quem não ama, não conhece a Deus."

Outros que não pertenciam ao círculo íntimo de Jesus mostravam-se igualmente impulsivos. Simão, chamado Zelote, como este apelido indica, pertencia a um partido político muitíssimo radical. Afirma Brown: "Podia ele ser vantagem ou desvantagem. Era como o vapor em alta pressão que pode levar de encontro aos arrecifes qualquer barco sem piloto, ou queimar seus passageiros, causando-lhes a morte." Fosse ele pessoalmente radical, ou não, o fato é que pelo menos pertencia a um grupo revolucionário quando Jesus o chamou para segui-lo.

João Batista, por sua vez, era também homem de temperamento forte. Não nos parece de início um moderado conservador, quando surge de seus jejuns e se movimenta de cá para lá a pregar o evangelho do arrependimento a uma geração má e perversa. "Apareceu ele com olhos flamejantes, e apresentar sua formidável mensagem. De linguagem escaldante, despertava e abalava as consciências mais empedernidas."[4] Tinha ele o temperamento dós reformadores. O próprio Mateus não se mostrava também muito conservador, não. Diz, no caso dele, T. R. Glover: "O publicano do grupo era também do mesmo tipo; mostrava-se pronto a deixar seus afazeres e os costumes de família — revelando também natureza impulsiva e coração quente."

Era tão impetuoso o caráter daqueles discípulos e doutros mais, que Jesus sempre lhes frisava que deviam pesar bem as coisas antes de agir. Eram neles traços tão salientes que, se alguém os propusesse para o pastorado de alguma igreja importante de nossos dias, esta se veria na necessidade de im-por-lhes algumas condições. Lembremo-nos, no entanto, de que dantes como agora, não são os conservadores, os intelectuais c os calmos, e, sim, os agressivos, os aventureiros e os destemidos que fazem progredir mais a obra do Reino de Deus. O aluno que nos dá mais trabalho para conter"e orientar, c mesmo para disciplinar, pode ser justamente aquele que mais conseguirá na vida. Podemos agradecer a Deus pelos homens impulsivos, s quando sabiamente orientados.

3. ***Pecadores***

O Mestre não só teve que lidar com pessoas de caráter subdesenvolvido e de fortes impulsos, mas também de acentuadas tendências para o pecado. Conquanto alguns deles se tornassem depois cristãos de elevado caráter, nem sempre foram tão angélicos como os pinta a nossa imaginação ou alguns artistas da tela. Havia neles altos e baixos, instintos e impulsos que, não controlados pelos ideais cristãos, inevitavelmente os teriam arrastado a grandes e irremediáveis males. Assim aconteceu em parte, e vemos que eles fizeram coisas que. mais tarde provavelmente desejariam ver retiradas dos registros.

Na verdade, alguns dos quais Jesus ensinou e cujas vidas foram transformadas por ele, tinham vivido em graves pecados. Basta lembrar que um deles, conquanto viesse a gozar por alguns anos da companhia de Jesus," tornando-se mesmo o tesoureiro do colégio apostólico, por fim chegou a vender o Mestre por trinta moedas de prata.

Mas Judas não foi o único, mesmo do círculo íntimo de Jesus, a ser arrastado por tendências pecaminosas, ao menos temporariamente. Pedro mentiu e jurou para ocultar sua identidade e se escapar de situação embaraçosa. João não só deu asas a seu temperamento e preconceitos, mas também ao orgulho, e chegou a pleitear o privilégio de assentar-se à destra de Jesus. E Tiago se associou a ele, igualmente desejoso de posição social e política. "Houve atritos entre eles, pois eram homens de não pequenas ambições. Mesmo na ocasião da Última Ceia, os corações deles giravam ao redor de tronos" (Mar. 9:33;10: 37; Luc. 22:24). De fato, o grupo todo de discípulos pensava mais em grandezas materiais.

Afora o círculo dos doze, vemos Zaqueu, o coletor de impostos, homem que tinha grande amor pelo dinheiro e que cobrava mais do que era devido, roubando assim ao povo necessitado. E também Maria Madalena, com sete demônios a

seu crédito. E ainda a mulher pecadora que lhe lavou os pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. E ainda a mulher de vida livre a quem ensinou à.beira do poço, a qual tivera um rosário de cinco maridos. E ainda aqueles acusadores da mulher adúltera, os quais desapareceram quando Jesus lhes disse que quem estivesse sem pecado fosse o primeiro a começar a apedrejá-la, conforme ordenava a lei. Não; aqui vemos perfeitamente que a classe de alunos ensinada por Jesus em nada apresentava aquelas condições ideais para um mestre ideal. Ao contrário, eram tais alunos gente das mesmas paixões nossas, e de paixões que não poucas vezes os dominavam por completo. Orgulho, ambição e luxúria argamassavam a vida deles, e tudo aquilo desafiava os preceitos e a influência de Jesus.

O que foi verdade então, o é ainda hoje. Nunca se sabe o que serão os nossos alunos de hoje. Sabemos, no entanto, que instintos não controlados inevitavelmente arrastam à ruína. Num rapaz de belo físico podem estar aninhadas fortes tendências para o crime, forças que, não controladas, certamente o levarão para a penitenciária. E isso tem sucedido inúmeras vezes. Essa jovem culta e de modos gentis, que parece trazer no rosto a marca legítima da inocência, pode muito bem estar abrigando dentro de si certos ideais e paixões que, desenvolvidas, a arrastarão a uma vida vergonhosa. Isso temos visto de contínuo na sociedade de que fazemos parte. Nenhum professor pode ler todos os maus pensamentos e propósitos ocultos no coração de seus alunos. Muitos de nós podemos dizer o que John Bradford disse de si próprio, ao ver passar por ele um criminoso conduzido por agentes policiais: "Não fora a graça de Deus, ali estaria John Bradford." Urge aprendermos a esmagar sempre as tendências pecaminosas e imprimir em nosso caráter a semelhança de Cristo.

4. ***Perplexos***

As pessoas a quem Cristo ensinou viam-se muitas vezes desafiadas por inúmeras perplexidades e problemas, e assim procuravam a Cristo para que ele os resolvesse. Certo é que às vezes vinham a ele tangidos pela hipocrisia, pois queriam pegá-lo nalguma palavra. Jesus de imediato reconhecia isso, e, no entanto, lhes dava atenção, levando-os a tirar por si mesmos a conclusão certa. Traziam-lhe assuntos mui variados, tratando quase todos de problemas da vida cotidiana. Respondendo-lhes, Cristo não só ajudava a quantos ensinava pessoal-mente, mas a inúmeros outros pelos séculos em fora. O fato de João haver declarado que o mundo todo não poderia conter todos os livros necessários para o registro de todos os ensinos de Cristo nos leva a perceber que não conhecemos muitos assuntos então levados à consideração de Cristo.

Conhecemos, não obstante, bom número de problemas pessoais e íntimos, que tratam de modo vital de muitas fases da vida humana. Temos, por exemplo, o pedido feito por certo homem, para que Jesus tratasse da repartição da

herança com o irmão dele, uma demonstração de legítima defesa. Também temos registrados vários casos de ambição e de prestígio social, apresentados pelos discípulos quando deram de querer saber de Jesus qual deles era o maior. Aliás, este é um desejo mui natural e humano. O moço rico desejava saber como poderia alcançar a vida eterna. Esse era o seu problema, e, ao que parece, também de Nicodemos. Outros queriam saber se Cristo era Deus, se deviam tolerar outros trabalhadores que não andavam com ele, quando e como deviam prestar culto a Deus; queriam saber algo da ressurreição, dos maiores mandamentos, algo sobre o jejum, de como poderiam expulsar demônios, e outras coisas mais. Discutiam e lhe apresentavam também problemas pessoais, como o orgulho, a ira, a luxúria, a aflição, a cobiça. Vemos que eram os mesmos problemas que hoje enfrentamos no século das luzes.

Também surgiram problemas de natureza social que diziam respeito às relações de uns para com os outros. Simão Pedro queria muito saber quantas vezes deveria perdoar a quem o houvesse ofendido: só sete vezes, ou deveria ir além? (Mat. 18:21-35). Os fariseus, maldosos, fizeram-lhe esta pergunta perigosa: "É lícito a um homem repudiar sua mulher por qualquer causa?" (Mat. 19:3). Semelhantemente, os saduceus, sequiosos por demonstrar a impossibilidade da ressurreição, perguntaram a Jesus a quem pertenceria no outro mundo a mulher que aqui houvesse desposado sete homens (Mat. 22: 23-33). Um doutor da lei, querendo justificar seu egoísmo, levantou diante de Cristo, uma questão mais larga sobre o problema da boa vizinhança, perguntando-lhe — "Quem é meu próximo?"

Outro problema, muitíssimo melindroso naqueles dias, dizia respeito à deslealdade para com o governo, quanto ao pagamento das taxas. Tal problema foi apresentado a Jesus quando os escribas e principais sacerdotes lhe perguntaram se era lícito pagar tributo a César (Luc. 20:22). Também surgiu a questão do sábado, quando os discípulos de Jesus lançou mão da imaginação, e lhes falou duma ovelha caída num valo e dum rei em caminho para a guerra. Outros problemas incluíam dar e receber, o orar, o serviço, o espírito de crítica, a vingança.

À luz dessas muitas perguntas e problemas, parece-nos que Jesus gastou grande parte do seu tempo mais a resolver problemas pessoais do que mesmo a ensinar de modo geral. E parece que foi assim mesmo. Os problemas da vida humana quase sempre são os mesmos; e, resolvendo aqueles dos homens do seu tempo, Jesus lançou muita luz sobre os nossos problemas de hoje, mormente quando vemos que ele tratou mais de princípios fundamentais que de remédios específicos. Assim, Jesus aparece como conselheiro e como instrutor, justamente como devemos ser, caso queiramos servir de maneira valiosa e vital àqueles de nossos alunos que hoje enfrentam problemas mui sérios e complicados. Ninguém jamais resolveu problemas e perplexidades como Jesus, e

ninguém como ele apresentou princípios gerais de maior ajuda e valia. Ele se revelou mestre consumado e divino, tanto no aconselhar como no ensinar.

5. ***Ignorantes***

Asseverar que os discípulos de Jesus tinham mente obscurecida e endurecida, bem como espírito perplexo, parece quase que adicionar insulto à injúria. Mas vê-se que não, quando buscamos ter uma visão completa da situação em que Jesus se viu frente a eles. Seus discípulos provinham em maior parte das baixas camadas sociais e não da classe alta, e por isso não tinham aquele fundo cultural que soem ter os de classe mais elevada. Eram, assim, gente mui imperfeita. Não estavam preparados para compreender muitas coisas, dado que a mente deles não estava habilitada a apanhar toda a verdade.

Mas não era esta a única dificuldade. Uma concepção materialista da via e a ideia ritualista da religião muito os prejudicavam, visto que as verdades espirituais se discernem espiritualmente. Tanto a ignorância, como errados pontos de vista, embaraçavam bastante o trabalho do Mestre. É coisa bem difícil erradicar a confusão mental e a rotina intelectual. E Jesus teve que enfrentar como nenhum outro mestre essas duas coisas. Conquanto fosse ele verdadeiro especialista no aclarar a verdade, registra-se que ele não foi bem compreendido por muitos ou foi mal interpretado por muito tempo pelo povo em geral, pelos líderes religiosos, e mesmo por aqueles do seu círculo íntimo. “Ele escolheu um grupo pequeno, visando prepará-lo para a liderança, embora não pudessem eles entender, e muito menos explicar a outros, os princípios que eram a pedra angular da fé que deviam propagar.... Nos três anos que Jesus gastou a ensiná-los, tais discípulos foram para ele constante decepção."

Forte exemplo dessa incompreensão vemos no que respeita ao que Cristo lhes ensinou sobre a natureza do Reino. Apesar de tudo quanto lhes ensinara sobre a natureza pessoal, íntima e subjetiva do Reino, os discípulos continuaram a esperar um reino temporal que se baseasse no poder material, como os demais reinos da terra. E isso era verdade mesmo em se tratando dos discípulos mais íntimos de Jesus, como Tiago e João, que chegaram a pleitear um lugar à direita e outro à esquerda — primeiro-ministro e secretário de estado.

Vê-se claro igualmente que Jesus não foi compreendido quanto ao que lhes ensinou acerca da ressurreição, tanto sua como nossa. Conquanto lhes houvesse dito que ressuscitaria ao terceiro dia, ninguém esperou tal acontecimento. Pelo contrário, ficaram surpresos com a ressurreição de Jesus. Como vemos nos Evangelhos, um dos discípulos de Jesus, Tomé, exigiu provas cabais para se convencer. Até mesmo o propósito de sua morte não lhes ficara bem claro, pois que Paulo nos fala da cruz como pedra de tropeço para os

judeus. Mesmo as exigências importantes e aparentemente simples para o discipulado parece não terem ficado bem claras na mente do próprio Nicodemos, um dos homens mais preparados do seu tempo!

A despeito da clareza do pensamento de Jesus e da vivacidade com que o expressava, os seus discípulos mais brilhantes e mais interessados deixaram de apanhar todo o seu sentido. Creio não ser exagero afirmar que, durante todo o seu ministério, Jesus de contínuo se sentiu desapontado ante a inabilidade e a vagarosidade demonstrada pelos discípulos em compreender as verdades que lhes ensinava. Se isso se deu com Jesus, não devemos ficar admirados de que aconteça também conosco. E assim como ele jamais se sentiu desanimado por isso, também nós, como mestres, nunca devemos nos desencorajar, mas avançar pacientemente como ele fez. O que Jesus disse de Pedro devemos dizer também de cada aluno — "Tu és... tu serás."

6 . ***Cheios de Preconceitos***

Parece que tudo quanto já dissemos é suficiente, mesmo para Jesus.

Eram seus discípulos imaturos, pecadores, intempestivos, de mente tardia e apoucada. Mas não podemos parar aqui, visto que o quadro ainda não está completo. As atitudes mentais deles em nada favoreciam a recepção das verdades apresentadas por Jesus. Pelo menos é o que depreendemos acerca deles, ou da mor parte deles, no que respeita a certas coisas.

João abrigava dentro de si tais preconceitos que não admitia que pessoa fora do seu grupo expulsasse demônios e fizesse o bem (Mar. 9:38). Na verdade, o preconceito subjazia à raiz de muitos dos problemas já mencionados. Na Parábola do Semeador, a primeira qualidade de solo descrita é o que fica à beira do caminho - terra dura e impenetrável, na qual a semente não entra muito facilmente (Mat. 13:3-23). Temos aqui uma descrição perfeita da atitude assumida por indivíduos cheios de preconceitos e de mente fechada, os quais não querem nem pensar na verdade que lhes é apresentada. Evidentemente, Jesus teve que lidar com pessoas assim, quando disse, essa parábola, visto haver ensinado como enfrentar as necessidades da vida. O professor de Escola Bíblica Dominical tem também que enfrentar situações idênticas. Assim, trate-se de ensinar a conversão, o dízimo, a temperança ou qualquer outro assunto, o professor encontrará nos seus alunos práticas e preconceitos tais que fortemente os impedirão de encarar com coração aberto tais assuntos. Dificilmente encontrará o professor um aluno completamente despido de preconceitos. A intolerância é pior do que a ignorância.

Quando Jesus falou da ressurreição, encontrou a desdenhosa oposição dos saduceus aristocratas e racionalistas, os quais, tentando levar Jesus ao ridículo, apresentaram a questão do futuro esposo da mulher que nesta vida se casara sete vezes. Os saduceus eram os críticos intelectuais do tempo de Cristo. Quando Jesus buscou mostrar o amor de Deus para com toda e qualquer criatura, ainda que pecadora, viu-se diante das intelectuais adagas dos orgulhosos fariseus, que se julgavam muito bons para se associarem com pecadores e publicanos. Assim, Jesus teve que forjar a Parábola do Filho Pródigo, ou apresentar o contraste entre o fariseu e o publicano em oração diante de Deus. Quando o jovem rico se ajoelhou a seus pés e humildemente lhe indagou como alcançar a vida eterna, pareceu-lhe estar na presença de uma pessoa de coração aberto. Mas, dizendo-lhe que vendesse tudo e .desse aos pobres, e o 6eguisse, viu mudar-se o rosto do moço e "ele se foi triste, porque possuía muitos bens" (Mar. 10:22).

Jesus teve que lidar igualmente com alunos cheios de preconceitos. Queriam muitos deles ter cheio seu estômago e ver curadas suas doenças, mas sem qualquer interferência em seus interesses e sem qualquer mudança em seus hábitos. E o mundo age assim ainda hoje. Todos querem ser curados e libertos do castigo eterno. Mas, quando se lhes fala em arrependimento, em servir a Cristo, em sacrifício e na cruz, perdem todo o interesse e se vão. É coisa mui difícil convencer um homem e levá-lo a negar-se a si mesmo. Os maiores obstáculos encontrados por professores e mestres são essas mentes fechadas e cheias de preconceitos.

7. ***Instáveis***

Se os discípulos de Jesus se mostrassem dispostos a levar avante de modo fiel aquilo que houvessem entendido e recebessem tudo com mente aberta, já seria coisa mui maravilhosa. Mas, assim não fizeram. A perversidade humana é tamanha que a vontade, bem como o intelecto e os afetos, se mostram depravados. Isto é verdade quanto aos discípulos daquele tempo, e também quanto aos de nossos dias. Muitos não tiveram coragem de abandonar outros interesses e encarar corajosamente as durezas e decepções naturais do caminho cristão. Assim, diminuiu o interesse de muitos, e até mesmo os maiores amigos de Jesus hesitaram em avançar com ele. O quadro que Jesus nos pinta do solo raso e fraco, onde a semente cresceu rápido, mas logo murchou ao sol abrasador, é ótima descrição dessa instabilidade.

Então, como agora, a tentação, a tribulação, a perseguição, mui logo dizimam as fileiras. Marquis diz: "Bom número de gente se apresentou para seguir o Mestre, mas logo esfriou seu entusiasmo e o deixou. Jesus não podia retê-los. Após três anos desse ensino — o melhor que o mundo já conheceu —

tendo falado Jesus a milhares de pessoas, ficou apenas este número de 120, e muitos destes ainda precisaram de ser reanimados pelo Seu ministério pós-ressurreição." Que quadro do resultado de toda uma vida do maior professor que o mundo já viu! Até cultos sem valor parecem ter conseguido mais em nossos dias.

Bom exemplo de fraqueza é o caso do jovem rico, a que nos referimos há pouco, o qual, embora interessado e inteligente, não se sentiu com forças para abrir mão dos seus bens e ir após Cristo. Que estupenda oportunidade perdeu ele, de companheirismo com Cristo, de servir a Deus, e mesmo de celebrizar-se como cristão! Outro caso já referido é o de Pedro que, após prometer ser fiel até o fim ainda que os outros desertassem, voltou as costas a Jesus e o negou com juramento, vendo-se rodeado por pessoas estranhas.

Em certa época do seu ministério, a debandada de discípulos foi tal que Jesus pateticamente se voltou para os poucos que lhe ficaram fiéis, e perguntou: "Não quereis vós também vos retirar?" (João 6:67). Mesmo depois de sua crucificação, vemos que seus amigos mais leais voltaram ao seu primitivo ofício, tendo dado a causa como completamente perdida. Aqueles onze homens corriam de cá para lá, como ovelhas assustadas, emboscando-se nas trevas, para fugir ao dedo indicador dos inimigos de Cristo em Jerusalém."

Se todas essas coisas se deram com Jesus, que esteve sempre muito além daquilo que podemos ser, e, se sua obra no tempo foi tida como decepção e derrota, em nada nos devemos surpreender quando vemos que nossos esforços parecem não render coisa alguma. Quando se faz muito, mais fácil tomar uma classe do que conservá-la, e quando não poucos alunos e alunas deixam as classes da Escola Bíblica Dominical, mal chegam à juventude, urge lembrar do Grande Mestre, e tomarmos alento.

Se o leitor sentir que este capítulo é desencorajador, lembre-se de que, apesar de todas aquelas dificuldades, e obstáculos, Jesus avançou pacientemente e conseguiu fazer daquele grupo o mais eficiente corpo de discípulos e mestres que o cristianismo já teve em toda a sua história. T. R. Glover diz: "O maior milagre da história parece ter sido este: a transformação que Cristo conseguiu operar naqueles homens." Fortalecidos por seus ensinos, pela sua.-ressurreição e pelo Espírito, saíram a transformar o mundo, e dez deles deram sua própria vida para levar avante aquela divina cruzada. Assim iniciaram eles a cristandade na obra da evangelização mundial. "A julgar pelos resultados, Jesus lançou a maior geração de mestres que o mundo conheceu — doze homens, que mais tarde viraram o mundo de pernas para o ar." Como conseguiu Jesus formar neles esse caráter invencível é o que iremos ver nos capítulos seguintes. Até aqui procuramos ver nossos discípulos à luz daqueles aos quais Jesus ensinou, e compreender mais claramente a nossa tarefa de

mestres, bem como buscamos ânimo e coragem para ensinar com fidelidade e paciência.

Sugestões Auxiliares para o Ensino do Segundo Capítulo

Esboço no Quadro-negro

1. Imaturos
2. Impulsivos
3. Pecadores
4. Perplexos
5. Ignorantes
6. Cheios de Preconceitos
7. Instáveis

Tópicos para Discussão

1. Classifique os doze apóstolos segundo o temperamento deles.
2. Apresente outros exemplos que provem que eles eram imaturos.
3. Quais as raízes psicológicas do pecado?
4. Contraste os problemas dos dias de Jesus com os de nossos dias.
5. Por que os discípulos de Jesus não podiam apanhar bem os ensinos dele?
6. Discuta as causas dos preconceitos.
7. Dê algumas razões que levaram muitos a perder seu interesse pela causa de Cristo.

Assuntos para Revisão e Exame

1. Discuta o caráter impulsivo de Pedro e de João;
2. Apresente fatos que ilustrem tendências pecaminosas nos discípulos.
3. Quais alguns dos problemas e ideologias que estavam desafiando os discípulos de Jesus?

3

O OBJETIV O D O ENSINO DE JESUS

Uma das coisas que mais ajudam no ensino é o ter objetivos claros e específicos. Muitos professores trabalham meses e meses sem objetivo definido, a não ser o de apresentar o material que se lhes forneceu. Isto responde por muita incúria, vacuidade e falta de interesse. Sem um alvo certo e preciso, definha-se o ensino por falta de perspectiva, de propósito e de objetividade. E também não se poderá avaliar os resultados do ensino, pois que não visa a coisa definida; e, assim, não sabemos para onde ele se dirige e nem onde chegará.

Com Jesus, as coisas caminhavam de modo mui diferente. Ele nunca ensinava somente pelo fato de ser chamado a ensinar. Ele sempre tinha um propósito e fins definidos a atingir. Sabia muito bem o que queria, e caminhava nesse sentido. Sabia para onde ia e de maneira firme caminhava para a consecução do seu objetivo sem olhar para oposições ou derrotas. "Vim para que tenham vida" (João 10:10). Buscou, assim, "transformar as vidas de seus discípulos, e, por meio deles, transformar outras vidas e regenerar a sociedade humana". Muitas coisas estão incluídas neste seu objetivo geral.

1. ***Formar Ideais Justos***

Os ideais são no mundo as forças impessoais mais poderosas para a construção do caráter. Eles são como a carta, o mapa, o guia para o curso da vida. Em grande parte controlam nossa conduta. Assim é que surtos instintivos são largamente dominados por eles. Um jovem pode recusar tomar um gole de pinga, ou deixar de dar uma tragada, ou de dançar, unicamente por causa dum ideal que abraçou. Certo jovem deixou de tomar parte numa noitada alegre com seus amigos só pelo fato de lembrar que nenhum de seus parentes mais velhos jamais fora culpado de tais práticas. W. S. Athearn tem grande razão quando diz: "Os ideais são as polias pelas quais elevamos nossa natureza a níveis mais altos." Eles determinam a eficácia de nossos anseios emocionais e pesam em nossas resoluções.

Os resultados dos compromissos de três consagrados cristãos de agirem como mordomos de Deus, no que respeita a suas posses, podem ser inteiramente diversos, muito embora os três sejam igualmente sinceros. Um deles pode achar que deve dar quando a isso se sentir inclinado, e só dará quando o pastor o mover a isso; o segundo pode achar que deve pagar o dízimo — nada mais, nada menos — seja qual for a sua renda; já o terceiro pode achar

que tudo pertence a Deus e que deve dar a Deus mais do que nove décimos. São os ideais que fazem a diferença nos resultados de suas resoluções. Assim, o conhecimento apropriado é necessário ao viver apropriado. Não se pode viver melhor do que aquilo que se conhece. A conduta reta ou certa tem sua raiz na reta compreensão. Assim, aquilo que amolda os ideais do povo determina em larga escala o seu destino.

Por isso, Jesus buscou formar ideais retos e justos. "Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celestial" (Mat. 5:48). Ele procurou de modo especial dar a todos uma compreensão mais clara da natureza de Deus e de sua atitude para com a humanidade.

Jesus apresenta Deus mais como o Pai cheio de amor que se sente mal com os pecados do homem, e não tanto como um monarca sem coração que não se interessa pela humanidade necessitada. As parábolas da dracma perdida, da ovelha transviada e do filho pródigo revelam o coração de Deus. Jesus nos apresenta o homem como transviado e necessitado da influência regeneradora do Espírito de Deus, se quiser ele entrar no Reino de Deus. Isto se vê na conversa de Jesus com Nicodemos (João 3:1-14). No Ensino do Monte, especialmente nas Beatitudes, Jesus esboçou as qualidades e práticas que devem caracterizar os cidadãos do Reino, tanto na vida particular como em suas relações públicas. Ele alertou a todos contra o orgulho, a cobiça, a raiva para com outro irmão, e contra o olhar para a mulher, cobiçando-a. Ele propôs uma filosofia para guiar nossa conduta, que, afinal é a coisa mais importante na vida, como, aliás, descobriu W. J. McGlothlin, quando percebeu que um homem o seguia num parque à noite e estava ele mais interessado na filosofia da vida humana do que mesmo em saber se tal homem era mais forte do que ele, se se tratava de um negro, ou se este trazia consigo uma garrucha.

O povo corria para Jesus, porque ele o alimentava com verdades que seu coração desejava ansiosamente. Os professores de Escola Bíblica Dominical devem aprender bem a lição que este fato contém: nossos alunos afluirão, se os alimentarmos regularmente. Assim como há pássaros que sistematicamente voltam às mesmas praças de certas cidades da Europa central, porque certas pessoas em seu testamento deixaram importâncias especiais para a alimentação regular deles ali, também nossos alunos virão sempre às nossas aulas, se lhes dermos algo que valha a pena. Toda a responsabilidade na sustentação duma Escola Bíblica Dominical não descansa sobre os ombros dos visitadores da Escola, não. A responsabilidade maior recai sobre o ensino que deve ser enriquecido com a visitação. Deve haver um impulso que venha de dentro para fora através da instrução, bem como um apelo que venha de fora para dentro, através da persuasão. "Nenhuma porção de entusiasmo, nenhum colorido anedótico, e nenhuma fluência de elocução poderá substituir o conhecimento que se transmite ao aluno."

Nestes dias em que tanto se enfatiza no ensine a solução de problemas e o tratamento das situações da vida, não esqueçamos a necessidade de plantar verdades divinas na mente de nossos alunos e de construir sólidos ideais de vida. Ideais e sentimentos mais elevados são necessários para dar unidade à vida, afirmam os psicólogos. "Assim como pensa em seu coração, assim é o homem" (Prov. 23:7).

2 . ***Firmar Convicções Fortes***

Jesus não ficou apenas a transmitir conhecimentos sobre assuntos morais e espirituais. Foi mais adiante. Ele bem sabia que só o conhecimento ou a informação não venceria os desejos instintivos e o mau ambiente. Pode-se conhecer bem os males acarretados pela perversão sexual, o perigo das bebidas alcoólicas e da jogatina, e não obstante viver-se escravizado a um ou a todos esses vícios. Têm-se encontrado em casa de má fama homens com folhetos religiosos e até Evangelhos em seus bolsos. Um pobre vagabundo que surgiu certa vez num acampamento de colegiais leu o grego tão fluentemente como o inglês, que o grupo de estudantes acabou tirando-lhe o chapéu e com ele levantou uma coleta para que o infeliz pudesse comprar mais cachaça!

Pode-se dizer que resultou aquilo em mal maior, e, na verdade, algum diplomado daquele colégio esteve ligado àquela troça lamentável. Mais de quinhentos diplomados têm sido salvos nos cortiços da cidade de New York, alguns dos quais lá tinham ido para realizar obra de soerguimento moral. O Mestre nunca se iludiu pensando que basta o conhecimento para curar o homem de seus males. Quando ele disse: "A verdade vos libertará" (João 8:32), disse isso aos judeus que criam nele, e condicionou essa afirmativa à permanência deles em sua palavra.

Assim, pois, o Mestre tanto buscou aprofundar as convicções como implantar a verdade. Noutras palavras: Ele reconhecia a necessidade de despertar o sentimento e desenvolver atitudes. Seu alvo final era a vontade. Ele reconhecia, como nós também, que a verdade deve possuir luz e também calor para ser eficaz. Deve desenvolver-se o sentimento de obrigação, como afirma W. A. Squires: "Ele tratou da vida em sua plenitude, e não meramente do processo mental de seus alunos. Ele nutriu a vida emotiva, bem como a vida intelectual de seus discípulos." Com esse propósito, buscou despertar interesse por certos assuntos e também proporcionar informações sobre eles. Sempre estavam em seus lábios perguntas como estas: "Que vos parece?" (Mat. 18:12). "Que pensais vós do Cristo?" (Mat. 22:42). Assim, despertando meditações posteriores sobre o assunto, despertava o interesse e aprofundava as convicções. Também apelava de contínuo ao amor, aos sentimentos de afeto. Belo exemplo de seu esforço, no

sentido de aprofundar a lealdade de Pedro, vemos na pergunta que lhe fez três vezes: "Amas-me mais do que estes?" (João 21:15-17).

Semelhantemente valeu-se do temor e do ódio para firmar as convicções, inclusive o temor do inferno e o ódio ao pecado. Também enfatizou recompensas e punições. Falando sobre o juízo futuro, descreveu pessoas condenadas às trevas exteriores, dizendo: "ali haverá choro e ranger de dentes" (Mat. 25:30).

À luz dessa ênfase, não podemos negar que os discípulos, ouvindo tais palavras, ficassem profundamente emocionados com a importância e a veracidade de suas afirmativas. Jesus despertava, então, atitudes pró ou contra esses assuntos apresentados. Bem faremos nós em seguir o exemplo de Jesus, porque, se queremos que nosso ensino alcance os resultados desejados; nossos alunos precisam sair de nossas aulas percebendo bem o valor das verdades ali estudadas e debatidas, levando consigo a firme resolução de fazerem algo no sentido de praticar o que ouviram. Somente desta forma se dará às verdades ensinadas aquela ênfase precisa, coisa tão necessária nestes tempos em que não se dá grande valor a assuntos sérios, chegando mesmo não poucos a troçar e rir das verdades religiosas. O ensino deve fortalecer, e não enfraquecer as convicções. A juventude deve ser fortalecida no seu íntimo, e assim estar preparada para viver bem num ambiente depravado. Quando Rudyard Kipling levou seu filho a um passeio de barca e se lhe disse que o rapaz havia pulado água e morreria certamente caso o pai não o acudisse, ele apenas disse: "Não; isso não acontecerá, pois o rapaz sabe o que faz." Devemos desenvolver em nossos alunos convicções tão fortes para que eles se mantenham resolutos e invencíveis.

3 . ***Converter a Deus***

A principal tarefa do professor é propriamente relacionar seu discípulo com Deus. É este o ato religioso inicial do indivíduo, e é o mais importante. Dado que o aprender não fica completo sem uma resposta da parte do aluno, assim também o ensino de religião não se completa sem que o indivíduo responda a Deus. Nunca estaremos retamente relacionados conosco ou com nossos semelhantes, enquanto não o estivermos com Deus. É esta a única base para se obter vida genuinamente integrada e unificada. Assim como a agulha magnética oscila e não se firma enquanto não aponta para o norte, igualmente o indivíduo vagueia enquanto não se relaciona com Cristo. Josh Billings tem razão ao afirmar que "só teremos corridas de cavalos limpas e honestas quando tivermos uma raça humana honesta". A retidão só aparece quando a gente se converte a Deus. É este o alicerce de todo o progresso moral.

Todas as atividades da vida devem ser dirigidas deste centro. É o maior ajustamento da vida. "A alma de toda cultura é a cultura da alma." Estão certos os católicos romanos ao afirmarem que problemas como o do sexo só se resolvem à luz do temor e do amor de Deus. Isto é verdade também no que toca à temperança e à paz mundial. Assim disse Cristo: "Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mat. 6:33). Ele disse também: "Se não vos arrependerdes (mudardes vossa mente), todos de igual modo perecereis" (Luc. 13:3). Ele disse ainda ao culto Nicodemos: "Quem não nascer de novo (de cima) não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). Assim Cristo primeiro cuidou de levar o povo à conversão a Deus e essa também é a nossa grande obra como professores.

A experiência da conversão é descrita como nascimento, ressurreição, iluminação, novo coração, mudança de mente. Pode variar na forma conforme o temperamento, a idade, a cultura e o grau de pecado; mas em todos os casos envolve a harmoniosa relação da pessoa humana com a divina. Pode ser uma experiência sem alarde ou do tipo revolucionário; pode ser gradativa ou repentina; pode ser dominantemente intelectual, emotiva, ou volitiva; pode ser mais viva libertação do pecado ou mais sensível marcha para a retidão. Em cada caso, porém, há uma entrega a Deus e o transpor da linha divisória para se entrar na vida cristã.

Da conversão resultam novos motivos, novos interesses e novas atividades. "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças" (Mar. 12:30). É esta a experiência que transforma o mundo. "O convertido hotentote da África está mais perto do centro da vida do que o mais culto pagão da América."

A mãe do governador Joseph W. Folk dizia pura verdade ao afirmar que não se orgulhara tanto de Joe no dia em que ele assumira as rédeas do governo como quando ele se filiara à sua igreja (batista). Cada professor de Escola Bíblica Dominical deve ensinar, orar e agir para que cada aluno submeta sua vida a Deus o quanto mais cedo possível. Cada um de seus alunos deve ser levado a dizer como o filho pródigo: "Levantar-me-ei e irei ter com meu pai" (Luc. 15:18).

4. ***Relacionar com os Outros***

O viver cristão envolve relações retas para com o homem, assim como para com Deus. Na verdade, ambas estas coisas acham-se envolvidas na mesma experiência. Quando Jesus resumiu o primeiro mandamento, acrescentou isto à nossa relação para com Deus — "amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mar. 12:31). Ao enfatizar a doutrina das recompensas na eternidade, Jesus disse que tais recompensas se baseiam no ter dado comida ao faminto, água ao sedento,

roupas ao nu, no tratar bem o estrangeiro, o enfermo e os presos (Mat. 25: 35,36). João foi mais longe, dizendo: "Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso" (I João 4:20).

Isto significa que somos convertidos como seres sociais mais do que seres independentes. Devemos estar em harmonia com os homens tanto quanto com Deus. Henry C. King disse certa vez: "A religião está serzida com todas as relações, tendências e esforços humanos, indeslindavelmente mesclada com todas elas. E devemos compreender que sua glória está não num majestático isolamento, e, sim, nessa capacidade de permear e dominar toda a vida." Jesus buscou harmonizar uns com os outros, bem como convertê-los a Deus. E ele espera que façamos o mesmo.

Várias coisas são envolvidas nesta obra de levar os homens a manter boas relações entre si. Em primeiro lugar, Jesus enfatizou o evangelho do amor, como indica o mandamento já referido. Jesus foi mais além, e disse: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (João 13:34). Ele sabia que o verdadeiro amor derrubaria todas as barreiras. Assim, alertou a todos contra o ódio, recomendando: "Orai por aqueles que vos perseguem" (Mat. 5:44). Não podem existir boas relações quando reina o ódio. Na verdade, o ódio é o primeiro passo para o homicídio. Jesus enfatizou também, e muito, a necessidade do espírito pacifista, e disse: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mat. 5:9). Sobre a pureza sexual, disse: "Qualquer que olha para uma mulher, cobiçando-a, já em seu coração cometeu adultério com ela" (Mat. 5:28).

A ênfase que deu, e igualmente sua atitude, nos ajudam a pôr de lado as bebidas alcoólicas, os preconceitos raciais, a resolver os problemas entre patrões e empregados, e a eliminar a guerra. Se relações pacíficas dominarem os setores todos, já elas se estabelecerão não por intermédio de diplomatas encolarinhados, a beber *cocktails* e inebriantes junto a mesas de conferências internacionais, e, sim, por meio de Escolas Bíblicas Dominicais e doutros professores dum mundo construído por uma juventude sadia, que então manterá atitudes retas e justas para com pessoas de todos os climas, cores, classes e credos.

5 . ***Resolver os Problemas da Vida***

Em todos os seus ensinos Jesus nunca se esqueceu dos problemas íntimos de seus ouvintes, e sempre buscou resolvê-los, para fazer deles discípulos felizes e unificados. "Seu ensino é essencial e inteiramente ocasional... tirado de emergências do dia e da hora, do contato com o povo, de conversas e incidentes." A ênfase dada por Cristo era sobre a própria vida e não sobre coisas materiais. Sem contar o Ensino do Monte, a maior parte dos seus ensinos registrados era

para ajudar indivíduos a resolverem problemas específicos que os desafiavam. Ele não empregou termos gerais, como religioso, espiritual, ético e consciente, mas acoroçoou virtudes particulares. Até parece que ele disse as bem-aventuranças por ver diante de si pessoas que estavam lutando com problemas referentes ao orgulho, à impureza, à tristeza e a outros mais.

Certo velho professor de latim disse que não ensinava latim, e, sim, a alunos; igualmente o Mestre não ensinava propriamente a verdade, e sim, a pessoas, e as Escrituras e outros materiais eram apenas meios para esse fim. Até mesmo o versículo das Escrituras que enfatiza a inspiração diz que elas não são em si um fim, mas que são "úteis para ensinar... para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra" (II Tim. 3:16,17). "Jesus sempre visava a própria vida, mais do que o intelecto."

Podemos ver que ele de fato enfatizava isso quando estudamos todo o seu ministério. Ele citou vinte livros dos trinta e nove do Velho Testamento, em seus ensinos, e sempre em relação com algum problema ou situação que estava embaraçando seus discípulos. Ao lidar com a mulher junto ao poço, se aprofundou na vida dela para lhe revelar sua necessidade. Conversando com Nicodemos, colocou seu dedo justamente \o ponto fraco do seu farisaísmo formalista e lhe ensinou a lição da necessidade e natureza da conversão. Quando o buscou o jovem rico e lhe perguntou o que devia fazer para herdar a vida eterna, Jesus fez perguntas até que o moço descobrisse que suas posses constituíam seu capital problema, e daí Lhe aconselhou o que devia fazer de suas propriedades.

Provavelmente o exemplo mais frisante é o daquele homem que quis que Jesus induzisse seu irmão a dividir com ele a herança, e isto precisamente quando Jesus estava falando sobre os cuidados e a providência de Deus. Aquele pedido estava completamente fora de ordem, em inteira desarmonia com a ocasião, e, assim, mui natural seria que Jesus ignorasse aquela solicitação ou repreendesse o intruso, e prosseguisse em sua mensagem. Mas o Mestre dos mestres não fez nada disso. Percebendo a cobiça que lavrava no coração daquele homem, desviou-se um bocado do que vinha dizendo e lhe deu uma lição sobre o valor da vida humana, lição que tem sido grande bênção para todo o mundo. Disse, então, a parábola do rico próspero e insensato que construiu celeiros e tulhas mais vastas para recolher sua enorme colheita, e com tal ilustração levou aquele ganancioso a perceber sua lamentável atitude de cobiça (Luc. 12:13-21).

Se deve hoje em dia em nossas Escolas Bíblicas Dominicais enfatizar mais uma coisa que outra, esta é a verdade capital: ensinemos alunos, e não lições. O moto de cada professor deve ser este: "ensino que tem finalidade certa, para o aluno saber como viver". O professor de adultos que não permite que um aluno

faça perguntas, alegando que o tempo é escasso e que "é preciso dar toda a lição", não descobri;' ainda qual a função principal do mestre. Quando necessário, devemos até nos desviar da lição do dia para atender à necessidade da classe. Muitos pregadores assim fazem em seus sermões. George W. Truett nos conta que certa vez pregou um sermão inteiro para beneficiar certo ouvinte dum grande auditório. Mas, assim fazendo, beneficiou a muitos do auditório, bem como Jesus ajudou a humanidade de todos os séculos, desviando-se de sua mensagem formal para satisfazer às necessidades de um indivíduo cobiçoso. Se nada aprendemos de todo neste estudo de Jesus como mestre, não esqueçamos nunca que ele ensinou para resolver as necessidades e problemas da vida.

6 . ***Formar Caracteres Maduros***

Jesus desejava não apenas obter uma resposta definida para seus ensinos, e nem só resolver por meio deles problemas específicos da vida. Ele olhava ainda mais para diante, e desejava assim, desenvolver em seus seguidores aquelas graças que lhes possibilitariam conjurar suas fraquezas e vícios e fazer deles caracteres fortes, íntegros e verdadeiramente cristãos. Carlos F. Kent assim se expressa a respeito dos objetivos de Jesus: "Livrar os homens de cederem às tentações que sorrateiramente assaltam cada homem e cada mulher; ajudá-los a vencer as paixões que se precipitam sobre eles; libertar o altivo coletor de sua ganância; a mulher da rua, daquelas influências que quase irresistivelmente a prendem e arrastam." Jesus buscou criar e desenvolver virtudes positivas, tais como a honestidade, a humildade, a pureza, o altruísmo, a bondade, o sacrifício, que enobrecem o caráter, firmam a conduta e alegram o viver. Desejou para seus discípulos uma vida o mais humanamente possível, liberta do pecado.

Muitos fatos da vida de Jesus provam cabalmente este seu glorioso objetivo. Ele denunciou corajosamente os fariseus que viviam a religião de modo exterior e que intimamente não passavam de consumados hipócritas. Um dos quadros mais vivos pintados por Jesus está na sua parábola do fariseu e do publicano a orarem no templo. O fariseu publicamente se ufanava de sua bondade e religião, enquanto o contrito publicano suplicava a misericórdia divina para si, pobre pecador. Jesus fez pouco das orações formalistas, dos jejuns, das dádivas ocas, dos dízimos por obrigação, e louvou as atitudes apropriadas e naturais, que procedem do coração. Ensinou a seus discípulos que deviam ir além das prescrições da lei e dos profetas, e os ajudou a olhar mais para os motivos e intenções do que para os ritos exteriores.

A ira e o homicídio são coisas condenáveis; e o olhar para uma mulher, cobiçando-a, é tão pecaminoso quanto o adultério. Os discípulos de Jesus deviam proceder honesta e sinceramente, com juramento ou sem ele; deviam

colocar-se acima da vingança, chegando mesmo, quando esbofeteados numa face, a mostrar a outra para ser ferida; deviam amar e considerar seus inimigos como amigos. Jesus ensinou que o cristão deve crescer como as plantas — "primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga" (Mar. 4:28). Aconselhou a Pedro que alimentasse os cordeiros, as pequenas ovelhas e as ovelhas (João 21:15-17). Ensinou que "o céu não se conquista de um salto, mas que devemos construir a escada pela qual subiremos da terra aos elevados céus, e que lá chegaremos de etapa em etapa".

Para que a experiência de seus discípulos fosse verdadeira, completa e permanente, Jesus exigiu, que eles pensassem bem no custo e nas dificuldades antes de resolverem segui-lo; exigiu que se certificassem bem de que o afeto que tinham por ele sobrepujava a todas as afeições temporais e terrenas; exigiu que renunciassem a tudo quanto possuíssem, que tomassem diariamente a sua cruz e o seguissem. Jesus mostrou-se bem mais interessado na qualidade de seus seguidores do que na quantidade deles; importou-se mais com o valor deles do que com o seu número; mais com resultados permanentes do que com êxitos temporários.

Se queremos seguir o exemplo dele, urge reconhecermos que importa mais obter uma resposta genuína e sincera do que uma adesão imediata e impensada; urge ver que nossa tarefa apenas se iniciou, quando algum de nossos alunos se converte; e que nossa obra de mestres é formar nele "o homem maduro, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef. 4:13). W. E. Hatcher disse bem: "Pelo menos é tão importante salvar aquilo que já temos como salvar o que ainda está perdido." E J. B. Gambrell afirmou: "Os batistas têm evangelizado e batizado, mas não têm ensinado. Disto decorrem muitos dos seus males."

7 . ***Preparar para o Serviço Cristão***

A tarefa final do Mestre dos mestres foi preparar e treinar seus discípulos para que espalhassem por todo o mundo os seus ensinamentos. Grande parte do fim de seu ministério ele dedicou a essa tarefa. Ficaram tão bem preparados que eles e seus sucessores conseguiram arrebanhar maior número de seguidores que qualquer outro grupo de mestres religiosos. Foram eficientíssimos, conquanto não pertencessem ao grupo de mestres e técnicos dos escribas e rabinos. Não tiveram treinamento profissional específico, mas, após aquele breve período de preparação com Jesus, tornaram-se os mestres mais consumados deste mundo. Os onze, os setenta, e outros mais iniciaram o ensino da mensagem em sua marcha para conquistar o mundo, e até hoje essa gloriosa cruzada ainda não cessou. O ensino deles percorreu todo o globo terrestre e modificou a marcha da história.

Vários elementos fizeram parte daquele treinamento. Jesus disse a seus discípulos: "Vinde após mim; eu farei de vós pescadores de homens" (Mat. 4:19). Também "selecionou doze, para estarem com ele, e para enviá-los a pregar" (Mar. 3:14). O primeira, e provavelmente o mais importante aspecto do treinamento deles foi a associação pessoal com Jesus, aprendendo eles mediante o exemplo e a imitação. Eles viram como Jesus simpatizava com o povo, como o confortava, alimentava, curava; e, assim, apanharam o seu espírito. A segunda fase foi mediante o ouvir os incomparáveis ensinos de Jesus, em várias circunstâncias, e sobre grande série de assuntos. Aprenderam "ouvindo com os ouvidos". Por fim, Jesus lhes confiou serviços práticos concedendo-lhes que balizassem os conservos. Também enviou os doze numa excursão de ensinamento e prédica, e depois os setenta em missão semelhante. Quando voltaram, reuniu-os para ouvir seus relatórios, proporcionando-lhes assim direção e supervisão.

Assim aprenderam eles com o exemplo de Jesus, com suas instruções e com suas atividades práticas. Nenhum grupo de mestres teve melhor treinamento que eles. Quando, por fim, estavam preparados, Jesus os enviou, dizendo-lhes: "Fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, c do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mat. 28:19-20). Jamais se fez depender tanto de tão poucos, eles fielmente deram contas daquilo que se lhes confiou.

Como mestres, devemos reconhecer que o treinamento de outros é uma tarefa a nós confiada. De nossas classes de hoje podem sair os líderes voluntários de nossas futuras Escolas Bíblicas Dominicais, de nossas Uniões de Treinamento, de nossas Sociedades Femininas, de Jovens e de Homens. Também desses nossos alunos poderão sair pastores, técnicos de educação religiosa, pregadores leigos, missionários a terras estranhas e outros mais líderes da Igreja de Cristo. Embora não atinjamos toda a verdade, ao afirmar que somos salvos para servir, vemos que, sem dúvida, esta é uma parte do dever de cada cristão. Cada obreiro, portanto, deve ser treinado, e o professor de Escola Bíblica Dominical é responsável por uma parte dessa tarefa.

À vista de todos estes fatos, é maravilhoso anotarmos quão largos e vastos eram os objetivos de Jesus. Abrangiam a todos e a cada um dos aspectos da natureza humana — os pensamentos, os sentimentos e a vontade, incluíam todas as nossas relações — para com o nosso corpo, para com os outros e para com Deus. Cobrem cada fase de nossa atividade — pessoal, doméstica, eclesiástica e profissional. Em resumo, Jesus buscou criar "o homem perfeito para uma sociedade perfeita". E a realização desses objetivos significa a vinda do Reino de Deus à terra.

Sugestões Auxiliares para o Ensino do Terceiro Capítulo

Esboço no Quadro-negro

1. Formar Ideais Justos
2. Firmar Convicções Fortes
3. Converter a Deus
4. Relacionar com os Outros
5. Resolver os Problemas da Vida
6. Formar Caracteres Maduros
7. Preparar para o Serviço Cristão

Tópicos para Discussão

1. Mostre a importância dos ideais.
2. Que é que a convicção adiciona à verdade?
3. Por que é necessária a resposta, ou a reação, ao ensino?
4. Como se pode assegurar a paz mundial?
5. Apresente alguns problemas da vida de seus alunos.
6. Que é que estava errado na religião dos fariseus?
7. Qual dos métodos de treinamento empregados por Jesus foi o mais eficiente?

Assuntos para Revisão e Exame

1. Apresentar provas escriturísticas da maneira pela qual Jesus buscou resolver os problemas da vida.
2. Mostrar a ênfase que o Mestre deu ao desenvolvimento do caráter.
3. Por que meios Jesus treinou seus discípulos para o serviço cristão?

4

PRINCÍPIOS SUBJ ACENTES À OBRA DE JESUS

À primeira vista parece que o ministério instrutor de Jesus não se arraigava em nenhum princípio particular. Parecia mais uma espécie de atividade espontânea, sem qualquer subjacente filosofia definida. Contudo, não é este o caso. Estava muito longe de ser um processo acidental ou a esmo. Quanto mais estudamos a obra de Jesus, mais vemos que ela se baseava em princípios substanciais. Com efeito, tais princípios não foram apresentados em muitas palavras. Mas estão claros na obra de Jesus, e aparecem quando nos pomos a examiná-la. Anotaremos aqui alguns desses princípios.

1. ***Jesus Olhava para Longe***

É evidente que Jesus olhou para longe ao escolher seus auxiliares. Olhando lá da altitude divina, pôde ver neles aquilo que eles e seus companheiros nãq_ podiam enxergar. Olhava suas possibilidades futuras, e não meramente suas presentes qualificações. Por exemplo, viu naquele Simão impulsivo, radicalista e vacilante um caráter forte, corajoso e vigoroso, e por isso lhe deu o nome de Pedro (pedra). Semelhantemente, viu naquele João muito jovem e descaridoso ("filho do trovão") um caráter bem mais amoroso e compreensivo, e mesmo "o discípulo amado". Jesus podia descobrir num fariseu cheio de orgulho ou numa mulher de má vida possibilidades que ninguém enxergava. Afirma Bruce Barton: "O povo via Zaqueu apenas um judeuzinho desonesto: Jesus viu nele uni homem de generosidade incomum... Assim se deu também com Mateus: todos viam nele nada mais que um desprezível coletor de impostos, mas Jesus viu nele o potencial escritor dum livro que viveria para sempre."

Assim como o pintor vê seu futuro quadro na tela ainda em branco, assim como o escultor enxerga já a futura estátua no mármore bruto, o Mestre via em cada discípulo a personalidade útil e extraordinária que seria no porvir, e por isso trabalhava com otimismo e paciência na realização do seu plano. "Parece que Jesus nunca perdeu a esperança no lidar com os homens. Sempre ele esperava qualquer coisa dos piores e dos mais fracos deles."

Jesus também olhou para longe, quando se lançou à obra de criar caracteres fortes, sabendo que de fato é preciso bastante para firmar ideais para consolidar e para desenvolver hábitos nobilitantes. Disse Maltbie D. Baboock: "Bons hábitos não se formam no dia em que nascemos, e nem se cria o caráter cristão no dia do Ano Bom. A visão pode revelar-se, o sonho pode alertar e o coração com nova inspiração pode galgar o topo da montanha; mas

a prova e o triunfo estão no sopé do monte, ao nível da planície./ O cogumelo cresce numa noite, mas o carvalho precisa de uma década para desenvolver-se. Este fato aparece claro na parábola da semente lançada à terra, a qual brota, e se desenvolve da erva até o grão grado na espiga (Mar. 4:28). Também está claro na exortação a Pedro, de alimentar seus cordeirinhos e fazer deles ovelhas (João 21:15-17).

Jesus sabia que o Reino de Deus não viria por meio de campanhas turbilhonantes e nem por ocasiões grandemente trabalhadas, mas pelo processo seguro de ensino e treinamento "preceito após preceito — regra após regra". Somente assim cristãos imaturos atingiriam a estatura completa do homem cristão. Este olhar para longe deu a Cristo firmeza e constância. "Assim, quando se via bloqueado numa direção, Jesus paciente e serenamente se voltava para outra. Quando, cercado por todos os lados, não lhe restou outra coisa senão morrer, Jesus o fez doce e confiantemente, como quando alimentava as multidões junto ao mar"; Jesus sempre estava certo dos resultados.

O olhar para longe, no que respeita às possibilidades de nossos alunos e à tarefa de criar neles o caráter cristão por certo muito nos ajudará a conjurar todo e qualquer pessimismo. Não faremos nunca como fez o pai de Woodrow Wilson, que disse: "Receio que meu filho Woodrow não chegue a ser grande coisa." Nem agiremos como aquele evangelista que, ao término do reavivamento cm que se converteram George Truett e outros mais, sentia que a reunião havia falhado em muito, porque poucos adultos tinham sido ganhos para Cristo. Nem agiremos como aqueles líderes eclesiásticos que hesitaram em admitir Dwight L. Moody como membro de sua igreja.

Ao contrário, enxergaremos as infinitas possibilidades de cada aluno. De modo semelhante, encararemos nosso ensino não como uma obra pesada e incómoda, e. sim, como uma gloriosa oportunidade — o meio humano mais eficiente para se criar e desenvolver o caráter cristão. Veremos, então, com von Humboldt, que aquilo que desejamos ter cm a nossa civilização de amanhã deve hoje ser em nossas escolas, e, com Roberto Wells Veach, que o progresso social é uma cruzada de mestres-escolas. Veremos daí, que "o professor é, na realidade, o guardião dos portais do amanhã".

2 . ***Jesus Deu Valor ao Contato Pessoal***

A tendência hodierna é buscar colher resultados por meio de atividades levadas a cabo em grandes reuniões de gente. Vivemos obsedados pelos números, pela quantidade. O sucesso dum evangelista, dum pastor ou dum professor de educação religiosa é medido hoje pelo número de conversos, de membros de igreja, ou pelo tamanho da escola. Campanhas desta ou daquela espécie são hoje a ordem do dia. Como Gregório, o iluminador, ou como

Francisco Xavier e outros mais ambiciosos missionários, queremos ganhar o povo aos magotes. Assim, se enfatiza mais a multidão do que o indivíduo.

Isto não vai bem com o justo procedimento em matéria de educação religiosa e trará quase sempre resultados superficiais e temporários. Através dos anos, tem sido essa a causa de bom número de experiências espúrias e deserções. Maior número de pessoas convertidas em cultos regulares permanecem firmes, ao passo que, daqueles ganhos em reuniões de reavivamento, bem poucos prosseguem na carreira. Tal ênfase explica em parte a diferença existente entre o número de membros no rol da igreja e o número de membros fiéis e ativos. Isso contribui também para dúvidas e deserções da fé. J. R. Graves certa vez disse que muitos ateus notáveis, com os quais conversou, haviam nalgum tempo feito sua profissão de fé.

Jesus enfatizava outra coisa: o contato pessoal. "Em grande parte., Jetus empregou seu tempo a conversar com indivíduos, ou com aquele seu grupo de discípulos ou alunos." É verdade também que lidou com multidões. Tanto que verdadeiras multidões o seguiam de Cafarnaum, de Jerusalém, de Decápolis e doutros mais lugares. Chegavam, às vezes, a quatro ou cinco mil. Jesus simpatizava com as multidões, dirigia-lhes a palavra, alimentava-as e as curava. Certas vezes sua atividade chegou mesmo a tomar o aspecto dum grande movimento popular, notadamente após certos períodos de curas e por ocasião de sua entrada triunfal em Jerusalém.

Mas Jesus não estimulou o movimento das massas populares. Ao contrário, parece até que tais movimentos o perturbavam, pois ele, nessas ocasiões, desaparecia e fugia da multidão e buscava provocar a reação de pequenos grupos. Quando grandes multidões o seguiam, Jesus lhes dizia que deviam amar a ele mais que a qualquer parente mais próximo, para que se tornassem seus leais seguidores (Luc. 14:25-27). Jesus conhecia bem a inconstância e volubilidade das multidões, e o quanto era superficial a resposta de grupos, sentindo perfeitamente que "aqueles que hoje nos abençoam e louvam podem amanhã nos amaldiçoar e injuriar", Assim, não se dedicou a trabalhar com as massas populares. "O Mestre interessava-se mais por que poucos o entendessem bem e se enchessem de seu Espírito do que por grandes multidões que o seguissem de modo superficial."

Em todo o seu ministério público, de pouco mais de três anos, Jesus empregou a mor parte de seu tempo na lida com indivíduos. Os fatos mais brilhantes do seu ministério se deram através dessas atividades junto a indivíduos. "O método empregado por Jesus para a redenção deste mundo não foi o de esperar grandes oportunidades ou momentos dramáticos, não. Foi o de utilizar qualquer oportunidade que se lhe apresentasse, no mais ordinária lugar-

comum, aproveitando-se dos acontecimentos corriqueiros" da vida de cada dia, e daí tirava o que de mais proveitoso houvesse para qualquer alma necessitada."

Dentre as pessoas com quem lidou pessoalmente, encontramos Nicodemos, Zaqueu, a mulher de Samaria, a mulher apanhada em adultério, o homem que queria receber sua parte da herança, o jovem rico, o crítico rabino, e o fidalgo de Cafarnaum. Horne nos dá uma lista, ao todo, de perto de sessenta pessoas. Ao lidar com elas, Jesus teve oportunidade de compreender suas necessidades e aconselhá-las. O deão Inge comparou o líder de massas populares ao homem que derrama um balde de água sobre um grupo de vasos de boca estreita, esperando que alguns deles se encham. O conselheiro pessoal trata de casos específicos. Jesus compreendeu a superioridade deste segundo método. Como diz H. H. Horne: "Jesus, de preferência e com muito maior êxito, trabalhou com indivíduos, levando em conta a própria natureza das multidões. Ele não confiava nas multidões, nem a elas se confiou, mais confiava nos indivíduos."[7]

O mestre de nossos dias precisa ser um conselheiro pessoal, guiando o povo à solução de seus problemas. Ao ensinar, deve ter uma classe de tamanho tal que possa conhecer as necessidades individuais de cada aluno e ensinar, assim, com eficiência. Deve o professor ter um registro especial de cada aluno, com informes detalhados sobre os pais deles, seus amigos, seus professores na escola pública, e, assim, preparar e apresentar cada lição à luz desses informes c fatos. Disse um grande pregador: "George Truett revelou-se notável, quando pregava do púlpito; mais notável ainda quando dos degraus do Capitólio em Washington falava à Convenção Batista do Sul; fez-se maior ainda quando em Atlanta falou à Aliança Batista Mundial. Revelou-se, no entanto, ainda mil vezes maior quando, num pequeno cemitério de humilde cidade interiorana, falou para confortar uma menina que perdera sua estremecida mãe."

3 . ***Jesus Começava Onde Estava o Povo***

Jesus não pregou sermões antecedentemente preparados para certas ocasiões. Estivesse em casa, na sinagoga, na montanha ou à beira-mar, ensinava sempre mui naturalmente e de modo informal, partindo do interesse do aluno e de suas necessidades. "Ele começava não com crenças estereotipadas, com assuntos previamente estipulados, com tradições ou mesmo com a Bíblia, mas com pessoas vivas que com ele conviviam e que faziam parte de sua experiência diária." "Ele não tomava uma passagem da lei ou dos profetas, para dela tirar princípios gerais, e imediatamente aplicá-los a qualquer necessidade que viesse a descobrir. Ao contrário, ele tratava de situações humanas que tinha diante de seus olhos." Apanhava as pessoas como se lhe,apresentavam e

buscava levá-las para onde queria que fossem. Isto calha perfeitamente com a "Lei da Prontidão", de Thorndike, que afirma, quando uma pessoa está pronta para agir de certa maneira, ou em certo sentido, o fazer isso é coisa que a satisfaz e a livra de aborrecimento.

Quando um doutor da lei lhe perguntou o que devia fazer para herdar a vida eterna, Jesus lhe citou a lei dele (Luc. 10:25,26). Na conversa com a mulher decaída, junto ao poço de Jacó, Jesus começou a falar em "água" — coisa em que ela estava interessada, e a levou às "águas vivas" (João 4:10). Levantando-se na sinagoga para ler e proclamar o programa do seu ministério, Jesus começou com aquela passagem familiar de Isaías que trata da expectativa messiânica (Luc. 4:16-30). Assim, por este processo, Jesus atraía a atenção e o interesse dos ouvintes. "No propósito de levar seus discípulos a aprender alguma coisa, ele não se cingiu a programas formais, nem a currículos forjados de antemão."

Partir de onde se acha o discípulo significa não só começar pelos seus interesses e necessidades, mas também linguagem que lhe seja familiar. Isto se baseia na antiga lei da "apercepção", que já em certo tempo recebeu grande ênfase e que ' ainda precisa ser enfatizada. Literalmente, significa "adpercepção", ou adicionar algo à percepção do alune. A ideia aqui é esta: o aluno aprende novas verdades mediante as velhas, ou chega ao desconhecido pelo conhecido. "Verdades a serem ensinadas devem ser apresentadas mediante verdades já conhecidas." Aliás, é este, no aprendizado, o processo em voga.

Uma criança, tendo visto o quadro de um crocodilo, deu esse nome ao primeiro lagarto que encontrou. Uma lavadeira de cor, assistindo a um desfile de enfermeiras da Cruz Vermelha, exclamou que nunca vira tanta roupa caiada! Uma criança do Sul, ao ver cair os primeiros flocos de neve, deu-lhes o nome de plumagens. Visto que aprendemos novas verdades através das velhas, é de suma importância escolher vocábulos e expressões que sejam familiares ao aluno. Do contrário, não se formará a idéia exata. Jesus lançou mão de palavras comuns como luz, sal, pão, carne, e se referia sempre a coisas mui conhecidas, como solo, vinha, cordeiro, fermento.

De passagem, convém anotar que os tempos de maior incompreensão no ministério de Jesus foram aqueles em que ele empregou uma terminologia que tinha outro significado para seus ouvintes. Quando empregou o termo "novo nascimento", Nicodemos, embora homem culto, imediatamente pensou em nascimento natural, físico. Quando falou do "Reino", seus seguidores imaginaram logo um reino terreno como o de Davi, um reino de força, e não um reino espiritual nos corações humanos. Quando falou que, se seu "templo" fosse destruído, em três dias o levantaria de novo, os discípulos não perceberam que Jesus falava de seu corpo. Assim, pois, é preciso não só iniciai' com ex-

periências c problemas conhecidos do povo, mas também ver se os alunos estão compreendendo claramente a linguagem e as ilustrações empregadas. O Dr. Gambrell certa vez falou dum pregador que gastou três minutos para ilustrar e dezoito para explicar o que desejava ensinar com a dita ilustração.

4. ***Jesus Detinha-se em Assuntos Vitais***

Em todos os ensinos de Jesus não encontramos indicação alguma de que ele se demorasse no tratamento de assuntos secundários ou incidentais. Ele não ensinava os rudimentos do aprendizado, nem história, nem geografia, nem os costumes da Palestina. Não dava tanta ênfase à organização, ao equipamento, nem aos materiais que empregava no seu ensino. Também não enunciou elaborados sistemas de doutrina a serem ministrados pelas gerações futuras. A coisa que mais se aproxima disto é o Ensino do Monte, que pode ser lido em meia hora. Também não acoroçoou que decorassem as Escrituras, comentários delas, ou assuntos de discussão teológica como faziam os escribas em suas classes nas sinagogas. Em vez disso o Mestre tratou de problemas vitais — assuntos de modo definitivo pertinentes à conduta moral e religiosa.

O Mestre sabia muito bem que as saídas da vida procedem dos instintos fundamentais, como o de conservação, de reprodução, de projeção e de sociabilidade. Ele próprio houvera sido tentado em muitos desses pontos, e sabia que a perversão desses impulsos produz os pecados da sociedade. O problema da natureza humana é o principal. Assim, buscou Jesus controlar os problemas da vida em sua própria fonte. Por isso, alertou seus seguidores contra o espírito cúpido, que é a perversão e o resultado do instinto da conservação própria. Pós de sobreaviso os homens contra o olhar lascivo, que provém do instinto de reprodução, e disse a seus discípulos que fossem puros de coração. Condenou o desenvolvimento do instinto de projeção, que arrasta o homem a desejar os primeiros lugares e a dominar os outros. Também verberou fortemente o orgulho e a vã exibição, perversões do instinto de sociabilidade. Assim se detendo em assuntos vitais, repreendeu gentilmente os mestres de Escola Bíblica Dominical que gastam tempo a tratar de assuntos secundários e acidentais.

Discutindo temas vitais, Jesus não gastou seu tempo apenas para denunciar os erros e os acontecimentos do dia, como o povo em geral o faz. Jamais tratou negativamente dos problemas da vida, nem seu evangelho foi o de "recolhe-te à tua insignificância". Isto não perdurou, nem prevaleceu, como ele mostrou perfeitamente na história do mau espírito que, uma vez expulso, voltou à casa vazia e a habitou novamente (Mat. 12:43-45). Ao contrário, ele reconheceu a necessidade de tratar os problemas de modo positivo. Noutras palavras, deve haver uma nova dinâmica — "o poder expulsivo duma nova disposição de

ânimo". Por isso, Jesus buscou mostrar ao herdeiro cúpido que a vida é mais do que nossas posses e bens, e à sórdida mulher samaritana que existem satisfações e prazeres superiores aos materiais e físicos. Ele fez da religião uma realidade vital e dinâmica. "Para Jesus, a vida é algo mais que o ajustamento ou a adaptação dum organismo à sua ambiência imediata. Jesus tinha em mente a personalidade forte e una que pode suportar qualquer teste." "Jesus achava que a religião é uma espécie de vida difusa nos interesses e atividades da pessoa... e nunca um interesse específico, separado do restante da vida. Ele só falava em termos de reações divino-humanas."

5. ***Jesus Trabalhava a Consciência dos Indivíduos***

Os escribas e os fariseus, os mentores profissionais da religião dos dias de Jesus, intentavam desenvolver o caráter por meio de regulamentos e preceitos assaz minuciosos. "Cristo apareceu no meio dum povo para quem a religião consistií na aceitação dum elaborado código de regras, de épocas fixas e de maneiras de cultuar." Tais regras ocupavam minuciosamente quase todos os setores da vida e sobrecarregavam por demais o povo. Havia, por exemplo, quarenta e duas regras sobre o insignificante assunto, como era permitido dar um nó no dia de sábado! A vida moral e religiosa era quase intolerável sob tal sistema. Jesus bem conhecia a futilidade daquelas práticas exteriores e por isso buscou libertar o povo duma virtual escravidão a elas. Foi também por isso que ele clamou contra aquele estado de coisas, dizendo: "Carregais os homens com fardos difíceis de suportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais nesses fardos" (Luc. 11:46). Fazia-se necessário, portanto, enfatizar positiva e dinamicamente o lado espiritual da religião, para que o povo se sentisse suficientemente preparado para enfrentar e solucionar os problemas da vida. E isso Jesus buscou fazer, no afã de ajudar seus discípulos.

Como já anotamos, o Mestre percebeu a impropriedade das reações e respostas que eram dominantemente emotivas, porém destituídas de convicções bastantes que elevassem a moral do povo. Jesus via perfeitamente que histórias patéticas e apelos ao orgulho não eram motivou defensáveis e próprios. Assim, não lançou mão deles. Nunca ele pediu a qualquer pessoa que erguesse a mão, que assinasse um voto ou que se pusesse de pé para testemunhar que o havia aceito. Nem solicitou que alguém lhe apertasse a mão, embora exortasse todos a que o seguissem. "Ele nunca compeliu alguém, nem impôs sua vontade; nunca forçou alguém a concordar com ele, nem impôs dogmaticamente seu ensino." As decisões da vida são bastante sérias para que as não tomemos levianamente. Ele desejava obter respostas que fossem permanentes, decisões que fossem devidamente motivadas. Para Jesus não havia atalhos. Achava melhor não receber resposta alguma do que obter reações espúrias industrializadas e apressadas.

Por isso Jesus sempre apelava à consciência, que nada mais é que esse sentimento de obrigação moral de cada um, ou a sensibilidade para com o bem e o mal. "Estas coisas, porém, devíeis fazer", disse Jesus aos escribas e fariseus hipócritas (Mat. 23:23); e, repreendendo o homem que escondera seu talento, disse: "Devias..." (Mat. 25 :27). Jesus sempre trabalhou mais a consciência dos homens do que o intelecto. Ele promoveu a sua causa não só mediante o ensino de verdades, mas a descansou sempre em consciências esclarecidas. E os resultados justificaram esse bom princípio. Ele primou para que a verdade fosse bem clara, mas também imperativa e constrangedora O povo, ao terminar ele seu ensino, saía da presença do Mestre sentindo que algo deveria ser feito sobre o que tinham ouvido. Horne diz: "Jesus, sem enunciar qualquer programa social, influiu mais na reforma da sociedade do que aqueles que proclamaram extensas plataformas de melhoramento social, porque criou essa consciência social que transforma a sociedade." E Hinsdale adiciona: "A segura e calma confiança que Jesus tinha nos processos morais é o maior tributo que já se prestou à natureza humana." E também foi o maior tributo ao seu ensino.

Temos, pois, aqui um princípio que urge salientarmos cada vez mais, se quisermos tornar nosso ensino eficaz e duradouro. Ele é verdadeiro, quer busquemos conversões ou compromissos financeiros voluntários para a obra religiosa. Ele conserva a liberdade e nos livra do superficialismo. É infinitamente melhor que regulamentos minuciosos. O Dr. Gambrell certa vez disse a seus colegas mais jovens, numa reunião na Faculdade: "Mui logo vocês aprenderão que nada se consegue por meio de regras e regulamentos." E estava certo. Também nada conseguimos com meros apelos emotivos. Os constantes e inúmeros desvios, quedas e deserções, e faltas de cumprimento de votos provam esta verdade. A "consciência deve ser iluminada e despertada. Nunca devemos fazer pressão sobre o povo, buscando levá-lo a fazer aquilo que não quer fazer; ao contrário, devemos começar pelas suas necessidades. As respostas devem nascer do sentimento de obrigação moral.

6. ***Jesus Olhara Sempre para o Que Havia de Bom no Individuo***

Há pessoas que só olham para aquilo que de mau existe em seus semelhantes. Assim, tomam uma atitude e tratam de coisas desagradáveis que só podem colher respostas desfavoráveis. Levantam, desse modo, forte barreira e resistência entre eles e a pessoa com quem estão lidando, àmiúde se criam mesmo antagonismos e inimizades. Assim agem não poucas vezes pessoas bem intencionadas que sinceramente buscam acertar e ajudar; mas é claro que lhes falta discernimento e também tato. Um colega de ginásio, a quem este escritor levou a Cristo, disse depois de sua conversão: "Eu teria dado este passo há muito se certas pessoas não me tivessem criticado tanto." Esta tendência de

olhar só para os defeitos de nossos semelhantes pode bem prejudicar a matrícula da classe que ensinamos, pode dificultar nosso ensino e mesmo inutilizar qualquer esforço que fazemos para levar nossos alunos a servir a Cristo, embaraçando bastante o ganharmos nossos semelhantes para Jesus. Pode surgir ela do fato de não termos compreendido bem este ou aquele aluno, como pode ser o resultado duma atitude fria e antipática, e mesmo de falta de tato e simpatia de nossa parte. Pode igualmente ser o resultado do cáustico espírito de crítica. Seja como for, o fato é que essa tendência afasta ainda mais de nós o discípulo nosso e produz mais mal do que bem.

Com Jesus tudo era diferente. De qualquer modo ele sempre enxergava algo de bom e apreciável nos homens. Mesmo lidando com um fariseu empavonado e cheio de justiça própria, com um coletor ladino e sem escrúpulos, ou com uma decaída, Jesus sempre apelava para aquilo que de bom ainda houvesse no íntimo deles, e trazia à tona alguma de suas boas qualidades. E assim tratava Jesus não só aqueles que viviam chafurdados no pecado, mas também os que apenas se mostravam imaturos e inexperientes. Parece-nos mesmo que o Mestre se especializou em apanhar aqui e ali pessoas indesejáveis e desprezíveis para fazer delas caracteres esplêndidos e extraordinários, como fez com os onze.

E isso tudo Jesus conseguiu salientando as futuras possibilidades deles, interessando-se por eles e inspirando-os a prosseguir no bem. "Ele cria que o meio de se criar nos homens fé e confiança é mostrar que temos fé neles; e Jesus nunca se afastou deste grande princípio de tratamento eficiente." Quando mostrou o que pode conseguir a fé do tamanho duma semente de mostarda; quando disse à adúltera que também não a condenaria, e que fosse, e não mais pecasse; e quando disse a seus discípulos que eles eram o sal da terra, o Mestre Jesus estava implantando neles a confiança e a esperança que os arrastariam a desdobrar seus esforços no sentido de não falharem à confiança que Jesus neles depositava.

Uma das coisas mais importantes que podemos fazer como professores de Escola Bíblica Dominical é procurar obter o máximo de nossos alunos. Não existe aluno algum que praticamente seja um caso perdido, sem esperança, pois sempre podemos descobrir nele brilhantes possibilidades. Não há nenhum tão medíocre que não tenha em si alguma qualidade para a qual possamos apelar. Quando alguém perguntou a uma propagandista de voto feminino na Câmara de Boston quem a defenderia duma multidão hostil e ameaçadora, ela apontou para o cabeça do motim, e disse: "Aquele cavalheiro me protegerá, e verão como ele me dará a oportunidade de ser ouvida." E aquele a quem ela chamara de "cavalheiro" de fato fez justamente isso, dando-lhe a palavra.

Quando o superintendente da Escola Reformista de Rhode Island soube que um rapaz interno estava planejando fugir para casa, forneceu-lhe a passagem para ir fazer um w*ek-end* com a mãe dele, e lhe disse que esperava que ele voltasse ao internato mesmo quando a mãe e ele dissessem que não o fariam. E o rapaz voltou. A Sra. Jessie Burral Eubank conseguiu em Washington no tempo da guerra uma classe de 1.600 moças não-residentes, em grande parte só por apelar para aquilo que elas podiam fazer de melhor, despertando-as com este moto: "Nós queremos ser as especialistas das coisas impossíveis." Cevemos, sim, pôr nossa confiança, nosso otimismo e nossa inspiração contra a dúvida, contra o desânimo, para cobrir as deficiências de nossos alunos e levá-los a atingir o máximo em suas vidas. E só conseguiremos isso quando pudermos ver algo das possibilidades latentes que dentro deles existem/

7. ***Jesus Assegurava a Liberdade de Ação do Aluno***

Uma das famosas "Sete Leis do Ensino", de João M. Gregory, é esta: "Provoque e dirija as atividades próprias do aprendiz, e não lhe ensine aquilo que ele pode aprender por si." Esta lei se baseia no fato de que o aprendizado não se efetua sem atividade mental. Tomás Carlyle dizia que "os santos não se fazem durante o sono". Também o erudito L. A. Weigle diz: "Não é aquilo que você diz ou conta ao aluno, e, sim, aquilo que ele pensa depois de ouvir suas palavras; não é aquilo que você faz por ele, e, sim, aquilo que ele faz com suas próprias mãos; não é a impressão, e, sim, a reação dele que determina o seu desenvolvimento. Você não pode enfiar idéias na cabeça do aluno; suas palavras são apenas símbolos das idéias que estão em sua mente. O aluno deve interpretar tais símbolos e daí com isso construir suas próprias idéias. O ensino só obtém êxito quando leva o aluno a agir."

O aluno não deve simplesmente assentar-se calado enquanto o professor fala e ensina. A mente dele deve estar em atividade. Faz-se necessário um movimento de três ciclos — conhecimento intelectual, estímulo emotivo e resposta volitiva. O aluno só aprende a renunciar quando se nega a si mesmo; só toma consciência da alegria de dar quando dá desinteressadamente e pelo prazer de dar. Por isso é que contar histórias, prelecionar, apresentar auxílios audiovisuais não basta. A discussão, a dramatização, as projeções podem ajudar o ensino. Mas, só fazendo é que aprendemos a fazer.

Este princípio o Mestre conhecia perfeitamente e o empregou sempre, "Longe de oferecer soluções conseguidas de pronto, Jesus dirigia o povo, deixando que com seus próprios recursos obtivessem a resposta."

Ele certamente estava salientando este princípio quando disse: "Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, há de saber" (João 7:17). Também frisou o mesmo princípio quando comparou o simples ouvir ao construir uma casa sobre

a areia, e o ouvir e o responder ao construir sobre a rocha. O ponto principal da Parábola dos Talentos é aquele que nos chama a atenção para o homem que usa e desenvolve seus poderes, concluindo-se que quem assim não faz acaba perdendo-os. Na parábola sobre os solos, Jesus nos ensina que o que importa é a resposta à sementeira.

Deixou que os discípulos batizassem por ele, e os enviou, bem como a outros, em missões de ensino e cura. Jesus fez que os discípulos distribuíssem dos pães e dos peixes, ao alimentar os cinco mil, e também lhes pediu que tirassem a pedra posta à entrada do túmulo de Lázaro. O cego deveria lavar os olhos no tanque de Siloé antes de receber a vista, e o moço rico vender tudo e dar aos pobres para estar habilitado a possuir a vida eterna. Entre as atividades mencionadas, encontramos estas: levantar, vir, seguir, ir, lavar, fazer, vigiar, oferecer, pregar, ensinar, fazer discípulos, dar de comer. O Evangelho de Jesus era de pensamento e ação, bem como de ouvir, sentir e praticar.

Sugestões auxiliares para o ensino do quarto capítulo

Esboço no Quadro-negro

1. Olhar para Longe
2. Dar Valor ao Contato Pessoal
3. Principiar Onde Está o Aluno
4. Deter-se em Assuntos Vitais
5. Trabalhar a Consciência do Aluno
6. Olhar para o Que Há de Bom no Aluno
7. Assegurar a Liberdade de Ação do Aluno

Tópicos Para Discussão

1. Mostre a importância de descobrir as possibilidades do aluno.
2. Por que Jesus preferia lidar mais com indivíduos do que com as multidões?
3. Discuta o princípio da apercepção.
4. Quais os temas mais vitais que devem ser tratados?
5. Dê sua definição de consciência.
6. Como assegurar a liberdade de ação do aluno?

Assuntos para Revisão e Exame

1. Mostre como Jesus descobria as possibilidades do aluno.
2. Por que o Mestre colocou os ideais acima dos regulamentos e preceitos?
3. Como ele assegurava a liberdade de ação do estudante?

5

COMO JESUS U SAVA SEU MA TERIAL DE ENSINO

O uso que Jesus fazia do seu material de ensino é uma das fases mais interessantes e reveladoras de nosso estudo. E será também para nós bem sugestivo e de grande ajuda, se, nos materiais por ele usados, pudermos encontrar sugestões sobre o que devemos empregar em nossa própria atividade educadora. Tais materiais variam quanto a fontes, qualidades e usos. De modo nenhum Jesus se escravizou a eles, nem deles dependia. Ao contrário, à medida que passavam pelo cadinho do seu intelecto, ele lhes adicionava o seu pensamento criador, reformava-os e passava-os adiante.

1. ***As Fontes***

Várias eram as fontes gerais das quais o Mestre retirava seu ensino. Podemos separá-las em outras tantas divisões. Provinham, é certo, de seu preparo e experiência, e eram empregadas conforme as necessidades. Aqui no pequeno espaço de que dispomos, só poderemos fazer a elas referências breves e de caráter geral. Se fôssemos tratar pormenorizadamente deste assunto, escreveríamos outro livro.

1) *As Escrituras Sagradas*

Está bem claro que Jesus usou livremente as Escrituras do Velho Testamento. D. R. Piper nos conta que Jesus fez do Velho Testamento trinta e oito citações diretas, quatro vezes aludiu a acontecimentos nele registrados e cinqüenta vezes empregou linguagem paralela a certas palavras do Velho Testamento. Ele se referiu a vinte e um livros do Velho Testamento. Parece que usou mais os Salmos e o Deuteronômio. Os pensamentos do Mestre mostravam-se saturados das idéias do Velho Testamento e eram expressos na linguagem do mesmo.

Às vezes fazia citações diretas, como esta: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Mat. 4:4; Deut. 8:9). Há muitas outras ainda. Sem a veleidade de apresentar um estudo completo, Horne, nos apresenta trinta e três citações diretas feitas por Jesus do Velho Testamento. Muitas delas referem-se de maneira definitiva a Jesus e a suas atividades, e, por isso, são duplamente positivas. Trazem o peso do Mestre e também o do Velho Testamento.

Em certos casos Jesus fez afirmativas praticamente idênticas às das Escrituras do Velho Testamento, sem indicar que eram citações. Em Mateus 5:5

encontramos isto: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra", e, nos Salmos 37:11, lemos: "Os mansos herdarão a terra". Encontramos cerca de quarenta passagens, assim paralelas, no Velho Testamento e no Novo Testamento. Evidentemente Jesus as assimilou e depois nos deu a substância delas.

Noutros casos, o Mestre fez alusão às Escrituras, sem as citar de modo claro ou definido. Há bom número desses casos, como sua afirmativa de que no dia do juízo haverá mais tolerância para Sodoma e Gomorra do que para os homens de seus dias (Mat. 10:15). Outro é a breve menção ao exemplo da mulher de Ló que olhou para trás (Luc. 17:32), implicando isso um aviso a seus seguidores para que não façam o mesmo. Tais referências valem por citações definidas e exatas.

Jesus, porém, fez certas referências que dificilmente podemos saber de onde provêm. Por exemplo, esta: "Porque estes são dias de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito" (Luc 21:22). Parece que ele viu nas Escrituras algumas coisas que não podemos ver. Parece também que Jesus conhecia bem os escritos judaicos extrabíblicos, pois encontramos afirmativas como esta: "Perdoa a teu próximo o mal que te fez, e assim também teus pecados serão perdoados quando pediras" (Eclesiástico 28:2 (livro apócrifo); conferir com Mat. 6:12,14).

Os professores de nossos dias ganharão bastante em seguir neste particular o exemplo de Jesus, e devem assim familiarizar-se com a história, com o ensino, e mesmo com as palavras da Bíblia, e usar constantemente esse material/A Bíblia é a Palavra de Deus; o povo crê nela e gosta de ouvi-la; e não há outro material de maior peso e valor. Urge que o professor da Escola Bíblica Dominical conheça bem a Bíblia toda e saiba usá-la para o bem de seus alunos. Um dos pontos fracos de nosso professorado eclesiástico é justamente este: o estudo só de certos trechos da Bíblia, em vez de ensinar a Bíblia toda.

2) *O mundo natural*

Vê-se claro de seus ensinos que Jesus era um atento observador das forças da natureza e fez constantes referências a elas, usando isso como material de ensino. "Vemos os vinhedos florescentes; o vale, todo garrido, pletórico de roses e lírios, e de pomares cheios de romãzeiras; os rebanhos alimentando-se nas pastagens; as pombas fazendo ninhos nas brechas das rochas; as raposas causando estragos nas vinhas... Aspiramos o perfume do espicanardo, do olíbano e dos cedros do Líbano. Ouvimos o zumbido de abelhas, o balido de ovelhas e bodes, o arrulho do pombo torcaz." Parece que lhe era familiar cada um e todos os aspectos da natureza. Nos seus ensinos este conhecimento da natureza lhe estava sempre à mão, como diz Wilson: "Sua fala comum e habitual

era de vivo colorido, pintalgada e saturada dessa beleza da terra que nos rodeia e que se revela no firmamento por sobre nós." Jesus viveu junto à natureza e absorveu muito dela, trazendo-a sempre nos seus ensinos dos últimos anos.

Nos elevados céus, observou ele os ventos "soprando onde querem", o sol brilhando sobre bons e maus, as chuvas descendo para justos e injustos, e a tempestade combatendo casas. No reino vegetal percebeu a relação vital da videira e suas varas, o horror da figueira sem frutos, o crescimento da semente desde a erva até o grão grado na espiga, a presença do joio no meio do trigo. No mundo dos pássaros, acompanhou com olhos inteligentes, tanto a inofensiva pomba como o corvo em busca de alimento, tanto o pardal que cai ao chão como a águia em seus círculos, espreitando sua presa. Na vida dos animais, observou a mortífera serpente, o boi na vala, a raposa espreitando a caça, o cão lambendo feridas. Tudo isso o impressionava, e fazia parte dele, e ele usava isso tudo para ilustrar e colorir seus ensinos.

Entraram particularmente em suas parábolas. Temos quatro delas que nos falam de animais — bodes, ovelhas, cães e águias; sete que nos falam de plantas, inclusive o fermento, o joio, a figueira, a semente de mostarda; e dezesseis que nos falam de coisas como a luz, o solo, redes, e tesouro escondido. Muitas outras referências e ilustrações provêm dessas fontes, e animaram muito suas lições. Qualquer ensino se torna mais eficiente por meio de ilustrações tiradas da natureza que nos rodeia, particularmente se forem de coisas que são familiares aos ouvintes e sabiamente escolhidas. É difícil pensar o que Jesus teria feito sem esse material, ou o que conseguiremos sem ele, especialmente quando queremos ensinar crianças e outras pessoas que vivem em contato direto com a natureza. Muitos hoje se lembram perfeitamente dos ensinos e lições de J. B. Gambrell por esta razão: muitas de suas ilustrações eram tiradas do mundo da natureza e da vida diária. Tais lições assim prendiam a atenção das massas, eram bem lembradas por elas e influenciavam poderosamente seu modo de pensar e agir.

3) *Afazeres comuns e correntes*

O Mestre dos mestres estava igualmente sempre de olhos abertos para as situações que surgiam na vida daqueles com quem convivia. Ele conhecia bem as medidas do alqueire, das talhas de água, dos odres de vinho; o lidar com lâmpadas de óleo, o remendar vestidos, a lide nos moinhos de trigo; conhecia o valor duma dracma para uma viúva, os atritos de irmãos, os brinquedos e passatempos das crianças. Embora Jesus não fizesse citações diretas da história secular, da filosofia ou dos poetas do tempo, usou consideravelmente os acontecimentos correntes. Neutras palavras, Jesus nunca deixou passar uma oportunidade sem que a usasse para ensinar algo a seus ouvintes.'"Ele

encontrou, nos fatos comuns da vida de cada dia, inspiração para os temas mais. profundos e inspiradores que já empolgaram o coração humano."

Ele tirou lições da galinha a defender debaixo de suas asas os seus pintainhos, da mulher preparando a massa de pão, do lavrador a semear, do viticultor a podar suas videiras, do pescador a tirar peixes da água, do construtor a edificar, do alfaiate a remendar roupas velhas, do rei preparando-se para ir à guerra. Parece que nada escapava a seus olhos inteligentes e vigilantes. E dessas experiências tirava ensinamentos e avisos para seus ouvintes. "Falou sempre com autoridade — a autoridade da experiência própria e real e não como os escribas, que se estribavam em livros e regulamentos."

Poderíamos dar muitos outros exemplos que provam como Cristo se aproveitava de ocasiões e acontecimentos do dia para ensinar os homens. Quando entrou no Templo e o encontrou conspurcado pelos mercadores, não só ensinou uma lição expulsando-os de lá, como aproveitou o incidente para salientar a natureza sagrada da Casa de Deus. Quando os fariseus lamentaram que seus discípulos houvessem violado o sábado, colhendo espigas para comer, ao passarem por uma roça, Jesus aproveitou a oportunidade para enfatizar ainda mais o propósito do sábado. Quando os escribas e fariseus o criticaram por comer com publicanos e pecadores, contou as histórias da ansiosa busca empós da moeda, da ovelha e do filho perdidos, para ajudá-los a compreender qual a atitude própria para com os necessitados.

Não poucas vezes Jesus saía do seu círculo próprio usando os acontecimentos do dia e revelando, assim, familiaridade com os afazeres temporais dos homens. Frisando a necessidade de arrependimento, falou dos galiieus cujo sangue Pilatos misturara com o dos sacrifícios que eles ofereciam, e da queda da torre de Siloé, que matou dezoito pessoas. Em cada caso, Jesus asseverou que em nada eram aquelas pessoas piores que os habitantes de Jerusalém, e que, caso não mudassem eles seu modo de ver e agir pereceriam igualmente (Luc. 13:1-5). Evidentemente Jesus acompanhara e anotara os feitos de Herodes, e o fizeram tão bem que podia chamá-lo de "raposo". Esse uso das experiências do dia contribuiu imenso para fazer do ensino de Jesus um todo mui interessante e eficaz, que tinha por centro a própria vida.

Tudo isto nos confirma que o currículo não consiste apenas de manuais ou de tarefas especiais, mas também de outros materiais. O professor inteligente encontrará inúmeras fontes que muito e muito enriquecerão seu ensino. Quanto mais conhecer os afazeres, profissões e atividades de seus dias, melhor lhe será. De grande valor lhe serão livros contando biografias ligeiras, boa ficção e história. Se puder obter ilustrações nessas fontes, estará o professor preparado para tornar a verdade mais clara, mais convincente e mais atraente.

2. ***As formas***

As formas literárias de que Jesus revestiu seu ensino interessam quase tanto quanto o próprio ensino. Na verdade a eficácia daquilo que ele disse foi grandemente influenciada pelo modo por que o disse: Suas comparações e metáforas davam sabor ao seu pensamento. São verdadeiramente espantosas a variedade e a beleza dessas figuras de linguagem. Jesus se revelou Mestre consumado por tornar sempre a verdade bem clara e imperativa, falando sempre de modo direto, sem rodeios.

1) *Afirmativas concretas*

O ensino de Jesus sempre foi concreto, mesmo quando anunciava ideais e princípios. Ele não filosofava, não teorizava, nem se ocupava com coisas abstratas. O estilo dele não é lógico, ou analítico propriamente, e, sim, relacionado com assuntos correntes e descritivos, e, justamente por isso, muito impressionante. Anunciando uma nova verdade, começava com coisas que estavam à mão, e, por meio destas, ia à conclusão. É verdade que ele apresentou princípios e conceitos de caráter geral. Mas, em regra, partia sempre de exemplos e coisas conhecidas, empregando o princípio da apercepção. Noutras palavras: ia do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato, das coisas que apelam aos sentidos para aquelas que pertencem puramente à esfera mental. As parábolas de Jesus são ótimas ilustrações do emprego deste princípio. Isto significa que seu ensino era mais indutivo que dedutivo. Começava de onde estavam os alunos e os levava para onde queria que estivessem; isto é processo assaz eficiente no se ensinar qualquer coisa, quando se deseja levar um grupo de alunos a alguma verdade.

No Ensino do Monte, Jesus se referiu à luz e ao sal, ao argueiro e à trave, ao olho e ao braço, ao caminho e à porta, a uvas e figos, à rocha e à areia, e a outras mais coisas visíveis. Lançou mão de pássaros, para incutir nos outros a confiança; duma criancinha, para ensinar a humildade; duma moeda, para mostrar nossa responsabilidade como cidadão; falou do boi no valo, para enfatizar a necessidade; da figueira estéril, para salientar a inutilidade; do copo de água fria, para ilustrar o serviço. Haveria modo mais eficaz do que falar em serviço pessoal como "pescar homens", falar em falsos profetas como "lobos vestidos de ovelhas", falar nos cristãos como "sal da terra" e "luz do mundo"? Até os milagres que ele operou falavam de verdades concretas. Os mestres mais eficientes seguem ainda hoje o exemplo do Mestre no emprego de coisas concretas, usando ilustrações para aclarar, transmitir e incutir a verdade./As coisas que apelam aos sentidos atingem a imaginação, prendem o interesse e são lembradas com grande facilidade. Andaremos acertadamente gastando

tempo para ,-arranjar ilustrações boas e pertinentes, a serem empregadas em nosso ensino.

2) *Expressões incisivas*

O discurso formal e didático de Jesus, tal como o Ensino do Monte, é peça notável por ter ele usado expressões proverbiais, curtas e incisivas, que atraem a atenção, incutem a verdade e se fixam na memória^ São "condensações da experiência dos séculos e da sabedoria comum". São como as máximas dos rabinos, que resumiam seu ensino em ditados como estes: "Viver bem é melhor que nascer de nobre estirpe", 'Tal pai, tal filho", e "Quem vive atrás dos prazeres desta vida perde os da eternidade". Ditados assim entram no espírito como setas farpadas, e são "estimulantes de nossa atenção dispersiva, e irritantes de nossa prosaica imaginação". "As palavras do sábio são como aguilhões, e como pregos bem fixados pelos mestres das congregações" (Ecl. 12:11).

Neste sentido o ensino de Jesus aproximava-se mais do ensino dos sábios do que mesmo do dos profetas e poetas. Diz o deão de Westminster: "Se procurarmos nas páginas das velhas Escrituras os modelos que, ao menos na forma, serviram de paradigma para os discursos do Senhor Jesus, veremos que em sua maior parte não foram os Salmos, nem as profecias, nem os livros históricos que para tal serviram, e, sim, as sentenças de Salomão." Essas afirmativas proverbiais eram comuns no Oriente e dominavam o ambiente em que Jesus se formou.

São características desta espécie de afirmativas curtas, incisivas e epigramáticas, muitas que encontramos no ensino de Jesus, tal como: "A medida de que usais, dessa usarão convosco" (Mar. 4:24). Também estas sentenças proverbiais: "Um semeia, outro colhe" (João 4L37). "Onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração" (Mat. 6:21). Semelhantemente, encontramos também expressões consideradas parábolas em embrião, como esta: "Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os corvos" (Mat. 24:28). Outro dito axiomático é: "Quem não é comigo é contra mim" (Mat. 12:30).

Não sabemos se tais afirmativas e sentenças eram coisas estudadas ou espontâneas. O que sabemos é que foram mais que eficientes. Em nosso país temos visto a eficácia de sentenças proferidas por homens como Benjamim Franklin, Will Rogers e J. B. Gambrell. Este último é o mais citado entre os batistas do Sul. Talvez não estejamos capacitados para formular por nós mesmos ditados e sentenças para nosso uso, mas podemos adquirir alguns deles e de outras pessoas.

3) *Figuras de linguagem*

Jesus fez mais que empregar materiais concretos e sentenças lapidares. Para tornar a verdade mais impressionante, empregou constantemente inúmeras figuras de linguagem. Horne avança tanto em suas afirmativas que diz ser mais importante sentir a beleza duma parábola do que entendê-la. Vemos que isto é extremismo e exagero; não obstante, prova o efeito das figuras de linguagem na vida. Empregando-se metáforas, corre-se o risco de ser mal interpretado; mas vale a pena porque elas movimentam e dão colorido ao ensino. O mestre comum talvez não esteja preparado para usar muitas delas, mas, podendo fazê-lo, certamente tornará mais eficaz o seu ensino, pois que as figuras de linguagem são como "maçãs de ouro em salvas de prata" (Prov. 25:11). Elas sempre impressionam favoravelmente.

Por isso as parábolas são as principais figuras de linguagem empregadas por Jesus. Não obstante, o Mestre usou bom número de outras figuras, como comparações e analogias. Disse ele: "Quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, como uma galinha ajunta os seus pintos debaixo das suas asas, e não o quiseste!" (Mat. 23:37). A alegoria ou comparação sistemática é em parte usada quando ele diz: "Eu sou a videira, vós sois as varas" (João 15:1-10). A beatitude ou bem-aventurança, espécie de exclamação, é empregada quando diz: "Oh! bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mat. 5:8, tradução de Kent). Empregou também a hipérbole, quando falou no camelo a passar pelo fundo duma agulha (Mat. 19:24).

Também lançou mão de contrastes ao dizer: "Não ajunteis tesouros na terra, mas no céu" (Mat. 6:19,20). Também usou de modo eficiente o paradoxo ou contradição aparente: "Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á" (Mat. 16:25). Sherril também nos lembra o emprego de formas poéticas, ao dizer: "Podemos encontrar a poesia hebraica nas afirmações de Jesus, especialmente naquele seu paralelismo, ritmo e rima." O domínio e o uso das várias figuras de linguagem serão valioso auxílio para qualquer professor.

3. ***Os Propósitos***

Como usou Jesus as várias espécies de material de que vimos falando? Eram material de conteúdo, ou simples ajuda para o seu ensino? Estes problemas são vitais hoje no ensino moderno, e o exemplo de Jesus nos pode trazer alguma luz sobre o assunto. Em geral, Weigle está certo quando afirma: "Jesus iniciou sua obra de mestre não como quem tem certo arsenal de material e precisa transmiti-lo a seus discípulos numa ordem própria, lógica e predeterminada, mas como quem sente claramente que os discípulos eram pessoas vivas, ativas e necessitadas que esperavam sua ajuda para poderem enfrentar sábia e vitoriosamente as circunstâncias e situações em que se achavam."

1) *Iniciar*

Algumas vezes ele começava com uma afirmação das Escrituras e a elaborava, como vemos no Ensino do Monte quando mencionou o que Moisés havia dito a respeito do assassínio, do adultério, dos votos, da vingança, do ódio e doutros mais assuntos, e daí passou a alargar tais ensinos e a "completá-los" (Mat. 5:21-48). Por exemplo, Jesus mostrou que o assassínio está na atitude do coração e não meramente no ato de matar. Semelhantemente, revelou que o adultério está no olhar cúpido e sensual tanto quanto no ato manifesto abertamente em si. Assim, mostrando respeito aos ensinos da lei e dos profetas, foi muito além, e lhes deu um significado mais íntimo e mais profundo.

À vista da reverência que nossos alunos têm para com a Bíblia, podemos perfeitamente começar nosso ensino com referências ao que ela diz, para atrair a atenção e despertar o interesse deles. Daí podemos avançar, para aplicar suas verdades aos problemas da vida deles. Será ótimo e eficiente tanto quanto o outro processo que consiste em começar com o problema e terminar com as Escrituras.

Jesus não só usou as Escrituras para começar seu ensino, mas também usou as experiências dos presentes como ponto de partida. Já vimos isto no caso daquele homem que solicitou de Jesus que repartisse a herança entre ele c seu irmão, e anotamos que Jesus disso se aproveitou para dar uma lição sobre a avareza. Jesus igualmente aproveitou o fato de murmurarem acerca de sua lide com publicanos e pecadores e ensinou a lição do amor e cuidado de Deus para com os perdidos; e aproveitou também o fato de os fariseus censurarem seus discípulos por terem colhido e comido espigas no sábado, para lhes ensinar o verdadeiro significado do dia de descanso.

Também se aproveitou da ocasião em que curou um enfermo introduzido pelo teto duma casa para enfatizar seu poder de perdoar pecados; da ocasião em que mostraram estranheza por ele comer com publicanos, para afirmar que não são os sãos que necessitam de médico, e, sim, os enfermos. Aqui damos poucos exemplos para não cansar os leitores; são, porém, suficientes para provar que o Mestre aproveitava todas as ocasiões favoráveis para ensinar a verdade. Não poucas vezes, as lições mais importantes que ensinou brotaram de situações que encontrou em sua obra, como muitas vezes sucede conosco.

Os exemplos citados nos ajudam a ver que o verdadeiro mestre usa seu material como meio. para ensinar e não como fim. Também eles nos ensinam que é melhor apegarmo-nos ao aluno do que à lição impressa, porque, em última análise, estamos ensinando gente e não propriamente lições. Não existe nenhuma regra invariável no que respeita ao modo de se iniciar uma lição. Aquele que der melhor resultado será sempre o melhor modo. Podemos

vantajosamente começar com a natureza, como Jesus fez ao pronunciar suas parábolas do solo, do joio, da semente de mostarda, do fermento, do tesouro e das pérolas. Isto lhe deu base para explicar o Reino do Céu (Mateus, cap. 13). Muitos professores do curso elementar hoje fazem isso.

2) *Aclarar*

Jesus continuamente usava material escriturístico e outros mais cem o fito de lançar luz sobre algumas afirmativas já feitas, e, assim, aclará-las. Este, na verdade, é o significado do verbo "ilustrar", que literalmente quer dizer "iluminar" ou "fazer luz sobre alguma coisa". Ele fez com que a luz da revelação e dos incidentes do dia incidisse sobre verdades que não estavam bem claras, para que seus discípulos pudessem apanhá-las. Isto explica o glorioso fato de seus ensinos terem permanecido tão claros através dos séculos. É que seus ensinos foram em mor parte transmitidos por meio de parábolas, em que se toma na natureza ou da experiência de cada dia um incidente real ou imaginário para aclarar alguma verdade moral ou espiritual.

Na controvérsia com os judeus a respeito do sábado, Jesus se referiu ao que fez Davi para ilustrar seu ensino de que o homem é maior do que as instituições, e disse: "Ele entrou na casa de Deus e comeu com eles os pães da proposição, os quais não lhe era lícito comer, nem aos seus companheiros, mas somente aos sacerdotes" (Mat. 12:4). Na mesma ocasião, para ainda aclarar mais o que ensinara, ele disse: "Não lestes na Lei que aos sábados os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?" (Mat. 12:5). Um exemplo de acontecimentos da época é a referência que ele fez aos dezoito que morreram esmagados pela torre de Siloé, acontecimento que Jesus se valeu para chamar a atenção de todos para a necessidade do arrependimento. Com o mesmo propósito ele fazia sempre referências à natureza. Em parte foi para aclarar sua missão que ele citou Isaías, anunciando o propósito do seu ministério, quando se pôs de pé na sinagoga para ler as Escrituras.

"Poderoso auxílio é uma ilustração na hora ou no ponto exato", pois que tremendo é seu valor em toda obra educativa. A média das pessoas com quem lidamos lembrará melhor uma boa história do que a afirmação duma verdade ou os dados duma estatística, ou mesmo dos seus argumentos. As coloridas ilustrações de Carlos H. Spurgeon, de Billy Sunday e de Jorge IV. Truett falam tanto como suas mensagens. Sim, como setas farpadas levam suas mensagens até o íntimo dos ouvintes. Se tiradas das Escrituras, mais eficazes são ainda, por causa de sua larga familiaridade com elas e por causa da veneração que todos lhe devotam. Não temos fonte melhor desse material que o Velho e o Novo Testamentos. Assim cada professor deve satu-rar-se de boas ilustrações, tiradas dali, como da história geral, de biografias, da ficção, da natureza e dos acontecimentos do seu tempo.

3) *Fortalecer*

Jesus empregava as Escrituras para iniciar uma lição para aclarar seu ensino e também ainda para enfatizar aquilo que dissera. Nesses casos, ele as usava mais como referência do que como manual. Como um prelecionador ou mestre cita de diversas fontes, ao falar ou escrever, assim Jesus se referia às Escrituras, ao ensinar. Naturalmente o testemunho de outros dá peso às afirmativas deste ou daquele indivíduo, mormente quando as pessoas citadas gozam de autoridade comprovada e reconhecida. Podemos, então, de novo afirmar aqui que, em virtude do conceito e veneração de que goza a Bíblia Sagrada, as citações que dela se fazem são sempre as mais eficazes. Até mesmo advogados e políticos reconhecem isto, e não poucas vezes citam nos tribunais e em suas campanhas versículos e trechos das Escrituras, "para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada" (Mat. 18:16). Aqui está o valor do emprego de passagens paralelas.

Um exemplo deste uso é a citação que ele fez de Isaías quando expulsou os vendilhões do Templo, dizendo então: "Está escrito, 'Minha casa será chamada casa de oração', mas vós fizestes dela um covil de ladrões" (Mat. 21:13). Ao terminar a parábola do lavrador e da vinha, Jesus citou: "Nunca lestes esta escritura: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular?" (Mar. 12:10). Quando frisou que sua vinda traria tanto divisão como paz, disse: "Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva" (João 7:"38). Foi mais ou menos nesta base que o Mestre explicou aos dois do caminho de Emaús as coisas que as Escrituras diziam a seu respeito. De fato, encontramos muitos exemplos do uso que Jesus fazia das Escrituras para aclarar assuntos que se referiam a ele ou a seu ensino.

Algumas vezes, cm casos que requeriam maior ênfase, Jesus ia além e apelava para as Escrituras como autoridade final, ou como para uma corte suprema. Assim, ele a usava, ou dela lançava mão, como o advogado faz cem a decisão dum tribunal ou com a lei constitucional. Lançava mão dela não como de algo arbitrário, c, sim, como fundada na verdade, e, portanto, como sendo quem devia dizer a última palavra. Bom exemplo temos quando Jesus silenciou aqueles que c criticavam, apenas fazendo referência e apelando às Escrituras, àquilo que Davi testemunhara a respeito de Jesus, chamando-o de Senhor; assim Jesus reduziu a nada a oposição que os fariseus lhe faziam quando negavam ser ele filho de Davi (Mat. 22:41 -45).

Quando Jesus foi tentado por Satanás a lançar-se do pináculo do Templo para que Deus o sustivesse, ele respondeu: "Está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus" (Mat. 4:7; Deut. 6:16). E quando tentado a adorar Satã, disse: "Está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás' " (Mat. 4:10).

Igualmente se valeu da lei de Moisés, como autoridade final, para combater os esforços que os fariseus faziam no sentido de liberalizar o divórcio (Mat. 19:3-6; Gên. 1:27; 2:23,24). Nada, na verdade, fortalece mais o nosso ensino do que um apelo "à lei e ao testemunho".

Sugestões *auxiliares para o ensino do quinto capítulo*

Esboço no Quadro-negro

1. *As Fontes*
   1)As Sagradas Escrituras
   2)A Natureza
   3)Afazeres Comuns e Correntes

2. As *Formas*
   1)Afirmativas Concretas
   2)Expressões Incisivas
   3)Figuras de Linguagem

3. *Os Propósitos*
   1)Iniciar
   2)Aclarar
   3)Fortalecer

Tópicos para Discussão

1. Como Jesus adquiriu seu conhecimento das Escrituras?
2. Ao ensinar, é melhor partir das Escrituras ou concluir com elas?
3. Qual o uso mais eficaz que se pode fazer da Bíblia?
4. Por que os acontecimentos atuais são valiosos no ensino?
5. Mencione outros usos que podemos fazer de materiais.
6. Dê exemplos doutras espécies de figuras de linguagem.

Assuntos para Revisão e Exame

1. Quais as três fontes do material de que se serviu o Mestre?
2. Apresente e ilustre as formas que ele usou.
3. Explique os três modos pelos quais ele usou seu material.

6

SUA MANEIRA DE DAR LIÇÕES

Jesus não tinha maneira fixa de dar lições. Ele não se amarrava a rotinas, nem se escravizou a nenhum sistema. Ao contrário, era senhor de sistemas e rotinas, variando seu processo de ensino conforme a situação que se lhe apresentava, segundo o objetivo que tinha em mente, e conforme o método que então lhe parecesse melhor. Agia e ensinava da maneira que melhor lhe parecesse no momento. O exemplo que neste sentido logo vem à tona de nossa memória é o da conversa com a mulher samaritana junto ao poço de Jacó. £ caso referido mui frequentemente e conhecido quase que de todos. Estudaremos este caso como ilustração geral dos passos de que consta a apresentação duma lição, reconhecendo que, embora nos apresente ele as partes essenciais, é apenas sugestão e não um padrão a ser seguido cm todas as lições.

1. ***O Começo da Lição***

É claro que toda lição deve ter início dum certo modo. Precisamos começar por algum lado e com alguma coisa. Em certos respeitos, o início é a parte mais importante da maneira de ensinar, pois que o êxito ou o insucesso pode depender muito da primeira sentença, ou pelo menos das primeiras. Se não prendermos a atenção e o interesse de nossos alunos logo no início, é quase certo que não mais conseguiremos isso no decorrer da lição. Por isso o professor precisa estudar com muito cuidado e esmero o início da lição. De fato, muitos professores gastam mais tempo preparando esta parte da lição do que qualquer outra.

1) *O que significa o começo da lição*

A introdução ou o começo da lição é o atrair a atenção e dirigi-la para o assunto do dia. Como o inspetor de trânsito chama a atenção de todos os carros, assim o professor chama a de todas as mentes. Enquanto não se fizer isto não poderá ensinar coisa alguma. Não podemos ensinar sem a atenção do aluno, nem contra a atenção dele. É a mesma coisa que querer fazer andar um auto sem que seu motor esteja funcionando, ou querer fazê-lo ir avante com o motor funcionando ao contrário. Ou, mudando de figura, o mesmo que querer fazer andar uma carroça sem atrelar primeiro os cavalos que a puxarão. Enquanto o mestre não conseguir a atenção da classe não deve começar a lição. Precisa prender a atenção e o interesse do aluno, para daí iniciar. A coisa mais importante no início é prender a atenção da classe, de modo que a mente de todos esteja ligada à lição que vai ser dada.

Para prender a atenção é preciso estabelecer alguma espécie de contato com, a mente do aluno. É preciso o professor penetrar na área em que o aluno se acha. Noutras palavras, o mestre precisa ligar-se de qualquer maneira ao pensamento do aluno. Eduardo Leigh Pell diz bem: "A diferença entre o professor experimentado e o mestre novato aparece logo nos cinco primeiros minutos duma meia hora de lição. O novato olha primeiro para a lição, ao passo que o mestre de mão cheia olha primeiramente para os alunos."

Noutras palavras, o professor perito procura ver primeiro o que é que os alunos estão pensando, para daí iniciar com isso. Patterson Du-Bois assim se expressa: "A mente é um castelo que não pode ser tomado nem furtivamente, nem de assalto. Há, porém, uma porta especial de entrada, que é sempre uma experiência ou um ponto de contato com a vida." Aí professor e alunos se encontram num campo comum.

Neste ponto é bom anotar que os métodos artificiais de prender a atenção são de pouco valor. Chamar a atenção, esmurrando a mesa, ou fazendo alguma coisa sensacional, pode levar a atenção da classe para outras coisas que nem sempre a fazem voltar à lição do dia. São métodos de pequeno fôlego, e podem mais distrair que atrair. Histórias que não estão na linha do ponto central da lição podem facilmente levar a mente para uma digressão infrutífera. Por isso, o professor deve diligenciar por não gastar tempo com assuntos de interesse, mas irrelevantes, como aviões, futebol, modas e política, para com eles atrair a atenção dos alunos. Nem sempre é fácil colocar na estrada um carro que destrilhou.

O melhor ponto de contato, ou cabeça de ponte, para prender a atenção é o interesse natural do aluno, ou algo interessante na própria lição para onde podemos dirigir a mente do aluno. A curiosidade, ou o desejo de conhecer, é fundamental. Quando se desperta isso, teremos iniciado o aluno naquilo que importa. Na verdade, o interesse do professor pelo assunto já é alguma coisa. Mas não basta. Weigle afirma, com razão: "Falharemos toda vez que não pudermos interessar o aluno pela lição a ser dada. Nosso problema não é tornar a lição interessante pela artimanha dum método, ou por adicionar à lição certas histórias ou matérias agradáveis, embora estranhas: é, sim, tirar de cada lição o seu interesse intrínseco." Podemos partir dum interesse íntimo ou dum problema a ele relacionado, e ir disso para algo na lição que com isso se relacione.

Tudo isto quer dizer que devemos partir de alguma coisa, ou nos ligar a alguma coisa, a desejos ou necessidades inatas, pois que "não podemos nos pôr à distância e de lá jogar conhecimentos ao aluno". E é certo que as necessidades do aluno provêm de seus instintos naturais. Um destes é o da preservação própria ou segurança aqui e além. Outro é o da associação e propagação da raça. O desejo do poder e do mando também é impulso mui forte. Também é poderoso o impulso do companheirismo e da consideração e respeito

dos outros. Deles procedem as saídas da vida. São pivôs ao redor dos quais vivemos e nos movemos. Por certo, despertaremos a atenção e o interesse de nossos alunos sempre que relacionarmos nossa lição com tais impulsos ou instintos.

Para nos relacionarmos eficazmente com os desejos instintivos precisamos conhecer tanto quanto possível a vida de nossos alunos — seus interesses, experiências, passa-tempos favoritos e problemas. Devemos conhecer alguma coisa de sua vida doméstica, dos estudos que estão fazendo e experiências escolares, de suas atividades e problemas profissionais, de sua vida social recreações, de seus problemas morais e religiosos. Deve o professor estudar o indivíduo por meio de livros, de observações e do seu testemunho pessoal. Daí poderá partir dos interesses do aluno e levá-lo à lição da Escola Bíblica Dominical, ou partir da lição à luz dessas situações e delas tirar princípios que dizem respeito a esses interesses. De qualquer modo, terá sempre um bom ponto de contato.

2) *Um exemplo de Jesus*

O mestre sabia muito bem estabelecer um ponto de contato. Lidando com amigos ou com inimigos, logo se punha em contato com suas mentes. Cremos que o exemplo mais frisante disto é a conversa com a mulher samaritana junto ao poço de Jacó (João 4:1-7). A ocasião de ensinar não era propícia. Quase todos os obstáculos concebíveis estavam no caminho de Jesus. Conforme o sistema judeu de contagem das horas, foi ao meio-dia dum dia bastante quente, após o Mestre haver andado bastante. Estava cansado, corpo suarento, sujo da poeira da estrada, sedento e faminto, e em péssimas condições físicas para uma entrevista. A mulher viera para buscar um balde de água, e certamente achava-se também suarenta e apressada, nada disposta a conversar, e muito menos a receber lições. Havia ainda a desvantagem de serem pessoas estranhas. Quanto à virtude, eram polos visceralmente opostos: Jesus, sem pecado; e a mulher, uma decaída. Ele, homem; ela, mulher — terrível barreira nas terras orientais. Ele judeu; ela, samaritana — dois povos eivados de preconceitos mútuos. Discutindo o incidente, B. W. Spilman diz: "Havia tanta amizade e ligação entre um judeu e um samaritano como entre um fox terrier e um gato estranho."

Assim, vemos que tudo conspirava contra um favorável ponto de contato. Não obstante, Jesus derribou todas aquelas barreiras com uma introdução mui simples, humana, natural, inteiramente despida de qualquer antagonismo — pedindo um pouco de água. Um estranho apressado, cheio de preconceitos e pecador, ainda que doutro sexo, não se sentiria ofendido com tal pedido. Provavelmente a parte que mais nos impressiona do famoso quadro da Batalha de Atlanta aqui do Ciclorama é a que representa um soldado dando a beber do seu cantil a um inimigo ferido. O pedido de Jesus afastava toda e

qualquer animosidade, exigia resposta favorável e era um golpe de mestre. Após haver estabelecido contato c chamado a atenção, era fácil fazer a transição da água natural para "a água viva", e daí Jesus saiu para o largo e caminhou direto para o alvo que tinha em vista.

Por todo o seu ministério encontramos exemplos semelhantes de introduções bem conduzidas. Praticamente em cada caso Jesus apelava para aquilo que mais estava empolgando a mente, como ocupações problemas, necessidades.

No Ensino do Monte, Jesus Se congratulou com os famintos, com os que choram, com os pobres, assegurando-lhes as maiores bênçãos para eles reservadas (Mat. 5:3-9). No último dia da festa, clamou à multidão abrasada e sedenta: "Se alguém tem sede, venha a mim, e beba" (João 7:37). Frequentemente ele fazia referências aos ensinos de Moisés, que os judeus reverenciavam muito, fazendo disso ponto de partida para ensinar suas verdades. Quando os escribas e fariseus o criticavam, tomava a atitude deles como ponto de partida. Jesus tomava parte em reuniões sociais, comia e bebia com publicanos e pecadores, buscando, assim, maior comunhão e amizade com eles. Até de um milagre Jesus se aproveitou para abrir caminho à apresentação duma verdade. Parece mesmo que as multidões o seguiam em grande parte por causa dos contatos vitais previamente estabelecidos.

Fosse qual fosse o método empregado, o primeiro cuidado de Jesus era estabelecer um ponto de contato — despertar o interesse e atrair a atenção. Podia ser por meio dum pedido, dum objeto, duma pergunta, duma sentença ou duma história. Fosse qual fosse a maneira necessária para isso, ele assim agia. De fato, conhecendo aquilo que estava na mente do homem, Jesus podia realizar isso muito mais eficazmente do que esperávamos. Em qualquer caso, conosco, como para com ele, o primeiro cuidado deve ser estabelecer contato com o aluno antes de lhe transmitir a lição.

2 . ***O Desenvolvimento da Lição***

Havendo conseguido chamar a atenção do aluno para a lição do dia, importa agora avançar. Isto é tão importante como prender o interesse e a atenção, e como a apresentação da verdade. Deve-se, então, avançar, apresentando, aclarando e apegando-se à lição. Deve-se extrair a verdade, meditar nela, senti-la bem na alma, apanhando-se bem os princípios e implicações que lhe subjazem. A mente dos alunos deve estar presa ao assunto até o fim da aula.

1) *Coisas essenciais ao desenvolvimento da lição*

Para que seja eficiente toda a tarefa da apresentação da lição é necessário ter-se boa compreensão das leis fundamentais do ensino. Estas, já se disse bem, são as leis seguintes: prontidão, exercício e prática do que se aprendeu. A primeira, "como já vimos, significa que, estando a pessoa já amadurecida para uma experiência, passar por essa experiência lhe é coisa agradável, e não passar por ela é desagradável; assim devemos usar então material apropriado para tal. A segunda lei significa que, sendo tudo o mais igual, quanto mais fizermos uma coisa, mais ela fará parte de nós. É a velha ênfase sobre repetições e hábitos. A terceira lei diz que, quando é satisfatório o efeito duma experiência, nós nos inclinamos a repeti-la, mas quando o efeito é incomodo e desagradável, tendemos a evitá-la. Portanto, nosso ensino deve ir ao encontro das necessidades da vida.

Estes princípios nos devem guiar, no planejar e no dar a lição. Também devemos lembrar sempre a diferença que há entre ensino transmissivo e ensino criador. O primeiro consiste apenas em transmitir a outrem nossas idéias sem qualquer pensamento particular da parte de quem recebe nossas idéias; já o segundo consiste em ajudar o aluno a descobrir a verdade por si mesmo. O primeiro método pode criar seguidores; o segundo cria líderes.

Antes de se dar uma lição, deve ser cuidadosamente planejada. Isto é tão importante quanto procurar achar o significado material escriturístico então usado. Ao se fazer o plano da lição, a primeira coisa é selecionar a verdade principal a ser ensinada. Isto quer dizer que, tendo-se já estudado a composição, os fatos e as verdades, como no caso da lição ao moço rico, mas há verdades que queremos que a classe aprenda.

Se o material admitir isso, é muitas vezes melhor enfatizar uma só verdade, como no caso da lição ao moço rico, mas. há muitos casos em que estão envolvidas várias verdades, como no caso das Bem-aventuranças.

Tendo-se um esboço definido, o ensino se torna mais específico e de alvo bem certo. A lição planejada tem alvos preciosos, e assim não haverá dispersão, nem digressões. Em cada lição, porém, não se deve perder de vista os maiores objetivos do conjunto de lições, e, por isso, deve ajustar-se ao alvo global e total de toda a série de lições. Importa anotar aqui novamente que, para se selecionar cada domingo a verdade de que a classe mais necessita, se faz necessário compreender os tempos em que se vive e também o viver pessoal de cada aluno da classe. Isto é mui importante, se desejamos ensinar alunos, e não apenas dar lições.

Vem, então, o assunto de se dar a lição de modo tão interessante que a classe toda acompanhe o professor, e a verdade apareça viva e impressionante. Isto é bem mais fácil dizer que fazer, mas é coisa importante e necessária.

Envolve clara compreensão do material por parte do professor e também genuíno interesse para com os alunos e para com os assuntos discutidos. Quando se ensina sem observar estes pontos é o mesmo que não ensinar.

O ensino na Escola Bíblica Dominical é bem mais do que ajudar o aluno a adquirir conhecimentos. A lição verdadeira envolve o desenvolvimento de atitudes e leva o aluno a controlar sua conduta. Precisa o professor conservar-se alerta às idéias e atitudes da classe, e fazer delas o melhor uso possível. Isto significa o freqüente emprego de ilustrações, de perguntas e de discussões ou debates. Exige igualmente a ajuda de materiais visuais de dramatizações e de projetos. Na verdade, os métodos variarão de acordo com a idade dos alunos, de acordo com a qualidade do material usado e ainda de acordo com a habilidade do professor. Aquele que der melhor resultado será o melhor.

É de suma importância que o professor se apegue ao assunto principal e não se deixe levar ou desviar por pensamentos irrelevantes. Isto não é coisa fácil, mas é muito importante. Não significa isso que o professor ignore assuntos relevantes que não estão no plano, porque estes podem ser mais importantes que o próprio material, mas quer dizer que o professor não permitirá que os alunos consciente ou inconscientemente o desviem do ponto central e principal. O professor se apegará ao aluno e ao tema central, se não aos próprios materiais que usa. O professor precisa ater-se cuidadosamente ao horário, para omitir aquilo que não é essencial, para dar a cada parte da lição a necessária ênfase e nada fazer atropeladamente. Ele ali está para guiar e orientar o processo de ensino e também para transmitir informações interessantes e valiosas.

2) *Um exemplo de Jesus*

O Mestre fez o que vimos de mencionar, ao desenvolver seu tema na conversa com a mulher samaritana (João 4:7-26). Após abrir o assunto natural e desejável da "água", enfrentando agora a sentença repreendedora e digressiva de que um judeu nada devia pedir a um samaritano, disse à mulher que, se ela o entendesse, lhe pediria para dar-lhe "água da vida". Vemos que ela ainda não o entendera, e objetou que o poço era demais fundo e que Jesus não tinha com que tirar dele a água, e passou a dizer que Jesus em nada era maior que Jacó que cavara aquele poço. Mas o Mestre se apegou ao tópico da água e disse que a qualidade de água que ele lhe daria matava a sede duma vez para sempre, permanentemente, e se tornaria "uma fonte de água que mana para a vida eterna" (v. 14). Agora Jesus chegara ao âmago do seu assunto e havia despertado a curiosidade e o interesse da mulher, conquanto ainda ela não compreendesse bem o que ele estava dizendo, pois que pediu que Jesus lhe desse daquela água para nunca mais ter sede e nunca mais precisar vir buscá-la ali naquele poço.

Para aclarar seu pensamento, para enfatizar o sentido espiritual de suas palavras e aprofundar a convicção na mente da mulher, disse-lhe Jesus que fosse e chamasse seu marido. Ela respondeu que não tinha marido. Jesus respondeu que aquilo era verdade, porque ela tivera cinco maridos, e o homem com quem estava vivendo não era marido dela. Vendo que ele era um profeta, pois lhe lera toda a sua vida, tentou a samaritana desviar o assunto, introduzindo a questão, mui discutida entre judeus e samaritanos, do lugar onde se devia adorar a Deus, se no monte deles ou em Jerusalém. Jesus não admitiu sair do assunto, e voltou à afirmativa de que o verdadeiro culto não depende de lugar, e, sim, de atitude — "em espírito e em verdade" — porque Deus é espírito. Quando ela compreendeu que o Messias prometido aclararia aqueles assuntos, Jesus lhe disse imediatamente: "Eu o sou, eu que falo contigo" (v. 26). Assim o Mestre atraiu a atenção da samaritana, conservou o interesse dela, recusou desviar-se do assunto, aclarou e se apegou à verdade. Temos aqui esplêndida demonstração de como se desenvolve uma lição. Bem faremos em estudá-la frequentemente como padrão incomparável.

Poderiam ser dados outros exemplos de como Jesus desenvolvia as lições que dava. Conquanto este caso nos apresente o método de discussão do assunto, outras lições Jesus deu por meio de preleções, como o Ensino do Monte, outras ainda por meio de histórias, como o capítulo 15 do Evangelho segundo Lucas, e ainda outras mais, lançando mão de objetos e pessoas, como quando pôs no meio deles uma criança. Ainda Jesus usou de demonstrações, como quando respondeu à dúvida de João Batista, apelando para as obras que ele estava realizando. Lançava mão também de perguntas, como quando indagou sobre a origem do batismo; e mesmo do método de dramatizações, como fez no batismo e na Santa Ceia. O Mestre não parava enquanto não tornasse claro e conveniente o seu ensino.

3. ***A Conclusão***

A parte final duma lição é aquela que desemboca na conclusão ou aplicação de tudo quanto se disse. Para alguns, é esta a parte mais difícil da tarefa. Isto parece ser verdade, tanto com mestres como com pregadores. Constantemente se dá mui pouca atenção à conclusão, esperando-se que tudo termine bem. Mas a conclusão e parte de muita importância para ser assim descuidada, pois sabemos que aquilo que se diz por último é que causa maior impressão e fica mais tempo na memória.

1) *Em que consiste a conclusão?*

É claro que uma lição não termina só quando os fatos do trecho escriturístico já foram apresentados. Isto deixaria o pensamento do aluno vagando no

passado, numa época de há mais de dois mil anos, como aconteceria com um grupo de adultos após uma lição que tratasse das atividades curadoras de Cristo num dia de sábado. É preciso que o professor atualize a verdade e a aplique aos problemas de nossos dias, bem como aos alunos da classe. É preciso também enfatizar a verdade discutida. Se estudamos fatos históricos ou certo número de verdades, um bom resumo no final é coisa eficaz, constituindo a conclusão em apresentar à classe o ensino total da lição e em enfatizar por meio de repetição. A natureza da lição e as necessidades da classe determinarão a espécie de conclusão a ser feita. O método empregado também em mor parte determinará a fórmula especial de conclusão.

É de suma importância extrair dos fatos e das verdades específicas das Escrituras, então estudados, o princípio fundamental que lhes subjaz. Do contrário, apanharemos apenas fatos ou verdades desconexas e isoladas, e não descobriremos o princípio básico. E também não estaremos preparados para aplicá-lo ao dia que passa. A coisa principal a respeito de qualquer lição estudada é a verdade que lhe subjaz. Por exemplo, o estudo duma cura em dia de sábado, a que já nos referimos, deve frisar não só as atividades específicas de Jesus, mas também o subjacente interesse de Jesus pela integridade da vida humana e o propósito fundamental do seu ministério, que era o de servir mais àqueles que precisavam de saúde física do que àqueles que já estavam sãos. No caso do jovem rico, deve-se enfatizar que Cristo está acima de todos os interesses materiais.

Também se deve aplicar o princípio básico da lição à vida de cada dia. Para conseguir isto, o professor deve pensar em termos da comunidade de que faz parte, do mundo como um todo. Pode partir também do ponto de vista da igreja ou da ordem social. Para levar a lição da cura a uma conclusão apropriado, o professor poderá frisar o lugar proeminente que ocupam em nossa sociedade a Cruz Vermelha, os hospitais, as enfermeiras e os médicos de nossos dias, na obra de suavizar o sofrimento humano. Ainda mais, quanto possível, se aplicará a lição à vida de cada um dos alunos da classe. Do contrário, não se terá relacionado a lição de modo devido à vida de cada dia. Nessa mesma lição que trata da cura, pode o professor mostrar o dever que todos têm de contribuir alegre e liberalmente para o progresso e eficiência dos hospitais, a fim de que haja médicos e enfermeiras em número suficiente para atender aos desvalidos, ou mesmo para que cada aluno pessoalmente preste algum serviço de assistência social. A lição precisa tocar a terra.

Na conclusão, boas ilustrações são de grande valor e eficácia, tanto para dar vida à verdade discutida como para aprofundar as convicções e impressões da mesma. Nada nos inspira tanto como ver a verdade encarnada. Nenhum argumento conseguirá fazer mais, nem levantará mais ofertas para um orfanato do que a história de um menor abandonado redimido e recuperado por esse

orfanato. O mesmo é verdade no que respeita a hospitais, asilos e albergues. Nem estatísticas, nem a maior eloqüência conseguirá maiores ofertas em favor das missões estrangeiras do que a rememoração dos serviços de um Judson ou de um Livingstone. O mesmo se pode dizer das contribuições para as necessidades de guerra e da humanidade sofredora. Assim, é de grande vantagem, no clímax da conclusão duma lição, apresentar uma ilustração bem escolhida, tanto para aclarar a verdade como para incitar à ação. Isto em grande parte explica por que Jesus empregava constantemente parábolas em suas lições.

2) *Um exemplo de Jesus*

Quando os discípulos voltaram, justamente quando o Mestre estava dizendo à mulher samaritana que ele era o Messias esperado, parece que não foi feita nenhuma conclusão formal ou aplicação. Não obstante, Jesus havia atingido o clímax de sua lição. E, com êxito, houve um bom remate, pois vemos que a mulher deixou ali junto ao poço seu cântaro, esquecendo-se de tirar a água (para o que viera), e voltou à cidade dando testemunho de Jesus. Está claro que o Mestre levou a samaritana a tirar por si mesma a conclusão; e isso ela o fez não apenas intelectualmente, mas com todo o peso de sua atitude e em resposta à lição que recebera do Mestre, coisas que constituem o teste final duma boa conclusão. Uma conclusão formal nem sempre é coisa necessária ou imprescindível.

No caso do doutor da lei que ele fez perguntas, Jesus apresentou uma conclusão definida e muito prática. Tendo enfatizado a necessidade de se amar o próximo como a si mesmo, e havendo contado a história do Bom Samaritano, para ilustrar quem é o nosso próximo, o Mestre perguntou ao inquiridor qual dos três que passaram pela estrada provou ser bom vizinho e amigo do pobre assaltado e atirado à beira da estrada. E, quando o doutor da lei respondeu que fora aquele que mostrara misericórdia e socorrera a vítima do assalto e roubo, Jesus lhe disse: "Vai, e faze tu o mesmo" (Luc. 10:37). O Mestre não só revelou a verdade central da lição, como também a aplicou diretamente ao doutor da lei, de modo específico e pessoal. Jesus, quando ensinava a alguém, nunca o deixava ncar ou a meio caminho.

Aplicação um tanto semelhante Jesus nos apresenta no lidar com o moço rico. Depois de lhe haver recomendado a prática de alguns dos Dez Mandamentos, descobriu o ponto fraco do moço, diagnosticou o mal dele e lhe recomendou: "Falta-te uma coisa: vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres... e vem, e segue-me" (Mar. 10:21). Era uma aplicação mui definida e específica, de acordo com as necessidades do jovem. Voltando-se depois para a multidão, enfatizou ainda mais a verdade, dizendo: "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!" (Mar. 10:23). O Mestre dos mestres sempre chegava ao ponto.

Concluindo este capítulo que trata da maneira de se dar lições, creio ser necessário dizer algumas palavras sobre a verificação dos resultados, pois que, em certo sentido, isto também faz parte das atividades de ensino. Têm-se empregado vários tipos de testes para tal verificação. Um deles é o velho método de perguntas e respostas. Outro é o da escolha múltipla, no qual o aluno seleciona, dentre duas ou mais respostas, a resposta certa. Ainda outro é o método de verificar, como verdadeiras ou falsas, afirmativas baseadas na lição. E ainda outro consiste em se completar ou preencher qualquer parte omitida de sentenças bíblicas ou doutras sentenças. De quando em quando se fazem testes de atitudes, bem como de conhecimentos. Observações pessoais e verificações de sua conduta para com os pais e os professores da escola pública ajudarão bastante na computação dos resultados obtidos.

Conquanto pareça que Jesus não houvesse usado muito tais testes, é fato que de várias maneiras ele buscou aferir os resultados do seu ensino. Certa ocasião ele perguntou a seus discípulos: "Quem dizeis que eu sou?" (Mat. 16:15). Certamente estava procurando ver se seus discípulos haviam progredido no modo de compreendê-lo. Também noutra ocasião disse: "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mat. 7:16). Evidentemente ele observava as conseqüências, para poder verificar os resultados de sua obra. E sabemos que ele obteve relatório da atividade dos setenta, quando estes regressaram duma excursão missionária (Luc. 10:17). Também Jesus menciona sinais e frutos como testes dos verdadeiros fiéis. Igualmente devemos verificar os resultados, se quisermos saber se nosso ensino está atingindo, ou não, a vida de nossos alunos.

Sugestões auxiliares para o ensino do sexto capítulo

Esboço no Quadro-negro

1. O *Começo da Lição*
   1) O que significa a Introdução ou Começo da Lição
   2) Um Exemplo de Jesus

2. O *Desenvolvimento*
   1) Partes Essenciais do Desenvolvimento
   2) Um Exemplo de Jesus

3. A *Conclusão*
   1) Em Que Consiste
   2) Um Exemplo de Jesus

Tópicos para Discussão

1. Mencione outros interesses além dos já citados.
2. Explique a estratégia de Jesus no lidar com a samaritana.
3. Como desenvolve você suas lições?
4. Mencione outras maneiras pelas quais Jesus dava suas lições.
5. Mostre qual o melhor remate de uma lição.
6. Qual o melhor método para aquilatar os resultados d» lição?

Assuntos para Revisão e Exame

1. Dê os elementos básicos para se iniciar uma lição.
2. Discuta como Jesus desenvolveu a lição que deu à samaritana.
3. Dê os elementos da conclusão duma lição.

7

ALGUNS MÉTODOS USADOS POR JESUS

Não se pode afirmar que Jesus tivesse consciência do estudo de certos métodos ou do seu emprego nas lições que dava**.** Tudo parece indicar que não, notadamente no sentido em que o fazemos hoje em dia. Contudo, da maneira habilidosa por que os empregou, depreendemos que ele foi verdadeiro mestre no uso de métodos. Certamente aqueles métodos lhe eram coisa natural, e não fruto de deliberados estudos e planificações, e brotavam da ocasião e da necessidade. Não obstante, os resultados eram essencialmente os mesmos. Jesus é incomparável no uso de métodos, e ensinou como nenhum outro. Praticamente tudo aquilo que hoje é mui comum nas atividades educacionais foi usado por Jesus, ao menos cm embrião. Vamos ver, ainda **que** ligeiramente, alguns desses métodos.

1. ***Uso de Objetos ou Coisas***

Ainda que nem sempre, é fato que Jesus ensinou por meio de lições objetivas. Ele buscou fazer da verdade uma coisa concreta e viva, e este método naturalmente deu resultado. Ele se utilizou do seu princípio geral, duma forma ou doutra, mais que de sua prática específica. Temos, porém, vários casos bem definidos e interessantes do emprego que Jesus fez de objetos.

1) *A natureza e o valor dos objetos*

Ordinariamente, quando se fala em lições objetivas, pensamos logo no uso de coisas que simbolizam ou sugerem a verdade a ser ensinada. Isso inclui modelos, quadros, desenhos, mapas e outros materiais semelhantes. Um modelo da arca de Noé, ou do tabernáculo, ou do conjunto duma missão estrangeira é valiosa ajuda para aclarar e avivar a cena a ser discutida. Também o uso de bons quadros ou de desenhos no quadro-negro ajuda bastante a apresentação de cenas bíblicas ou missionárias, como de outras verdades. O planetário numa escola pública, mostrando a posição relativa do sol e da terra, torna muito mais clara a razão da mudança das estações do que uma definição abstrata ou uma explicação como esta: "A mudança das estações deve-se à inclinação do eixo da terra para o plano da eclíptica, ao mesmo tempo que a terra rodeia o sol." Note-se, porém, que objetos simbólicos, como um bocado de pão para representar que Cristo é o Pão da Vida, cu clarear um copo de água escura ou turva por meio de elementos químicos para mostrar cemo a regeneração limpa o coração do pecador, são métodos não muito recomendáveis porque as crianças podem tomar o figurado pelo real.

O valor dos objetos está no apelo à vista, aos olhos, e no modo definido e prático pelo qual representa aquilo que se descreve. Por meio de coisas que os alunos podem ver, conseguimos de modo eficaz prender o pensamento, a

atenção e o interesse deles, bem mais do que por palavras que lhes dirigimos; tanto que alguns afirmam que 80% de nossos conhecimentos nos vêm pelos olhos. Quase que invariavelmente lembramos bem mais aquilo que vemos do que aquilo que ouvimos. Um dos professores mais fracos que este escritor conheceu ensinou uma das lições mais profundas que ele aprendeu na vida, quando desenhou no quadro-negro uma escada mais larga no topo do que no pé, para com aquilo ilustrar que, quanto mais subimos no terreno da educação, maiores são as oportunidades que temos na vida. Os professores Í3rão muito bem em buscar usar desembaraçadamente o quadro-negro.

Eduardo Leigh Pell diz: "Falamos de princípios gerais, quando devíamos mostrar coisas concretas. Não poucos mestres gastam meia hora, tentando explicar uma coisa com palavras de sua boca, quando um lápis, um pedaço de papel e duas ou três linhas retas ou curvas tornariam em dois minutos aquilo tão claro como a luz meridiana." E acrescenta: Se o católico romano se mostra mais afeiçoado à sua Igreja do que o protestante, é em grande parte porque àquele se deixa ver e manusear as coisas ao passo que ao protestante se exige que as alcance com a imaginação."

2) *O uso que Jesus fez de objetos*

Um dos exemplos mais fortes do uso de lições objetivas pelo Mestre é aquele que nos fala de quando ele tomou um menino e o pôs no meio dos discípulos, para ensinar qual a atitude que devemos tomar para com o Reino de Deus (Mat. 18:1-4). Os discípulos pensavam que o Reino era algo com escalas e ordens hierárquicas, e, portanto, com promoções e distinções especiais. Assim, ambições e egoísmos ocupavam seus corações, e já discutiam qual deles seria o maior. Daí Cristo perguntou: "Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?" (v. 1). Ao que parece, sem qualquer outra palavra de explicação ou de discussão, chamou uma criança e a pôs no meio deles. Vendo eles a modéstia, o desinteresse e a humildade exemplificados na criança, Jesus lhes disse que deviam tomar a atitude da criança para poderem entrar no Reino. E, daí, acrescentou: "Quem, pois, se tornar humilde como este menino, esse será o maior no reino dos céus" (v. 4). Era a maior lição sobre a modéstia e contra o mal do orgulho que a humanidade recebia naquela hora.

Temos também exemplo de Jesus lavando os pés a seus discípulos (João 13:1-15). Os povos orientais usavam sandálias. Caminhando por estradas poeirentas, os pés sujavam-se muito. Entrando numa casa, para uma visita ou uma festa, era costume o criado da casa tomar uma bacia de água e uma toalha para lavar e enxugar os pés dos visitantes. Parece que na hora não estava nenhum dos da casa, e Jesus foi fazer o papel de criado. Assim lavou e enxugou os pés dos discípulos. Fez aquilo de modo mui natural e normal, para atender a uma necessidade. Assim agindo, o Mestre mostrou a dignidade e grandeza do serviço humilde. Era uma demonstração do que qualquer pessoa deve fazer em

semelhantes circunstâncias. Era também outra lição sobre a humildade e uma das mais expressivas lições que Jesus deu em sua vida. Terminou aquilo, dizendo: "Se eu, pois, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Porque vos dei exemplo, a fim de que, como eu fiz, assim façais vós também" (vv. 14 e 15).

Noutra ocasião vieram tentá-lo representantes dos fariseus e dos herodianos, e lhe perguntaram se era lícito ou não pagar tributo a César. Sem argumentar, Jesus lhes pediu que mostrassem uma moeda de tributo, e lhe trouxeram um denário. Daí, exibindo-lhes o denário, o Mestre perguntou: "De quem é esta efígie e inscrição?" Responderam: "De César." Então o Mestre lhes disse: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mat. 22:15-22). Jesus fez pelo menos duas coisas, ao usar aquele objeto. Por um lado chamou a atenção, pois que não se falha nunca ao empregar este método. Doutro lado, usou-o como instrumento para ensinar o dever de se pagar tributos, mesmo que fosse a César, e também nosso dever de dar ao Senhor, visto que aquilo que possuímos pertence a ele. Mui provavelmente nenhuma outra afirmativa de Jesus tem sido mais citada do que esta, no decorrer dos séculos.

Outros exemplos incluem a instrução dada pelo Mestre, quando disse aos do e que sacudissem o pó de seus pés, quando, agindo como missionários dele, deixassem uma casa ou cidade que não os recebesse bem (Mat. 10:14). Isso simbolizava que haviam cumprido seu dever para com a comunidade e que já o sangue deles não cairia sobre os discípulos. Também o caso do paralítico trazido por quatro amigos proporcionou ao Mestre uma demonstração objetiva do seu poder de perdoar os pecados dos homens, quando os escribas o acusaram de blasfêmia, dizendo que só Deus podia perdoar pecados (Mat. 2:6-12). Se ele podia curar a paralisia, também podia perdoar pecados, pois que isto não era mais difícil que aquilo, igualmente o Mestre provou sua divindade, dando vista ao cego, fazendo andar o coxo, dando ouvidos ao surdo, quando João Batista, assaltado pela dúvida, enviou os mensageiros para lhe perguntar se ele era mesmo o Cristo (Mat. 11:2-6).

Assim, temos abundantes provas de que Jesus usou lições objetivas para tornar seu ensino mais atrativo, mais claro e mais impressionante. Alguns dos seus ensinamentos mais lembrados foram assim apresentados. Podemos usar o mesmo método, se desejarmos. C. H. Woolston foi pastor da Igreja Batista do Leste de Filadélfia mais de quarenta anos, em grande parte por ter centralizado seu ministério nas crianças c desenvolvido um elaborado sistema de lições objetivas na apresentação de suas mensagens. Podemos usar, com grande proveito, o qua-dro-negro, cartazes e gravuras, bem como reproduções d: quadros notáveis.

2. ***A Dramatização***

Cristo lançou mão também do método de dramatização ao ensinar o povo, e o empregou tanto de modo formal como informal. E os mestres de religião estão ultimamente usando também cada vez mais as dramatizações. Bom número de livros tem aparecido sobre isso e não poucas igrejas estão arranjando equipamento especial e treinando professores no emprego deste método. De fato, é ótimo auxiliar na pedagogia religiosa.

1) *Significado e escopo da dramatização*

A dramatização traz consigo a ideia da reconstituição duma cena. Ela é a reprodução dum acontecimento histórico ou a representação duma atividade ou fato de nossos dias. Noutras palavras, é o esforço que se faz para representar de maneira mais precisa, num ambiente apropriado, numa situação histórica ou a vida de nossos dias. A dramatização, portanto, é primeiramente uma atividade de imitação ou de reprodução. Contudo, o termo é empregado com significação mais larga, chegando a abranger tanto a apresentação de verdades como a reprodução de fatos. Assim, podemos concebê-la com a representação duma verdade ou lição, sem se levar em conta se o fato tem ou não base definida. As atividades dramáticas podem incluir incidentes bíblicos, feitos de missionários, lições de temperança e outros mais eventos a ser apresentados, bem como lições a serem ensinadas. Um elemento de dramatização pode entrar em qualquer lição.

Este método é de grande valor não só para aqueles que tomam parte na dramatização, como também para os demais membros da classe. Os que vão representar devem estudar cuidadosamente suas partes e sentir bem o papel ou a pessoa que vão representar. Devem entrar em ação: o pensamento, a imaginação, o sentimento e a vontade. Devem ser estimuladas as simpatias e também o interesse geral. Utiliza-se, então, o princípio de se aprender fazendo, o que é muito mais eficiente do que o de dar simplesmente uma lição ou o de ouvir uma preleção. "O faz-de-conta" é bom modo de se aprender. E também quem vê a dramatização aprende mais facilmente do que por meio de, métodos de dar lição e prelecionar. Uma vez que a dramatização utiliza os olhos e os ouvidos, e apresenta movimento, trajes característicos e colorido, vê-se claro que é um meio bem mais eficaz de se apresentar qualquer verdade. A dramatização fala fundo a pessoas de todas as idades. "Ela quase que desata as pernas da criancinha. É alegre e boa companheira dos tempos escolares. E ainda quase que se esquece de respeitar os cabelos brancos e as juntas endurecidas."

O ensino por meio de dramatizações pode ser feito de vários modos. Pode-se realizá-lo por meio de planos previamente ajustados, assim como quando uma classe se propõe a apresentar a Parábola do Bom Samaritano. Pode ser feita a

dramatização sem preparo prévio, também distribuindo o professor os papéis quando os alunos já estiverem cm classe, passando a dramatizar a lição como este escritor certa vez teve a oportunidade de ver numa escola paroquial católica romana. Pode a dramatização ser feita após os necessários preparativos; pode ser de sombras projetadas sobre uma tela, de quadros vivos ou mesmo uma pantomima. Podem ser usados também bonecos ou títeres, desenhos simples e prendedores de roupa. A Parábola do Bom Samaritano pode ser representada muito bem por meio de bonecos ou títeres. Pode ser representada na classe ou na reunião do departamento. O que escreve estas linhas sempre se lembra de certa dramatização duma lição de Escola Bíblica Dominical, feita por alunos do Departamento de Adolescentes. O próprio professor pode dramatizar uma lição, como Billy Sunday tantas vezes fazia em suas prédicas. Podemos apresentar em forma dramática tanto histórias, como biografias feitas de missionários, condições sociais e morais, e outras mais lições. Desperta-se o interesse, prende-se a atenção, adquire-se informações, e mais se aprofundam as experiências quando a dramatização é bem feita.

2) *A ênfase dada por Jesus à dramatização*

O Mestre estava em boa companhia quando lançou mão do método de dramatização em seu ensino. Os judeus antes dele já haviam feito isto. As festas deles eram notadamente dramáticas, visto que o povo, observando a festa da Páscoa, reconstituía as cenas ligadas ao livramento dos primogênitos no Egito. Dramatizavam igualmente, por ocasião da festa dos Tabernáculos, às experiências da habitação cm tendas quando saíram do Egito. As cerimônias do tabernáculo e do Templo também eram dramáticas, notadamente aquelas que se referiam à' purificação dos fiéis e à escolha, matança e oferecimento de animais ligados aos vários sacrifícios então em voga. Mesmo as cortinas e os demais pertences e arranjos daquelas instituições tinham significado todo especial. Os próprios profetas usavam dramatizações, pois vemos que Isaías andou descalço pelas ruas de Jerusalém para mostrar ao povo a pobreza e a miséria que lhes sobreviriam. Quando Jeremias passou a usar um jugo de, madeira no pescoço queria de modo dramático anunciar ao povo seu próximo cativeiro; e Ezequiel fez um modelo de Jerusalém e lhe pôs cerco, assim prenunciando sua queda.

Jesus não lançou mão propriamente de programas dramáticos, mas se utilizou do seu grande principio. Talvez empregasse mais salientemente este método quando instituiu o Batismo e a Santa Ceia. Estes sacramentas são os sucessores neo-testamentários das festas do Velho Testamento. Não são meras ordenanças, ou cerimônias, nem atividades de companheirismo, mas, sim, métodos de ensino. Em forma dramática reconstituem as mais significativas experiências e ensinos da vida de Cristo. A Ceia *do* Senhor representa seu corpo quebrado e seu sangue vertido para a redenção da humanidade, e também nossa participação nos benefícios dessa experiência quando aceitamos a

Jesus. O Batismo representa a ressurreição de Cristo dentre os mortos (o sinal que ele prometera, como Filho de Deus), nossa morte para o pecado e nossa ressurreição "para andarmos em novidade de vida" (a maior e mais singular experiência humana), c a ressurreição final dos mortos (a esperança da imortalidade). Estas são as verdades fundamentais do cristianismo. *É como* J. F. Fove disse: "Com a voz os homens pregam o evangelho para o ouvido, è com as ordenanças o pregam para es olhos."

Este conceito eleva tais atividades do plano inferior das cerimônias vazias para o alto nível tias mais eficazes práticas didáticas que o homem conhece — o de ver a verdade reconstituída e não o de meramente ler algo a respeito dela ou o de ouvir falar nela. Dá novos valores a velhas práticas, e justifica a posição batista através das idades no que respeita a cerimônias comemorativas. Não somos pessoas antiquadas, mas pedagogos dos tempos modernos. Os modernos métodos de educação justificam plenamente nossa posição. Assim, os que deles participam podem considerar unia honra esse privilégio de proclamar assim ao mundo os pontos essenciais do evangelho do modo mais impressionante possível. Este conceito igualmente nos afasta da ideia de que a Ceia do Senhor é um negócio de companheirismo, e fecha duma vez para sempre a secular questão que trata do sujeito e tio medo do batismo. É também provavelmente o argumento mais forte contra "a estranha imersão', porque, se a imersão de alguém se dá numa atmosfera que impossibilita a proclamação *da* verdade inclusa, já perde o seu significado.

Dentre outras atividades dramáticas que caracterizaram o ministério do Mestre encontra-se o caso de expulsão dos mercadores do Templo (Mat. 21:12-16). Jesus viu que os judeus estavam abusando do privilégio de vender animais e aves para os sacrifícios àqueles que não os tinham, e estavam fazendo aquilo mais para se locupletarem do que para servir ao povo. Assim tomou um chicote de cordéis e expulsou os mercadores, espalhando as aves e os animais, derribando as moedas no chão, e dizendo: "Minha casa será chamada casa de oração; mas vós fizestes dela um covil de ladrões" (v. 13). Dessa forma Jesus proclamou dramaticamente a santidade do Templo e do culto a Deus. "A purificação do templo não foi tanto por causa do próprio edifício, e, sim, mais para ensinar ao povo a grande lição da reverência."

Igualmente de modo dramático o Mestre entrou triunfante em Jerusalém, montado num jumentinho, e passou por ruas cobertas de ramos de árvores e de capas dos que o saudavam e aplaudiam. Era assim que os heróis voltavam vitoriosos a seus lares; só que Jesus montava um jumentinho e não um carro de guerra, e era escoltado por adoradores e não por soldados, mostrando,

assim, que seu reino era de caráter espiritual, e não material ou político (Mat. 21:7-11). Foi, na verdade, um ato notável e dramático, mesmo um dos mais impressionantes de todo o seu ministério. Vemos, pois, que Jesus de vários modos empregou em seus ensinos o método de dramatização.

3 . ***Histórias ou Parábolas***

Sem dúvida, o método mais usado pelo Mestre foi o de histórias ou parábolas. Ê o método que toma o primeiro lugar em seus ensinos. Jesus o usou tanto que julgamos ser isso o que mais o caracterizou como Mestre; e as histórias que ele contou são sempre mais lembradas que outros ensinos dele. Inquestionavelmente Jesus foi o maior contador de histórias que o mundo já teve.

1) *A importância de Justarias e seu uso*

O termo *parábola* significa literalmente *projetado* ao lado de alguma coisa. É uma. história ou ilustração tirada de algum caso conhecido ou comum da vida, para lançar luz sobre outro caso não muita conhecido. É uma apresentação viva é colorida da verdade. William Sanday diz: "São cenas, ou histórias curtas, tiradas da natureza ou da vida de cada dia, que apresentam algum pensamento ou princípio capital que pode ser levado e aplicado ao alto nível espiritual da vida humana." H. H. Horne acrescenta: "Parábola é uma comparação de fatos familiares com verdades espirituais." Como método de ensino é praticamente idêntico à história, conquanto seja bem mais curta, para ter mais a natureza da comparação que da história. As comparações têm sido caracterizadas como parábolas em embrião.

O método de histórias é de grande valor no ensino. É coisa concreta, apela à imaginação, tem estilo fácil e livre, assaz eficiente c interessante. É mesmo o método que "com beleza e remate incomparáveis, sobrepaira como supremo e sem rival nos anais da literatura humana". Os que detestam fatos e argumentos, de bom grado ouvem histórias. E, não só isso: lembram-nas facilmente e são influenciados por elas. Acadêmicos de teologia que fogem de ouvir uma série de preleções de grandes eruditos correm apressados a ouvi-los contar histórias por horas seguidas. As histórias são aplicáveis e apropriadas tanto para crianças como para adultos. Conquanto tenha falecido há alguns anos, raro é a reunião de batistas do sul em que não seja lembrada uma ou outra história contada per J. B. Gambrell. O romance A *Cabana do Pai Tomás* contribuiu imenso para a abolição da escravatura. As novelas "influenciam a conduta bem mais do que livros de moral". G. Stanley Hall diz: "Deixai-me contar histórias, e já não desejarei saber quem escreveu os manuais."

Há três coisas que podemos alcançar por meio de histórias no ensino. A primeira delas é em prendera a atenção do aluno. Este é o recurso de que lançam mão diariamente os repórteres de jornais e revistas. Começam a reportagem com a parte mais sensacional de sua história e daí descem aos fatos, pormenorizando-os. Também os locutores e professores devem fazer isso. Margarida Slattery quase que invariavelmente começava uma alocução ou um livro com uma história empolgante. A outra coisa é usar histórias para lançar luz sobre algum princípio ou verdade abstrata já enunciada. Pregadores e outros oradores usam bastante histórias ou ilustrações para tornar claros *os três pontos õ.o* sermão ou discurso. É isto de grande valor especialmente na aplicação da verdade. A terceira coisa é usá-las para a apresentação da lição toda. Isto caracteriza a fábula, e é o modo pelo qual frequentemente hoje se dão lições, especialmente às crianças. Tem este processo o mérito de deixar que o aluno tire por si mesmo a conclusão.

2) *Exemplos de Jesus*

Interessante é notar que o Mestre dos mestres usou bastante histórias ou parábolas em seus ensinos. De fato, elas foram mesmo chamadas "a consumação de sua arte". Cerca de um quarto das palavras de Jesus registradas por Marcos, e cerca de metade das registradas por Lucas têm a forma de parábolas. O vocábulo *parábola* aparece cinqüenta vezes em o Novo Testamento. Se colocarmos sob este título as máximas ou parábolas em embrião, as alegorias e outras mais ilustrações, teremos, é certo, um cento. Elas se referem a pessoas, animais, plantas e à vida inanimada. Horne nos dá uma lista total de sessenta e uma; delas, trinta e quatro tratam de pessoas, como a do 'bom samaritano", quatro, de animais, como da "ovelha perdida"; sete, de plantas, como a da "semente de mostarda"; e dezesseis de coisas, como as quatro qualidades de terra. Se dos ensinos de Jesus tirássemos as parábolas, muito desse ensino se perderia. E, se ele não houvesse lançado mão desse método, não teria encontrado nada tão eficiente como as parábolas.

Um exemplo de ter ele iniciado uma lição com uma história ou parábola é aquele em que nos fala de quatro qualidades de terra e da resposta que a terra semeada deu ao lavrador (Mat. 13:1-9). Ele nos descreve o lavrador lançando a semente à terra, tendo uma parte caído à beira da estrada em solo duro e impenetrável, e os pássaros a comeram. Outra parte caiu entre pedras, onde a terra era rasa, rapidamente aquecida, e a semente brotou logo, mas sem raízes fortes para sustentar o caule. Outra parte caiu entre espinhos e foi sufocada pelo rápido crescimento deles. A quarta parte, porém, caiu em terra boa e fértil, criou raízes fortes e produziu trinta, sessenta e cem por um. Isto foi tudo quanto Jesus disse, além de estender aos ouvintes um aviso com este remate: "Quem tem ouvidos ouça."

Mais tarde, quando os discípulos pediram, o Mestre esclareceu a lição baseada na parábola. A terra à beira da estrada representa o ouvinte preocupado ou desatento, do qual a verdade saltita como saraiva no telhado. A terra cheia de pedras representa a pessoa superficial e emotiva que responde prontamente, mas sem convicções firmes, e que, por isso, abandona a verdade, quando esta o leva para caminhos difíceis. A terra de espinhos representa o individuo preocupado que deixa que o serviço e as diversões o empolguem por completo, deixando-o sem frutos espirituais. A terra boa representa aqueles que ouvem a verdade, e a recebem de todo o coração, e a praticam sempre. Ninguém por certo esquecerá esta história, nem o seu profundo significado.

Boa ilustração do uso de histórias para aclarar a verdade já previamente discutida é a Parábola do Bom Samaritano (Luc. 10:25-37). Um atormentado doutor da lei perguntou ao Mestre o que devia fazer para alcançar a vida eterna, e responde à sua própria pergunta citando o mandamento do amor a Deus com todas as forças do coração e do espírito, e ao próximo como a si mesmo. A seguir, em defesa própria, perguntou: "Quem é o meu próximo?" (v. 29). Jesus não apresentou nenhum argumento teórico, ou ideologia, não. Passou logo a aclarar a verdade contando a história dum homem que viajava de Jerusalém para Jericó e que foi assaltado, espancado, roubado e deixado meio morto na estrada. Depois de terem passado junto dele um sacerdote e um levita (devendo estes dois por força de suas profissões ter socorrido o assaltado), passou um samaritano (de raça desprezada pelos judeus, e que, por isso, podia bem escusar-se de atender ao assaltado) que prontamente o socorreu, cuidando de seus ferimentos, levando-o à estalagem mais próxima e deixando dinheiro para se tratar e cuidar bem do estranho que encontrara semimorto na estrada. Jeitosamente o Salvador perguntou, então: "Qual destes três... mostrou ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" (v. 36). O doutor da lei só podia dizer que foi o homem que o ajudara. Era este, pois um argumento irrespondível contra a falta de boa vizinhança do doutor da lei.

Um exemplo extraordinário de lição inteira dada por meio de histórias encontra-se no capítulo 15 do Evangelho segundo Lucas. Quando os fariseus e escribas lamentaram o fato de Jesus viver na companhia de publicanos (coletores de impostos) e pecadores (a ralé social), o Mestre respondeu a tais críticas não com argumentos ou censura, e, sim, com três histórias — da dracma perdida, da ovelha perdida e do filho perdido. Todos (dracma, ovelha e filho) eram de algum valor, mas perdidos, dando assim ocasião à grande tristeza. (No mesmo caso estavam aqueles publicanos e pecadores, de algum valor ainda, embora perdidos, e que ainda mereciam alguma atenção e interesse da parte dos escribas e fariseus.) Todos foram diligentemente procurados e achados; e se tornaram objetos de grande regozijo. (Igualmente aqueles párias e desviados deviam ser procurados, novamente recebidos e reintegrados com grande

regozijo, em vez de serem desprezados, como de fato o eram, por aqueles mestres de religião do tempo de Jesus.) Que lindo e inspirador quadro o Mestre nes dá de regozijo pelo pecador que se arrepende, em contraste com a atitude desdenhosa daqueles supostos chefes de religião! Já não se fazia necessário mais nenhum argumento ou explicação. Com a arte do Mestre por excelência, colocara-se diante daqueles desalmados críticos, e de sua atitude pecaminosa, o espelho da verdade divina.

Jesus, na verdade, foi Mestre consumado no uso de lições objetivas, bem como no emprego do método de dramatizações, de histórias e parábolas. Usando-as, a par de sua maravilhosa personalidade, conseguiu atrair as multidões a si, fazendo com que essas verdades fossem lembradas e repetidas através dos séculos. Bem faremos nós estudando os modos e meios de empregar figuras, comparações e parábolas em nossas lições. Auxílios visuais, dramáticos e ilustrativos devem secundar o nosso ensino.

Sugestões auxiliares para o ensino do sétimo capítulo

Esboço no Ouadro-negro

1. *Objetos*
   1)Natureza e Valor das Lições por Meio de Objetos
   2)Usos Que Jesus Fez de Objetos

2. *Dramatizações*
   1)Significado e Escopo da Dramatização
   2)A Ênfase que Jesus Deu a Elas

3. *Histórias*
   1) A Importância e o Uso de Histórias
   2) Exemplos Deixados por Jesus

Tópicos para Discussão

1.Qual o perigo no uso de objetos?
2.Mencione a lição objetiva mais notável dada por Jesus.
3.Qual a diferença entre dramatização e lição objetiva?
4.Apresente o valor do batismo como atividade educadora.
5.Explique o significado do vocábulo *parábola.*
6.Qual a maior história contada por Jesus? Por quê?

Assuntos para Revisão e Exame

1.Dê exemplos do emprego, pelo Mestre, de lições objetivas.
2.Quais as vantagens do método de dramatização?
3.Mostre para que Jesus usou histórias.

8

OUTR OS MÉT ODOS DE QUE JESUS LANÇOU MÃO

Jesus nunca se limitou a um único método de ensino. Nem exaltou um método como melhor que os outros, embora careça ter ele usado a parábola ou as histórias mais frequentemente que outras coisas. Se ele empregou vários métodos, é claro que considerava a todos como legítimos e proveitosos, e achava que o melhor era aquele que desse melhor resultado cm certas circunstâncias.

A idade do grupo a ser ensinado, a espécie de lição a ser dada, bem como a inclinação do professor, são os fatores que devem determinar a qualquer tempo a escolha do método a ser usado. Com toda a probabilidade usaremos de todos eles alguns, ou ao menos passaremos de um para outro.

1. ***Preleções***

O método de preleções é o de discursar na apresentação duma lição, falando o professor diretamente à classe. O professor, então, faz tudo, ou praticamente tudo, falando só ele. Supõe-se que seja uma apresentação sistemática e compreensiva; mas também pode não ser. Pode incluir ou não o uso do quadro-negro e doutros materiais. Woodrow Wilson certa , vez disse que o uso de preleções é "o método literário na sala de aula". Também tem recebido o nome de "discurso didático".

1) *Valor e fraqueza deste método*

É certo que nenhum outro método de ensino tem sido mais usado e mais criticado que o de preleções. Tem-se dado então o fato de muita gente fazer preleções para combater o uso de preleções! De fato, o método tem pontos fortes e fracos, e o julgaremos por seus méritos. Há várias vantagens no uso dele. É de grande valor quando se tem que ensinar uma classe muito grande e o professor só pode usar um pequeno número de alunos para discutir a lição na classe. Não deveríamos ter classes muito grandes, mas, havendo-as, o professor se vê obrigado a usar o método de preleção. Também é de valor este método quando a maioria dos alunos não está acostumada à discussão da lição, ou não tem desembaraço para isso.

É também de grande valor para o estudo de certas doutrinas e de algumas passagens difíceis do Velho Testamento. Além disso, concede ao aluno o benefício dos ricos recursos dum bom professor. Basta pensarmos na gloriosa oportunidade de receber lições dum Mullins, dum Sampey, dum Robertson ou dum Tidwell! Também possibilita ao professor apresentar a lição dum modo mais compreensivo do que por meio de perguntas e discussões, havendo menor

perigo de desvios e digressões. Possibilita ainda levar a lição ao clímax de inspiração, que doutra forma não seria fácil, coisa que vale muito.

Por outro lado, há vários pontos fracos neste método. Talvez o maior seja o fato de os alunos não estudarem a lição. Sabendo de antemão que não terão que responder a nada, às vezes nem sequer lêem a lição, e nada fazem por saber alguma coisa dela. Isto se dá até com acadêmicos de teologia. Quem escreve estas linhas ensinou certa vez uma classe de Escola Bíblica Dominical constituída de homens, reunida num teatro do centro da cidade, e descobriu que somente um dos sessenta e três presentes tinha lido a lição! É claro que a mente deles não estava preparada para a lição do dia.

Também o professor quase não tem jeito de ver se suas lições estão sendo entendidas ou não, não tendo, assim, a oportunidade de corrigir erros. Fazendo exame, certa vez um professor obteve três respostas diferentes para uma pergunta, sendo uma certa e duas erradas. Tinha sido mal compreendido, e nunca havia notado isso durante a preleção. Acontece que o aluno não aprende sem atividade mental, e é certo que quase sempre esta é reduzida ao mínimo na ocasião duma preleção. A miúdo, os alunos simplesmente "sentam-se calados, enquanto o professor vai instilando". Assim, tem este método des-vantagens e vantagens.

2) *Discursos de Jesus*

Jesus usou o método de preleção, ou discurso didático, muitas vezes, especialmente durante o primeiro período de seu ministério, quando lidou bastante com as multidões. Alguns discursos foram dirigidos a grandes multidões e outros a pequenas reuniões. Algumas vezes só estavam presentes os discípulos, e, noutras, as massas ou uma mistura deles todos. "O púlpito de Jesus era uma encosta ou um barco atracado à margem dum lago. Seu salão de conferências era o pálio azulado do firmamento; seu auditório, a multidão reunida a seu redor, de olhos erguidos para ele, com viva atenção, que os ligava à vida dele... Chamavam-no "o mestre vindo de Deus".

Horne nos dá uma lista de cerca de sessenta discursos, dirigidos somente a multidões, à multidão e os discípulos, e só aos discípulos. Foram pronunciados no Templo e nas sinagogas, em cidades e no campo, em montanhas e junto a lagos. Os assuntos são mui variados, e tratam da riqueza, do divórcio, do sábado, das missões e doutros muitos assuntos. João afirmou que no mundo não caberiam todas as coisas que Jesus disse, e é certo que não foram registrados todos os discursos dele, e nem mesmo tudo dos discursos mencionados.

Três dos discursos de Jesus ocupam mais de um capítulo e são provavelmente os mais notáveis. Um trata do julgamento final e abrange dois capítulos (Mat. caps. 24 e 25), e nele Jesus nos fala das condições reinantes no tempo de sua segunda vinda, do caráter repentino dessa vinda c do julgamento que então se seguirá. Estão incluídas aí as histórias da figueira estéril, dos talentos, e das virgens sensatas e insensatas. Outro discurso é o Ensino do Monte que ocupa três capítulos e parece ser o mais conhecido de todos os discursos do Mestre (Mat. caps. 5, 6 e 7). Aqui Jesus apresenta a superioridade do seu ensino em comparação com a Lei e os profetas, as qualidades que fazem o bom cidadão do Reino, e o modo de agir do cristão. O discurso mais longo de Jesus é a fala de despedida, que ocupa quatro capítulos do Evangelho segundo João (João caps. 14, 15, 16 e 17). É uma mensagem de conforto, tratando da vinda do Espírito Santo, da relação da videira e as varas, de problemas que surgiriam para os discípulos e do triunfo final. Termina este discurso com a oração sacerdotal de Jesus em favor dos seus.

Todas as preleções de Jesus provocam o pensamento, sondam o coração e são mui práticas e vitais. Tratam de toda uma série de assuntos, e revelam pensamento profundo e muita preparação. Variam tanto de estilo como de método. Atraíam a atenção e estimulavam o interesse a ponto de "as multidões ficarem admiradas do seu ensino" (Mat. 7:28). Até mesmo aqueles que não simpatizavam com o Mestre voltavam dizendo: "Nunca homem algum falou como este homem!" (João 7:46). Sentiam-se comovidos com suas mensagens. Quando o Mestre prelecionava, o povo ouvia e aprendia, recebia informes, e se sentia incitado e inspirado, e suas vidas eram enriquecidas. Suas preleções incitavam a inteligência, os sentimentos e a vontade dos ouvintes. Para ele o método corria paralelamente à história. De fato, as histórias constituem parte bem considerável duma preleção.

2. ***Perguntas***

O método catequético ou de perguntas c respostas é dos métodos de ensino um dos mais antigos e também um dos mais empregados. Sócrates se tornou famoso por tê-lo usado. Este método era muito usado tanto, nos dias do Velho como do Novo Testamento, e vem sendo empregado quase sempre. Hoje é ainda um dos métodos de ensino mais usados. Como veremos, Jesus fez uso constante de perguntas em seu ensino.

1) *Propósito e caracteres das perguntas*

O significado do verbo *catequizar é* sondar, assim como o marujo lança a sonda para ver qual a profundidade da água em que navega. Pode ser uma coisa ao acaso, com perguntas feitas a esmo, ou pode o professor obedecer a

uma série ordenada de perguntas para extrair as verdades da lição. Sócrates usava sistematicamente este método para obter do aluno informes, pois admitia que o conhecimento é coisa natural, inata. Este método é tão velho como a raça humana, é quase tão universal como o próprio ensino e se adapta a grupos de todas as idades, particularmente aos departamentos de juniores e adolescentes. Sempre o encontraremos por toda parte.

Usam-se perguntas para muitos fins. Servem para chamar e prender a atenção. O aluno que luta com o sono, ou deixa sua mente vagar durante a preleção, certo se alertará com perguntas, pois não sabe quando o professor lhe vai perguntar alguma coisa. Entra neste método o elemento da surpresa. Serve também para provocar pensamentos. Se forem boas e feitas como devem ser, as perguntas levarão o aluno a pensar.E isto é coisa indispensável no ensino, pois que nada se aprende, sem se pensar nelas, não aproveita quase nada ao aluno.

As perguntas também ajudam a aclarar e aprofundar as impressões. Quando o aluno responde a perguntas, não só foi levado a pensar, mas também a se expressar, e, por esses meios, a verdade é implantada, visto que o pensamento e as impressões ajudam a aprofundá-la. Perguntas sugestivas e interessantes impressionam muito. O método de perguntas também ajuda o professor a ver se o aluno está entendendo ou retendo aquilo que ele está ensinando. Desse modo ele pode verificar seu ensino, torná-lo mais claro, se preciso, e realizar., assim, obra mais eficiente.

Para que dê bom resultado, devemos notar que as per guntas e o perguntar devem apresentar certas características mui importantes. Devem ser claras. Isto quer dizer: devem ser simples, curtas e apropositadas. Assim, o aluno deve saber bem o que se lhe está perguntando. As perguntas não devem ser como a daquele pastor — pergunta que continha 222 palavras — nem como a daquele professor de Escola Bíblica Dominical, que assim perguntou: "Quem correu atrás daquele que estava perto dos muros deles?"

As perguntas devem também provocar o pensamento. Perguntas simplesmente formais não bastam, porque o aluno poderá respondê-las mecanicamente, como fez um aluno que não comparecera no último domingo. Quando o professor lhe perguntou onde estivera no domingo, respondeu em consonância com a primeira pergunta sobre o local em que se dera o fato da lição do dia: "A doze quilômetros a nordeste de Jerusalém." As perguntas devem ser feitas de modo a prender a atenção de toda a classe. Como regra, isto implica em primeiro fazer a pergunta, para depois dizer o nome de quem deve respondê-la; não repetir a pergunta, se o aluno não estiver prestando atenção; perguntar ao mesmo aluno mais de uma vez durante o tempo de aula; e fazer perguntas que interessem a toda a classe.

2) *Exemplos de Jesus*

Um dos primeiros quadros que temos do Mestre, após seu nascimento c infância, nos mostra Jesus fazendo perguntas. Com doze anos, tendo ficado na cidade de Jerusalém longe dos pais, que já estavam de volta, foi achado no Templo "sentado no meio de professores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas" (Luc. 2:46, tradução de Moffatt). Essa tendência parece ter acompanhado Jesus durante a sua vida. O *Sunday School Times* afirma que Jesus fez 154 perguntas. Outros dizem que se acham nos quatro Evangelhos mais de cem perguntas diferentes.

Grande porção de registros escritos é constituída de perguntas e respostas, e o conteúdo certamente mudaria muito de significação se elas fossem omitidas. Jesus empregou muito este método. W. P. Merril diz: "Ele veio não tanto para responder a perguntas, mas para fazê-las; não tanto para acomodar as almas dos homens, mas para provocá-las; não para tornar fácil a vida, mas para torná-la mais educativa." E Marquis acrescenta: "Nosso Senhor tinha o hábito de fazer aqui e ali perguntas que quebravam a serenidade de sua classe, e assim fazia os discípulos ficar em pé e pensar."

Ao iniciar uma lição Jesus fazia perguntas para atrair a atenção, estabelecer um ponto de contato, e preparar a mente para aquilo que ia dizer. Temos bom exemplo disto na pergunta que fez a seus discípulos: "Quem dizeis que eu sou?" (Mat. 16:13-15). Isto chamava a atenção deles para Jesus, fazia-os pensar, e preparava o caminho para que se revelasse como o Filho de Deus.

Igualmente, quando Tiago e João pediram o privilégio -de se sentarem um à direita e outro à esquerda do Mestre, iniciou ele sua lição perguntando-lhes: "Podeis beber o cálice que eu bebo, cu ser batizados com o batismo com que sou batizado?" (Mar. 10:3 5-40). Assim ele os preparou para a resposta que ia dar, e quase Fez com que eles próprios respondessem ao pedido que fizeram. Quando Jesus perguntou ao moço rico que o consultara a respeito do caminho da vida: "Por que me chamas bom?" (Mar. 10:18), claramente estava preparando a mente daquele jovem para a penetrante resposta que lhe ia dar acerca daquilo que faz a vida ser boa.

Jesus fez muitas perguntas ao desenvolver seus temas e lições. De fato, sempre lançava mão de perguntas. Eram elas de várias espécies. Às vezes perguntava para obter informes, como perguntou a Tiago e a João quando lhe pediam um favor: "Que quereis que eu vos faça?" (Mar. 10:36). Às vezes era para ajudar o perguntador a pensar e ruminar sua própria dificuldade. Assim Jesus perguntou aos que estavam presentes na sinagoga, por ter curado um homem no dia de sábado: "É lícito nos sábados fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la?" (Mar. 3:1-5). Ele fazia perguntas para aclarar e mesmo para ilustrar seu

ensino. Quando os fariseus censuraram seus discípulos por terem num sábado colhido e comido espigas, o Mestre citou na forma de pergunta o exemplo de Davi e seus companheiros que entraram no Templo e comeram ilegalmente "os pães da proposição" (Mar. 2:23-28).

O Mestre também usou de perguntas como argumentos. Um dos exemplos clássicos é este: "Pois, se Deus assim veste a erva do campo que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?" (Mat. 6:30). É um argumento do menor para o maior. Também Jesus fez perguntas, apresentando dilemas, para frisar o que estava ensinando. Assim, quando os principais dos sacerdotes e os anciãos do povo puseram em dúvida sua autoridade de ensinar, o Mestre lhes perguntou: "Donde era o batismo de João? Do céu ou dos homens?" (Mat. 21:25). Eles silenciaram, porque perceberam que, se respondessem duma forma ou doutra, ficariam entalados.

Difícil é separar as perguntas feitas para enfatizar e argumentar das que foram feitas para aplicar verdade e exortar o povo; mas nos parece que Jesus fez algumas delas especialmente para enfatizar seu ensino. Quando finalizou a história do Bom Samaritano, o Mestre perguntou ao negaceador doutor da lei: "Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" (Luc. 10:36). Vemos que esta pergunta era tanto exortatória quanto informativa.

Igualmente a pergunta feita aos discípulos, que não exigia resposta: "Pois que aproveita a um homem, se ganhar o mundo inteiro, mas perder-se ou causar dano a si mesmo?" (Luc. 9:25). Nenhuma sentença seria tão enfática como esta pergunta. Da mesma ordem, é, de algum modo, a tríplice pergunta que Jesus fez a Pedro: "Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes?" (João 21:15-17). Jesus estava buscando aprofundar a exortação "apascenta as minhas ovelhas". Vemos, portanto, que as perguntas, na verdade, "faziam parte do cerne dos métodos de ensino de Jesus", e, como o diz McCoy, elas sempre eram mui práticas e nada teóricas.

3. ***Discussões ou Debates***

Um dos métodos mais falados de nossos dias, especialmente para adultos, é o da discussão* ou debate. Parece mesmo particularmente próprio para estudantes universitários. Tal método também foi usado pelo Mestre dos mestres em suas atividades educativas. Como vemos em seu ensino tal método não apresenta todas as características duma discussão formal como temos hoje, mas os princípios essenciais estão aí presentes.

1) *Natureza e valor do debate*

O método de discussão, ou debate, é uma reação contra os métodos formais de contar histórias e de preleção nos quais só o professor fala, e também contra o método de recitação no qual o aluno simplesmente repete como papagaio aquilo que decorou. Por estes métodos o aluno pode não entender nada da lição que confiou à memória. Alguém já definiu o método do debate como "o processo pelo qual se chega a uma conclusão geral e firme, mediante todo um grupo a pensar", e que, portanto, compreende a posse da verdade. É coisa bem diversa de qualquer palestra a esmo, pois no debate há plano e propósito. A classe assim vai progressivamente para a frente. Difere também da mera propaganda, porque no debate se procura a verdade, em vez de simplesmente proclamar. Este método exige mente inquiridora, e não é propriamente uma discussão em que se faça força para depreciar o ponto de vista dos outros, mas que nos leva a aquilatá-lo e aproveitá-lo quanto possível. Quando o ponto de vista apresentado por este ou aquele é certo, verdadeiro e exato, deve ser aceito. É, portanto, um esforço conjunto em busca da verdade, trabalhando e cooperando professores e alunos.

Várias coisas são necessárias para se ter uma atmosfera que conduza a um trabalho ideal mediante o debate. O grupo deve constituir-se de pessoas de experiências, interesses e preparo mais ou menos iguais. Em geral, uma classe composta de acadêmicos ou de universitários é o ideal. Devem os do grupo ter algo em comum, não só no que respeita ao nível de educação, mas também quanto a interesses comuns, pois que normalmente o tópico para discussão é assunto de caráter pessoal, social ou religioso, e interessa ao grupo todo. Deve-se também ter mente e coração abertos para se receber a verdade, venha donde vier, para pesá-la sem parcialismo e para se admitir aquilo que realmente é de valor. Naturalmente, é mui importante ter à mão dados ou informes que indiquem as fontes de materiais a serem usados ou consultados para a formulação das conclusões. Pode-se também empregar este método de forma um tanto modificada e assaz satisfatória, mesmo abrindo-se mão das condições acima referidas.

Levando avante a discussão, o mestre desempenha mais o papel de inspirador e guia do que propriamente de instrutor. Ele passa a ser a força atrás da cena e não tanto o ator principal. Ele não apresenta só seus pontos de vista, mas também se reporta à opinião de algum escritor, ou de escritores, guiando a classe para que por si mesma chegue à conclusão. Assim, o papel do professor é ajudar a classe a selecionar do material da lição um problema de vital interesse e a localizar as fontes de informação, dirigir o colecionamento e apresentação desse material ao grupo, assistir a discussão e avaliação dos argumentos apresentados, tornar viva e interessante á discussão, não deixando que se saia do assunto, e por fim diligenciar para que se chegue a uma conclusão. Naturalmente, isso tudo exige bastante habilidade e treino, para se fazer tudo apropriadamente. Pressupõe isso de fato mais do que a condição ideal que em

geral encontramos em classes comuns, de modo que às vezes esbarramos com certas limitações.

Do que se afirmou acima, vemos que o método de discussão ou debate tem bom número de valores bem distintos. Ele exige atividade, como nenhum outro. Tal atividade abrange a escolha do assunto, a busca e avaliação do material, e contribui grandemente para o aprendizado. Também abrange iniciativa e espírito criador, e estas coisas são de grande valor no processo da aprendizagem e no desenvolvimento do caráter. Estas coisas estabelecem claramente a diferença entre a educação criadora e a educação transmissora. Incentiva o motivo social, pois cada aluno sente que tem unia parte no programa e uma contribuição a fazer, já que se trata dum processo de cooperação intelectual. Mantém-se assim de modo maravilhoso o esforço e o interesse. Exige ele investigação e avaliação, e desenvolve o pensamento e a apreciação. Não obstante, este método tem suas falhas pelo fato de não se adaptar a todas as idades ou condições, nem a todos os tipos de lição, e nem a todas as espécies de professor. Mas é ele quase perfeito, e no final de contas talvez seja o método de maiores resultados para estudantes amadurecidos.

2) *Ilustrações de Jesus*

Do modo completo e formal, como vimos de definir o método, é certo que não podemos dizer que Jesus o usasse em seus ensinos. Na verdade, Jesus nunca usou este ou aquele método assim formalmente, à risca, como costumamos fazer. *No* entanto, em princípio e em seus elementos essenciais, o Mestre empregou o método da discussão ou debate. Vemos que em seu modo de ensinar este método transparece muitas vezes aqui e ali. Note-se, contudo, que o Mestre o usou mais no trato com indivíduos do que propriamente na lida com grupos. E, quando o usou cm grupo, foi em forma bastante simplificada. Talvez o exemplo mais frisante seja o de sua lida com u mulher samaritana junto ao poço de Jacó, caso que já discutimos atrás. Em toda a conversa com a samaritana, Jesus buscou fazer com que ela pensasse por si, reunisse suas próprias idéias, embora lhe expressasse o Mestre suas ideias; ajudou-a para que visse e apreciasse a verdade que ele lhe apresentava, auxiliando-a ainda a concluir e responder por si mesma. É um precioso exemplo do método de conversação, que nada mais é que a discussão limitada a uma pessoa.

Outra boa ilustração é a lição do Mestre a Nicodemos (João 3:1-21). Ele era um fariseu, doutor da lei e professor. Raimundo Calkins compara-o a um "professor de universidade, a um juiz da corte suprema e a um bispo de igreja". Isto dava a Nicodemos uma posição legalista, cultural e mais ou menos profissional. Por qualquer razão ele procurou o Mestre de noite, aproximando-se dele com suma cortesia e cautela.

Imediatamente Jesus levantou o problema da experiência pessoal, dizendo ao culto chefe que ele precisava "nascer de novo", se quisesse um dia ver o Reino de Deus. Isto era coisa estranha à sua religião formalista e pensou que o Mestre estava falando do nascimento natural. Então Jesus lhe disse que ele precisava nascer tanto naturalmente ("da água") como espiritualmente ("do Espírito"), dizendo-lhe: "O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito (v. 6).

O Salvador suavemente censurou a Nicodemos por ser mestre e não entender o que dizia, e passou a desenvolver sua ideia, enfatizando o fato de Deus se dar a si mesmo "para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna" (v. 16). Outros registros revelam que Nicodemos foi influenciado por Jesus, mais tarde o defendendo perante o sinédrio, e que, depois da morte do Mestre, trouxe peças de linho e aromas para ajudar o seu enterro.

Outro exemplo de conversa-discussão de Jesus é o caso do moço rico (Mar. 10:17-22). O jovem houvera sido educado na lei judaica, tinha muitas propriedades, era membro da sinagoga, e, com isso tudo, não estava ainda satisfeito. Então, encentrou-se com Jesus na estrada, ajoelhou-se aos pés do Mestre, e lhe perguntou o que devia fazer para herdar a vida eterna. O problema estava claro. O Mestre experimentou o moço, dizendo-lhe que guardasse os Mandamentos de Deus. Ele respondeu que vinha fazendo aquilo desde sua adolescência. Então, descobrindo o cerne da dificuldade do moço (sua avareza), disse-lhe: "Vende tudo o que tens e dá-o aos pobres... e vem, e segue-me" (v. 21). Contudo, o sentimento do valor de suas posses era mais forte do que o sentimento da necessidade que tinha de Jesus; e, assim, "retirou-se, triste". Era a grande e terrível opção. E o Mestre deixou que o moço escolhesse por si mesmo. Assim, quer se tratasse duma decaída, dum avarento ou dum chefe religioso de justiça própria, o método de discussão ocupou lugar proeminente nos ensinos de Jesus.

Poderíamos citar aqui outros métodos, além dos já apresentados, conquanto não sejam tão definidos e notáveis na obra educativa de Jesus. Como dissemos atrás, o Mestre usou também o método da observação ou demonstração quando ajudou João Batista a vencer suas dúvidas quanto ao fato de Jesus ser ou não o Messias prometido (Mat. 11:2-19). De fato, um escritor chega a colocar sob esse título grande porção de casos em que Jesus empregou objetos e dramatizações. Jesus usou igualmente o princípio de planeamento, de se aprender fazendo, quando enviou seus discípulos para dar testemunho e curar (Mat. 10:1-42), e também quando, mais tarde, enviou os setenta em missão semelhante, e depois ouviu o relatório deles (Luc. 10:1-12,17). Assim os discípulos, como verdadeiros aprendizes, aprenderam, tanto por meio de observação como da prática, a pregar, ensinar e curar.

Um elemento do método de esboço podemos encontrar na boa ordem com que foi planejado e apresentado o Ensino do Monte e outros mais discursos didáticos de Jesus. Portanto, no ministério didático do Mestre temos em embrião, quando não inteiramente desenvolvidos,'praticamente todos os métodos usados hoje cm dia. Ele foi Mestre de tudo e o maior de todos. "Atrás das palavras, dos gestos, dos métodos, estava o próprio Jesus."

Sugestões auxiliares para o ensino do oitavo capítulo

Esboço no Quadro-negro

1. *Preleções*
   1)Pontos Fracos e Pontos Fortes das Preleções
   2)Discursos de Jesus
2. *Perguntas*
   1)Propósito e Caráter das Perguntas
   2)Exemplos de Jesus
3. *Discussões ou Debates*
   1)Natureza e Valor da Discussão
   2)Ilustrações de Jesus

Tópicos para Discussão

1.Por que o método de preleção se tornou impopular?
2.Qual o maior discurso de Jesus? Por quê?
3.Quais alguns dos perigos do método de perguntas?
4.Cite a primeira pergunta do Mestre que foi registrada.
5.Mencione outras discussões ou debates além dos que foram aqui tratados.
6.Jesus usou algum outro método não mencionado aqui?

Perguntas para Revisão e Exame

1.Diga dois pontos fortes c dois fracos do método de preleção.
2.Mostre como o Mestre fazia uso de perguntas em seu ensino.
3.Dè três exemplos do emprego de discussões ou debates pelo Mestre.

9

RESUL TADOS DO SEU LABOR

Os resultados da obra de Cristo não só mostram sua superioridade como professor, como também justificam a ênfase que ele deu ao ensino. Foi ele, na verdade, o Mestre incomparável, e, como tal, o único de sua classe. Isto é

verdade, seja qual for o aspecto pelo qual estudemos sua obra didática. Os seguidores dele não só totalizam maior número que o dos de qualquer outro mestre secular ou religioso, mas vemos ainda que foram infinitamente maiores os efeitos produzidos por Jesus na vida de todo o mundo. "Boussett não exagerou em nada quando afirmou que praticamente todos os avanços da humanidade nestes últimos mil e novecentos anos devem ser atribuídos a Jesus, como o principal inspirador de todos eles." Ainda que de modo ligeiro, vamos anotar umas poucas dessas conquistas. Poderíamos citar inúmeras outras.

1. ***A Valorização e Elevação da Pessoa Humana***

Antes de Jesus vir, certos grupos humanos nada valiam, nada representavam. Não passavam de meras peças de máquina, escravos dos outros, meios para certos fins. Não eram considerados como pessoas, cujos direitos deviam ser respeitados. Este era, e ainda é, um dos magnos problemas da civilização.

Henrique C. King diz, com muita razão: "-Respeito e reverência à pessoa humana é o princípio capital da ética e da religião; constitui isso a melhor e a verdadeira pedra de toque do indivíduo como da civilização; tem sido, mesmo inconscientemente, o princípio diretor e determinador de todo o progresso humano; c em sua interpretação religiosa repousa a única promessa que dá significado e valor à vida."

Nos dias de Jesus, os escribas, os fariseus e os saduceus tratavam com desprezo os publicanos e os pecadores, e se consideravam tão bons e justos que não podiam suportar a presença deles, chegando mesmo a censurar a Jesus por andar na companhia deles. Os gentios eram tidos pelos judeus como estranhos e pagãos, indignos das bênçãos divinas e fora do alcance das atividades missionárias.

Jonas não foi o único a repudiar a idéia da conversão e salvação doutros povos, não. Os judeus não queriam nem conversa com os samaritanos! As mulheres virtualmente eram escravas dos homens, e de contínuo tinham que andar de rosto coberto e guardar silêncio em público, e costumava-se em certas nações dar filhas em casamento sem o consentimento delas. Os filhos quase não tinham direitos nenhuns, e as crianças fracas no físico, notadamente do sexo feminino, cm certas regiões eram abandonadas no campo ou em desertos, para serem devoradas por feras. Certos grupos sociais eram tidos como gente inferior, e o negro então, como ainda em muitos lugares hoje, era considerado bem apenas "para derrubar árvores e baldear água".

Os ensinos do Mestre, porém, contribuíram imenso para modificar esse estado de coisas e essas atitudes erradas. "Jesus reconheceu e enfatizou o valor

do homem, como nenhum outro mestre havia feito." Recusou condenar a mulher apanhada em adultério, e ensinou uma de suas maiores lições à decaída com quem se encontrou junto ao poço de Jacó. Ele inculcou a verdadeira fraternidade, quando pintou o quadro do samaritano acudindo e socorrendo a um judeu roubado e semi-morto à beira da estrada. Seus ensinos colocaram a mulher no mesmo nível do homem e desencadearam aquelas influências que resultaram no direito de voto e de cargos públicos às mulheres, bem como no direito de participarem de atividades eclesiásticas e denominacionais. Jesus colocou a criança no meio deles como exemplo de humildade, censurou os que impediam que lhe trouxessem crianças, frisou o horror de se pôr pedras de tropeço no caminho delas, e deu asas às influências que as colocaram no centro de toda a obra educacional.

O ensino de Jesus levou o mundo a ver que Deus não faz acepção de pessoas, que "vermelhos e amarelos, pretos e brancos, todos são muito preciosos a seus olhos", e que a ninguém assiste o direito de possuir ou escravizar a outrem. A Parábola do Filho Pródigo mostra-nos o interesse e o cuidado que Deus tem para com todas as pessoas. Os ensinos de Jesus nos induzem a reverenciar a pessoa humana, virtude que é basilar em todas as relações justas e retas de homem para homem. Em primeiro lugar estão pessoas, e não coisas.

2. ***Transformação de Vidas***

Jesus disse que viera para pôr em liberdade aqueles que estavam presos. A regeneração era o próprio cerne de sua tarefa. As gargalheiras do pecado seriam quebradas e a alma humana estaria livre. A libertação e a transformação de almas eram pontos capitais de sua obra. Pedro foi transformado, e seu caráter, dantes impulsivo e instável, foi modificado radicalmente, tornando-se pessoa firme, corajosa e confiante no Mestre. João, jovem de cabeça quente que era, tornou-se um ancião amado e cheio de amor. Tiago adquiriu no contato com o Mestre aquela fibra e estofa de que se fazem os mártires. O caráter de Mateus foi reformado. Saulo, o perseguidor, tornou-se Paulo o perseguido apóstolo aos gentios. Zaqueu, o ganancioso cobrador de taxas, tornou-se "o primeiro filantropo cristão, dando metade de seus bens aos pobres e devolvendo quadruplicadamente o que houvera cobrado ilegalmente". Uma decaída, transformada, tornou-se missionária do seu povo. Estes, e muitos outros mais, foram transformados e depois enviados a anunciar as Boas-novas. "Onze homens, feitos de novo, incessantemente marcharam com o seu espírito, para incontáveis milhões de batalhas em favor da Verdade Divina... onze dos maiores benfeitores da raça humana."

O que é verdade acerca desses que ele ensinou durante seu ministério terrestre é também verdade acerca daqueles que, depois de sua morte, receberam a influência de suas lições e do seu espírito. Através dos séculos se nota a presença dessa corrente viva e contínua de discípulos transformados, que continuam a moldar o destino do mundo. Agostinho, de pecador inveterado e desabusado, foi feito um cristão fiel e piedoso, e com seus ensinos e escritos influenciou por séculos o pensamento cristão. Abelardo apanhou o espírito do Mestre e, por seus ensinos na Universidade de Paris, fez do cristianismo uma religião pensante e preparou o caminho para a Reforma. Lutero apanhou claramente suas ideias e, como professor, escritor e líder, realizou a Reforma e mudou a marcha da civilização.

O espaço não nos permite falar de Comenius e da educação morávia, de Roberto Raikes e do glorioso movimento das Escolas Bíblicas Dominicais, de Francisco Clark e do trabalho de jovens, e doutros mais como Wesley e Moody e Kágawa. Esses caracteres transformados, na verdade, "venceram reinos, praticaram a justiça" e mudaram o curso da história. A vida deles prova o poder transformador da presença e habilitação de Cristo.

Aquilo que eles fizeram sob a liderança de Deus, nós que hoje ensinamos podemos também fazer. De nossas classes podem sair personalidades modificadas que serão uma bênção para a família, para a Pátria, para a igreja e para o mundo. Aquele velho presbítero de certa igreja presbiteriana, ao tomar uma classe de Escola Bíblica Dominical composta de cinco alunos problemáticos, mal podia imaginar que um dia um deles seria famoso médico; outro, presidente duma universidade; outro, governador de Estado; outro, presidente da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte; e o último, missionário em terras estranhas. Suas lições mudaram vidas, e liberaram influências que rodearam o mundo. Pela graça de Deus, também nossos alunos de hoje podem ser amanhã homens como aqueles. "Não conhece limites a obra que pode ser realizada por um homem que de modo absoluto se põe nas mãos de Deus, para fazer a sua vontade."

3 . ***<u>Incentivo para Reformas</u>***

Conquanto não se possa afirmar que Jesus fosse propriamente um reformador social, é claro que seus ensinos e atitudes produziram as maiores reformas sociais da história. À medida que seus ensinamentos foram permeando a vida humana, iam fazendo o povo ver que certos males eram grandes erros e desvios e que deviam ser abolidos. Assim, indiretamente, mais que diretamente, o Mestre desencadeou os maiores movimentos reformadores da sociedade humana, sendo este de fato o melhor processo para se conseguir tal finalidade. A emancipação da mulher, o reconhecimento dos direitos da criança e a ênfase sobre o valor da pessoa humana, sem olhar para cor de sua pele, foram até certo ponto movimentos de reforma que se inspiraram positivamente nos ensinamentos

de Jesus. Temos progredido bastante para derribar por terra o espírito de classe e de casta, ajudando gente de todas as classes e cores a se tratarem como irmãos. Até mesmo guerras mundiais nivelam diferenças e unem grupos heterogêneos.

Mas os ensinos do Mestre também estimularam a inauguração de certas reformas sociais bem definidas. A Reforma se fez, em sua mor parte, por causa do reconhecimento dos direitos do indivíduo e do desejo de acabar de vez com a tutoria da Igreja sobre o Estado, de modo que este pudesse livremente pensar c agir por si. A escravatura foi abolida só depois que William Lloyd Garrison, Harriet Beccher Stowe e outros mais salientaram o valor que a Fé Cristã dá à liberdade humana, e então o sentir do povo subiu a tal ponto que a civilização já não mais pôde tolerar que um indivíduo escravizasse outro.

A proibição de bebidas alcoólicas veio.depois que professores de Escolas Bíblicas Dominicais deram por toda uma geração lições trimestrais sobre a temperança, e então a humanidade percebeu que aquilo que prejudica o corpo rebaixa também a alma; e, daí, se responsabilizou a sociedade por colocar a tentação no caminho de seus cidadãos. Uma organização eficiente para a paz mundial será verdadeira realidade, não através de diplomatas e políticos reunidos ao redor duma mesa de paz, e, sim, através de mestres cristãos que em todas as pátrias formem, nas classes de Escolas Bíblicas Dominicais e nas escolas públicas, cidadãos que compreendam e pratiquem a sacrossantidade da vida humana. Cada grande movimento reformador se tem inspirado nos ensinos do Mestre dos mestres.

Aquilo que foi verdade no passado continuará a sê-lo no futuro. A proibição do fabrico e da venda de bebidas alcoólicas voltará a ser lei e será uma coisa efetiva quando os professores de Escolas Bíblicas Dominicais tiverem formado uma geração de votantes saturados pelo glorioso ideal da temperança. Os abusos do Estado contra os direitos individuais, nas questões econômicas, acabarão em definitivo quando os cidadãos compreenderem que sua liberdade está perigando. E a imoralidade só será conjurada quando os mestres chamarem a atenção do povo para seus grandes males e para a necessidade de pureza na vida. Como disse W. J. Bryan: "A carta da liga das nações (das Nações Unidas) não valerá o papel em que foi escrita, se não se inspirar no espírito de Cristo."

4. ***Melhoria das Instituições***

Antes da vinda de Jesus, o lar era coisa de pouca estima. A não ser entre os judeus, o lar era construído sobre bases péssimas, tendo o pai autoridade absoluta sobre todos da casa, e os direitos *da* filhos eram nulos. Moisés, por causa da dureza do coração do povo permitira ao homem divorciar-se de sua

esposa, praticamente por qualquer motivo. Com o Mestre a coisa era diferente. Devido à própria natureza do casamento, ele o considerou um laço indissolúvel, e permitiu o divórcio com um novo casamento legítimo só em caso de adultério. Assim, com este seu ensino, a instituição do matrimônio foi elevada a um plano muitíssimo superior. O matrimônio atingirá esse plano e o divórcio será conjurado, só quando os professores cristãos levarem a nova geração a reconhecer o caráter sagrado do lar e dos votes matrimoniais.

A princípio, o Estado era tido como um fim em si — como uma instituição todo-poderosa, com autoridade absoluta sobre seus súditos. Assim era quando Jesus veio, notadamente para os desalmados imperadores romanos. Isto se repetiu, nos últimos anos, no regime nazista, no fascista e no Japão imperialista, e vimos como milhões de vidas foram sacrificadas por não se sujeitarem ao despotismo. Existe isso ainda, em não pequena escala, em nosso pais (E.U.), através da tendência governamental para o estadismo e o controle estatal.

Mas o Mestre assim não pensou, nem isso ensinou. Ensinou, sim, que o homem não foi feito para o sábado, nem para qualquer outra instituição. Ele denunciou a arregimentação feita por escribas e fariseus com regulamentos de práticas assaz difíceis e penosas. O progresso da democracia (governo do povo pelo povo) deve-se a seus ensinos, e a continuação e preservação desse sistema depende da extensão c do domínio dos ensinos de Jesus nos países da terra. O mestre é o verdadeiro guardião da sociedade, e o progresso da civilização depende da batalha em que estão empenhados os mestres-escolas.

Na Parábola dos Talentos, Jesus mostrou que todos devem trabalhar. Doutra feita, disse que digno é o trabalhador de seu salário. Ensinou também que a verdadeira grandeza depende do serviço que prestamos. Os privilégios de que gozam hoje os trabalhadores, tanto de participar na administração de indústria como nos seus lucres, em grande parte são resultados dos ideais pregados pelo Mestre, hoje aplicados aos negócios. Influentes homens de negócios, do tipo de João Wanamaker, Marshall Field e James L. Kraft, se inspiraram nos ensinos e no espírito do Mestre dos mestres.

5 . ***Saturação da Literatura***

A literatura mundial não tem sido a mesma, depois da vinda do Mestre. Inúmeros livros se escreveram exclusivamente sobre Jesus. E tais livros praticamente tratam de cada uma das fases de sua vida, incluindo sua infância e preparo para a vida, suas conquistas, ensinos, métodos de ensino, sua morte vicária, o progresso de sua causa, sua influência em vários setores do pensamento, c de muitos outros aspectos de sua vida. Os volumes e artigos de revistas que tratam de sua pessoa constituiriam gigantesca biblioteca. Certo

escritor organizou uma bibliografia de tudo que se tem publicado sobre Jesus e arrolou mais de 5 mil livros e artigos que tratam de alguma fase de sua vida e obra.

Muitas línguas foram reduzidas a escrito para levar avante as palavras de Cristo. Nenhuma outra pessoa já ocupou lugar tão proeminente na literatura mundial. Alguns livros que tratam de Jesus tornaram-se literatura mundial. Alguns livros que tratam de Jesus tornaram-se verdadeiros "best-sellers". Este lugar de destaque na literatura mundial é coisa assaz notável mormente quando lembramos que Jesus parecia não ligar muita importância à sua própria autoridade, e que nada escreveu, exceto algumas palavras no chão. A despeito de não haver deixado nada escrito, Jesus é mais citado do que qualquer escritor que já viveu neste mundo.

Um dos exemplos mais interessantes da influência do Mestre na literatura é o grande número de citações que os poetas fazem de suas sentenças e ensinos, ou de alusões ao que ele disse. A senhorinha Cintia Pearl Maus nos dá 229 citações de palavras de Cristo, em seu livro *Christ and the Fine Arts.* Grande parte da poesia dos maiores escritores mundiais está saturada de ideias de Jesus. Especialmente as obras de Milton, Browing e Tennyson. Este último disse: "Aquilo que o orvalho é para a rosa, Jesus Cristo é para a minha alma". Grande porcentagem dos 730 poemas contidos no livro *The World's Great Religious Poetry,* de Carolina S. Hill, tem alguma relação com Jesus.

Também escritores do campo da Teologia, da Ética, da História Geral, da História da Educação, da Psicologia, da Sociologia, e doutros mais campos do pensamento, se têm estribado muito c muito nos ensinos do Mestre dos mestres.

Não só pregadores e preletores que citam seus ensinos e palavras; também políticos e legisladores citam sentenças de Jesus para dar ênfase ao que afirmam. Não é exagero dizer que os ensinos do Mestre hão permeado e saturado os escritos e pensamentos da civilização nestes últimos dois mil anos. Nenhum outro mestre pode pleitear o lugar que Jesus ocupa na literatura mundial.

6 . ***A Influência nas Artes***

A influência do Mestre nas artes tem sido tão grande quanto na literatura. Jesus deixou nas artes também uma impressão indelével e universal, notadamente no campo da música. Muitos compositores mundialmente conhecidos, como Fannie Crosby, levaram a vida toda escrevendo hinos de louvor a Cristo, e multidões sem número erguem suas vozes em toda a parte em louvor universal ao Mestre dos mestres. Soldados destacados em lugares e ilhas

distantes só podem entrar em contado com tribos selvagens por meio da letra e música de hinos cristãos. Os belíssimos oratórios de Bach, Haydn, e Haendel foram escritos para louvar a Jesus, e têm sido cantados em catedrais e, por meio do rádio, levados a atenciosos ouvintes nas mais longínquas extremidades da terra. Ninguém pode calcular a influência do "There Is a Fountain Filled with Blood", do "Alas! and Did My Saviour Bleed!" e do "Amazing Grace".

Semelhantemente, as obras-primas dos maiores pintores foram inspiradas pela vida de Jesus, quando não se dedicaram eles a nos dar o seu retrato. Isto é verdade notadamente no que respeita a Tissot, Rafael e Rembrandt, tendo o primeiro destes passado a maior parte de sua vida a pintar cenas da vida do Mestre. Tais quadros têm um tremendo valor didático em si mesmos, visto que muito do nosso conhecimento nos vêm pelos olhos. Quem poderá estimar a influência dum quadro como *Cristo e as Crianças,* de Plockhorst, como a *Crucificação,* de Van Dyck, e como *O Juízo Final,* de Miguel Ângelo. Mesmo filmes de grande custo foram produzidos para nos contar a vida e a obra do Mestre enquanto esteve na terra. Tire-se Jesus das telas do mundo, e a arte por certo definhará a olhos vistos.

A influência de Jesus na arquitetura não é menos notável, especialmente a que se relaciona com grandes catedrais. E isso tem continuado através da história do cristianismo. Os estilos têm mudado de tempo em tempo, de acordo com a mutável concepção da igreja e sua obra, mas tais mudanças sempre se deram visando maior beleza, grandeza e serviço. As mais lindas estruturas arquitetônicas erigidas através dos séculos em várias nações são de catedrais construídas para cultuar a Cristo. Notáveis, dentre muitas, são as de Reims, São Pedro e a Abadia de Westminster. Da mesma forma, a escultura, tanto interior como exterior, das catedrais foi influenciada por ele. Os católicos romanos têm até exagerado no esculpir imagens de Cristo, especialmente do Cristo crucificado. E até; nalgumas catedrais isso tem sido levado muito longe, e encontramos entalhaduras monumentais como a do Juízo Final na Catedral de Bourges, na França.

7. ***Inspiração da Filantropia***

Embora nada possuísse de seu, embora pareça ter falhado no querer levar o jovem rico a distribuir sua riqueza, e embora houvesse condenado severamente aqueles que andavam empós dos bens materiais, Jesus alcançou grande êxito em inspirar os proprietários e capitalistas a distribuir o que tinham, para socorrer as necessidades de seus semelhantes e disseminar o Reino de Deus. Sherwood Eddy diz: "Jesus não teve riquezas.

Ao morrer, só possuía, de seu, uma túnica inconsútil. Não temos registro de ele haver alguma vez na terra pedido alguma coisa para si, a não ser um pouco de água fria, que lhe negaram. Ele nada tinha, nada pedia e deu tudo... Jesus censurou o rico... Não obstante, fortunas foram atiradas a seus pés, e ele, mais que todos os outros, inspira, estimula e encaminha as ofertas mais que nobres e filantrópicas de todo o mundo de hoje." Os homens têm se despojado de milhões e milhões por causa do seu exemplo e ensinos.

Isto foi gloriosa verdade nos primeiros séculos, quando homens e mulheres de grandes posses venderam ou abriram mão de suas propriedades; tomaram votos de pobreza, castidade e obediência; foram habitar em cavernas, em tocas e em claustros, para tentar viver uma vida reta e piedosa. É gloriosa verdade ainda em nossos dias, quando homens como Caenegie, Rockefeller, e Hardin separam grande parte de sua fortuna para bibliotecas, escolas e hospitais, porque os ensinos e o espírito de Jesus de tal modo perturbaram suas consciências que não ousaram sair deste mundo cem todas aquelas riquezas em suas mãos. Por toda parte, Jesus vem inspirando homens e mulheres a empregarem sua riqueza para a sua glória. Só Jesus levou a humanidade a ver que é melhor dar do que receber. A sociedade mais se enriquece e mais fortifica seu caráter quando pratica o que Cristo ensinou com sua palavra e exemplo: dar é melhor que receber.

Hospitais e casas de saúde, orfanatos e asilos de velhos, colégios e universidades cristãs, tanto na Pátria como em terras estranhas, brotaram do espírito filantrópico gerado pelo Mestre. E mesmo aqueles criados e mantidos pelo Estado e pelas municipalidades indiretamente provieram do espírito cristão. Não se exagera ao afirmar que tudo quanto de altruísta vemos nos empreendimentos governamentais em prol do bem-estar e segurança social se deve ao ensino de Jesus, que disse que devemos amar nossos irmãos como a nós mesmos. Jesus, na verdade, é o maior Filantropo de todos os tempos. É nós todos somos os beneficiários das dádivas que ele inspirou.

8 . ***Inspiração para Servir***

Juntamente com o espírito de filantropia vem a inspiração para servir, força que leva o indivíduo a se esquecer de si, das facilidades, do conforto, do lucro egoístico, para dedicar seu tempo, talentos e energias à ajuda dos necessitados. Inspirados pelo exemplo de Jesus, muitos hão abandonado a comodidade e o luxo da civilização, para arriscar a saúde e a vida na nobilitante tarefa de levar sua mensagem nas regiões mais distantes da terra aos que vivem nas trevas e na depravação. Livingstone, Judson e Grenfell são exemplos empolgantes e arrebatadores. Jamais grandes mestres, como Sócrates, Epicteto, Abelardo ou outros mais, conseguiram isso. E, qual o resultado? "Tribos selvagens receberam nova inspiração e vida, canibais foram civilizados, caçadores de cabeças se converteram, fundaram-se escolas e colégios, e o caráter e a cultura de

indivíduos e povos foram mudados de modo radical." Todo o esforço missionário é um monumento vivo da inspiradora influência de Jesus. Grupo algum de homens da história jamais conseguiu equiparar--se, e muito menos se pôr acima dos heróicos missionários de Cristo, pelo seu espírito sacrificial no serviço de toda a humanidade.

O que é verdade a respeito das missões estrangeiras também o é no que toca a outras esferas de serviço. A organização da Cruz Vermelha, que ministra e socorre doentes e necessitados em tempos de peste, de calamidades e inundações, que atende a feridos e moribundos em tempos de guerra — dando, muitas vezes, sua própria vida para tal — foi inspirada no ensino e serviço de Jesus. As missões de libertação de perdidos e viciados, nos bairros de pecado e de má fama de nossas cidades, bem como o serviço de centros sociais nos cortiços, se inspiraram na mesma fonte. Vidas consumidas no serviço de asilos de inválidos, de orfanatos, de hospitais, em benefício de doentes do corpo, da mente c da alma, são inspirados por esse mesmo espírito de Cristo.

Clara Barton, Francisca Willard e Jane Adams são brilhantes e sugestivos exemplos de servas da humanidade, motivadas pelo espírito do Mestre. Após observar o dia todo o próprio filho empenhado escrupulosamente na prática da medicina, a socorrer pobres e necessitados, e depois pesarosamente lhe dizerem que aquela profissão renderia pouco dinheiro, o velho lavrador disse: "Meu filho, eu daria tudo para poder servir assim aos outros. Vá avançando, praticando cada vez mais. Voltarei para a fazenda e ganharei o suficiente para sustentar nós dois." Quando morria Luís Pasteur, o famoso cientista, segurou fortemente com a mão uma cruz e, orando, pediu que suas descobertas nunca fossem empregadas para prejudicar a humanidade. E alguns daqueles que ajudaram a fabricar a bomba atômica se entristeceram mortalmente por a terem descoberto.

Sherwood Eddy assim resume: "Concedeu-se a Jesus menos de três anos para realizar sua obra; pouco mais de um ano em seu ministério público, e um ano em retiro, preparando seu enternecedor pugilo de discípulos. Foi eliminado ainda em plena mocidade, contando pouco mais de trinta anos. Sócrates ensinou durante quarenta anos; Platão, cinqüenta; Aristóteles viveu bastante, e encheu bibliotecas com sua erudição; Buda e Confúcio viveram seus setenta anos. Jesus viveu no meio dum povo moído e esmagado, viveu sob um legalismo opressor, sempre visceralmente contrariado e odiado por escribas e fariseus, e acabou traído por judeus e crucificado por gentios. Não deixou nenhum livro, nenhum tratado, nem sequer uma página escrita! Não nos legou nenhum sistema, nem filosofia, nem teologia, nem legislação. Não teve exércitos, nem cargo publico, não buscou ser influente, e sempre voltou suas costas para posições, para o poder, para exibições de milagres baratos... No entanto, viera para transformar o fanático judeu c universalizar sua religião; para mostrar ao filósofo grego a suma verdade; para vencer o orgulhoso romano e colocar no estandarte dele uma cruz,

em vez de uma águia; para estender sua mão aos grandes continentes — à Ásia, à bárbara Europa, à obscurecida África, à América — e assim transformá-los."

E outro escritor acrescenta: "Sei perfeitamente o que digo, quando afirmo que, reunindo-se todos os exércitos já organizados a todas as armadas já construídas e a todos os parlamentos já convocados, e a todos quantos hão reinado neste mundo, é certo que todos juntos não conseguirão afetar a vida humana sobre a face da terra como esta solitária personalidade o fez." Jesus, o Mestre dos mestres medido por qualquer estalão, indubitavelmente é o maior mestre do mundo. Humildemente devemos seguir suas pisadas, e "fazer discípulos de todas as nações, batizando-os... e ensinando-os a observar todas as coisas que vos tenho mandado" (Mat. 28:19,20).

Sugestões auxiliares para o ensino do nono capítulo

Esboço no Quadro-negro

1. Valorização e Elevação da Pessoa Humana
2. Transformação de Vidas
3. Incentivo para Reformas
4. Melhoria de Instituições
5. Saturação da Literatura
6. Influência nas Artes
7. Inspiração da Filantropia
8. Inspiração para Servir

Tópicos para Discussão

1. Como Jesus transformou a vida?
2. Mencione outras reformas operadas pelo cristianismo.
3. Contraste o lar de terras cristãs com o de terras pagãs.
4. Mencione três poemas que chamam a atenção para Jesus.
5. Cite cinco hinos famosos que nos falam de Jesus.
6. Apresente outros resultados do ensino do Mestre.

Perguntas para Revisão e Exame

1. Como a pessoa humana foi valorizada c exaltada por Jesus?
2. Discuta como Jesus contribuiu para o melhoramento das instituições sociais.
3. Que reformas foram estimuladas por Jesus?